



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE

ELYDIANA DE SOUZA SOARES

**A CADEIRA DE BALANÇO ESTÁ VAZIA:
os papéis sociais dos idosos participantes de grupos de
convivência na cidade de Fortaleza**

FORTALEZA – CEARÁ
2010

ELYDIANA DE SOUZA SOARES

A CADEIRA DE BALANÇO ESTÁ VAZIA:
os papéis sociais dos idosos participantes de grupos de convivência
na cidade de Fortaleza

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade
da Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hermano Machado Ferreira Lima

FORTALEZA – CEARÁ
2010

S676c

Soares, Elydiana de Souza

A cadeira de balanço está vazia: os papéis sociais dos idosos participantes de grupos de convivência na cidade de Fortaleza / Elydiana de Souza Soares — Fortaleza, 2010.

162 p.

Orientador: Prof. Dr. Hermano Machado Ferreira Lima.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará.

1. Velhice. 2. Idoso. 3. Papéis sociais. 4. Grupos de convivência. I. Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade.

CDD: 362.6

**A cadeira de balanço está vazia:
os papéis sociais dos idosos participantes de
grupos de convivência na cidade de Fortaleza**

Elydiana de Souza Soares

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade – MAPPS da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Hermano Machado Ferreira Lima
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Profa. Dra. Maria Helena de Paula Frota
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Profa. Dra. Vilma Maria Barreto Paiva
Universidade Federal do Ceará – UFC

FORTALEZA – CEARÁ
2010

Aos meus pais,
pelo apoio incondicional aos meus desejos acadêmicos!
Que suas velhices sejam felizes.

Aos que tem paixões e que as tornam amores,
os quais passam a nortear suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Evaristo e Luiza**, pelo amparo em todas as horas, pelo exemplo de honestidade e bravura, pela dedicação e pelo respeito. Muito obrigada por tudo, sem vocês tudo teria sido mais difícil.

À minha irmã, **Evilania**, pela amizade, pelo companheirismo, pelas palavras de incentivo e, sobretudo, pelas longas discussões sobre o Serviço Social e a questão da velhice, que muito contribuíram para a minha vida acadêmica e para a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, **Hermano**, por aceitar o desafio de compartilhar a busca pelas respostas às minhas indagações. Pela paciência diante de minhas dificuldades, pelo respeito às minhas ideias e pela serenidade, própria de sua sabedoria, em conduzir-me no exercício da pesquisa.

À professora **Helena**, pelo acolhimento e pela orientação a mim destinados desde o segundo semestre da graduação em Serviço Social. Obrigada pelos estímulos intelectuais que sempre me permitiram ir além do esperado.

À professora **Wilma**, pela compreensão e pela disponibilidade nos momentos mais cruciais para a conclusão do Mestrado. E pelas substantivas críticas e sugestões feitas na banca de qualificação.

À assistente social **Francisca** (SER III) e **Mirla** (coordenadora do PABI), por facilitarem o acesso ao campo da pesquisa.

Às educadoras sociais dos grupos de convivência, que gentilmente nos receberam nas visitas iniciais aos grupos e em especial à educadora **Graça**, que nos acompanhou em todas as visitas de campo ao Grupo de Convivência Aloísio Ximenes, intermediando o contato com os idosos deste Grupo. E também à assistente social **Margarida**, por partilhar conosco seus conhecimentos acerca dos idosos aqui pesquisados e por sempre nos integrar nas atividades realizadas no Grupo de Convivência Francisca Firmo. Vocês foram, sem dúvida, as peças fundamentais para a viabilização desta pesquisa.

Aos idosos interlocutores desta pesquisa, por permitirem adentrar em suas casas, acompanhar-lhes nas ruas e conhecer um mundo onde os idosos são os atores de suas próprias vidas.

Aos meus amigos **Ana Livia, Auricélio, Diego Gadelha, Henrique, Ivna, Javan e Natasha**, por me ensinarem o valor da amizade entre sorrisos, abraços, lágrimas, discussões e brigas. Viver, com certeza, é mais divertido com vocês por perto! Obrigada pelos prudentes conselhos e incentivos.

Aos meus amigos **Douglas, Fernando, Leonor, Ivan, Mayara e Katyuska**, por entenderem minhas ausências, pela atenção e cuidado a mim destinados. E por deixarem minha vida mais leve e colorida. Estar na presença de vocês é sempre relaxante e inspirador.

Às minhas amigas **Camila Holanda** e **Paula Marcelle**, por serem anjos e conselheiras, tornando as dificuldades da vida mais amenas. Obrigada por me ensinarem a sonhar mais e acreditar que, mesmo diante de inúmeras dificuldades, a vitória é possível.

Aos amigos **Nathan** e **Robson**, pela assessoria mais que especial em relação aos cálculos e aos textos em inglês contidos neste trabalho. Obrigada meninos, a ajuda de vocês foi de grande valia.

Aos amigos **Gabriel Portugal** e **Júlio Ximenes**, pela lembrança diária que os melhores resultados são obtidos quando se tem paciência no processo de construção. E por terem sido meus melhores ouvintes e confidentes.

Aos amigos **Amanda Diógenes**, **Cícera**, **Mário** e **Sarah**, por me presentear, constantemente, com palavras e olhares de incentivos. Obrigada por acreditarem nas minhas possibilidades, mesmo eu duvidando da existência delas.

Aos companheiros de Mestrado, em especial **Cíntia Fonseca**, **Letícia**, **Luiza**, **Aline**, **Ana Paula Fagundes**, **Meirejane**, **Marco**, **Thaís** e **Nilbío Thé**, por tornarem as aulas do mestrado mais divertidas e interessantes. Pelo compartilhamento das discussões teóricas pertinentes à suas áreas de estudo, que muito contribuíram para ampliar meu conhecimento sobre os seres humanos e suas relações. E, principalmente, pelas sugestões de aprimoramento dadas ao meu projeto de pesquisa inicial.

Às assistentes sociais **Enoe Araripe** e **Leonice Teixeira**, por terem sido meus exemplos éticos no fazer diário do Serviço Social e por serem minhas referências de profissionalismo e respeito no trato à questão social do idoso.

*A velhice (tal é o nome que os outros lhe dão)
pode ser o tempo de nossa felicidade.*

Jorge Luís Borges

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral verificar e analisar os “novos” papéis sociais assumidos pelos idosos dentro e fora do contexto familiar. Para tanto, elegemos como *locus* empírico de nossa pesquisa os idosos integrantes dos Grupos de Convivência pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza, situados na Secretaria Executiva Regional III – SER III. Inicialmente, realizamos visitas exploratórias a todos os cinco Grupos de Convivência pertencentes à SER III, com os objetivos de conhecer as peculiaridades de cada grupo e de realizar entrevista semi-estruturada com as Educadoras Sociais, responsáveis pela execução das atividades junto aos idosos, a fim de compreender questões relacionadas à dinâmica grupal e o perfil básico dos idosos membros dos grupos, focando nos seus papéis sociais e nas suas relações familiares. Após as visitas e entrevistas, selecionamos dois Grupos que fizeram parte dos seguintes passos metodológicos, a saber: observação participante nos encontros dos Grupos e entrevista semi-estruturada com os idosos e familiares, que foram selecionados tendo em vista os objetivos anteriormente listados. Os idosos aqui estudados trouxeram exemplos significativos de que a transição da vida adulta para a velhice nem sempre é acompanhada pela perda de certos papéis sociais atribuídos aos adultos, como o cuidado com os filhos, com a casa e o trabalho remunerado. Em consequência, temos a cadeira de balanço vazia e os idosos cheios de funções, as quais deixam seus cotidianos atribulados e geram a exigência de organização de seu tempo. A novidade dos papéis contemporâneos das mulheres idosas está no fato de suas principais funções serem exercidas dentro de suas casas. Elas conquistaram espaço não só dentro de sua residência, constituindo-se em peças basilares para a dinâmica da reprodução familiar, mas também fora desta, sendo protagonistas em atividades religiosas e dentro dos grupos de convivência. Quebrando as expectativas sociais direcionadas a eles, os homens idosos permaneceram em suas ocupações remuneradas fora de casa e, além disso, puderam experienciar duas novas posições relacionadas aos trabalhos domésticos e às atividades em grupos de convivência. A novidade nos papéis sociais dos velhos homens está na ocupação destes dois últimos espaços que até então eram de propriedade exclusiva do sexo feminino.

Palavras chave: Velhice, Papéis sociais, Família e Grupo de convivência

ABSTRACT

This study aimed to verify and analyze the "new" social roles assumed by older people inside and outside of the family context. To this end, we choose as the locus of our empirical research, the elderly who are members of the Living Groups belonging to city of Fortaleza, located in the Regional Executive Secretary III - SER III. Initially, we conducted exploratory visits to all five Living Groups belonging to SER III, aiming to meet the peculiarities of each group and to realize semi-structured interviews with the social educators, responsible for carrying out activities with the elderly in order to understand issues related to group dynamics and basic profile of the elderly members of the groups, focusing on their social roles and their family relationships. Following the visits and interviews, we selected two groups that were part of the following methodological steps: participant observation at meetings of the groups and semi-structured interviews with the elderly and their families, who were selected in view of the objectives previously listed. The elderly studied here have brought significant examples of the transition from adulthood to old age is not always accompanied by the loss of certain social roles for adults, such as child and house care and paid work. Consequently, we have the rocking chair empty and the elderly full of roles, which makes their everyday busy and generate demand to organize their time. The novelty of the contemporary roles of older women is in fact its main functions are performed within their homes. They gained ground not only within your home, thus becoming basic parts to the dynamics of family reproduction, but also beyond, playing a leading role in religious activities and within the living groups. Breaking the social expectations directed at them, the old men remained in their gainful occupations outside the home and, moreover, could experience two new positions related to domestic work and activities in living groups. The novelty in the social roles of older men is in occupation of the latter two areas that were previously the sole property of women.

Keywords: Old age, Social roles, Family and Support group

SUMÁRIO

I. Introdução	13
II. A chegada ao campo e a escolha dos sujeitos: em cena os idosos dos Grupos de Convivência da SER III	18
II.1 <i>Há momentos para falar e momentos só para ouvir: Percorrendo os caminhos do concreto em busca dos sujeitos da pesquisa</i>	21
II.1.1 Centro de Referência da Assistência Social Bela Vista	22
II.1.2 Centro Comunitário Aloísio Ximenes	26
II.1.3 Salão do Idoso Presidente Kennedy	32
II.1.4 Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura	37
II.1.5 Centro Comunitário Governador César Cals	41
II. 2 A política pública municipal dos Grupos de Convivência na cidade de Fortaleza e as peculiaridades dos Grupos escolhidos para a pesquisa	46
II.2.1 Centro Comunitário Aloísio Ximenes	52
II.2.2 Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura	59
III. Tecendo as tramas do arcabouço teórico sob a ótica empírica: discussões acerca do envelhecimento, velhice e papéis sociais	65
III. 1 Os números que revelam a velhice: reflexões acerca da condição do ser velho no contexto brasileiro	65
III. 2 Tempo de envelhecer e de construir o “ser velho”	72
III. 3 Papéis sociais em Ralf Dahrendorf e o idoso enquanto <i>Homo Sociologicus</i>	87
IV. Famílias e papéis sociais dos idosos	103
IV.1 Percorrendo novos caminhos entre os grupos de convivência, as ruas e as casas.....	103
IV.1.1 <i>Com licença, posso entrar? Os idosos, suas famílias e suas casas</i>	106
IV.1.1.1 Centro Comunitário Aloísio Ximenes	106
IV.1.1.2 Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura	113
IV. 2 Família: <i>lócus</i> das relações de gênero e intergeracionais	117
IV. 3 O lugar da velhice: reflexões sobre os papéis sociais dos idosos na contemporaneidade	133
V. Considerações Finais	149

VI. Bibliografia	154
VII. Anexos	158
VIII. Apêndice	162

I. Introdução

*Perdida a minha mão de espuma
abrindo de leve esta porta assim.*
Caio Fernando Abreu

O crescente envelhecimento populacional, registrado em todo o mundo desde o início do século XX, tem colocado no centro das discussões científicas e políticas a condição social atual e futura das pessoas idosas. Mais por sua visibilidade numérica do que pelo seu prestígio cultural, este público etário vem despertando o interesse da comunidade e do Estado por conta das alterações ocasionadas por sua presença constante em espaços públicos e privados; tais alterações se processam tanto em nível doméstico – onde o raro é encontrar famílias que não possuam um membro considerado idoso – quanto público, suscitando a necessidade de intervenção do poder público nas mais diferentes áreas como transporte, saúde, lazer, economia, etc.

Nosso despertar para o estudo da temática do idoso possui relação direta com aquela aparição cotidiana dos idosos nos espaços públicos, pois foi uma visita a um Grupo de Convivência de idosos que causou em nós a inquietação para pesquisar tal assunto. A visita deu-se quando cursava o segundo semestre da graduação em Serviço Social, mais precisamente em 2001, com o objetivo de auxiliar minha irmã na execução de um projeto de extensão junto aos idosos pertencentes ao Grupo de Convivência do Teatro São José situado na cidade de Fortaleza. Durante tal visita, pude observar o comportamento excêntrico daqueles idosos que nada se pareciam com a imagem detida em minha mente a respeito das pessoas velhas: doentes, apáticas, rancorosas e próximas da morte. Chamou-me atenção a leveza e a alegria daquelas pessoas de cabelos brancos e sorrisos sinceros que participavam da atividade promovida por minha irmã; aparentemente sadias e com facilidade de locomoção, aquelas pessoas em quase nada se assemelhavam à ideia generalista e pré-concebida que possuía sobre aquela faixa de idade. A partir daí, incorri na *dúvida radical* de Pierre Bourdieu (2006) e me questionei porque aquelas pessoas idosas não correspondiam diretamente à imagem que eu possuía a respeito delas? Como pode a representação social habitada no meu imaginário e construída pela própria sociedade não possuir

equivalência com aquela real que se desnudava diante de meus olhos? Respondi que algo estava errado e que cabia a mim, enquanto estudante de Serviço Social e futura pesquisadora, descobrir o motivo desta incompatibilidade de imagens.

Assim, durante todo o curso, orientei minhas atividades¹ a discussão sobre a velhice e o envelhecimento. Dentre estas atividades, destaco, pela sua primordial importância, o estágio supervisionado em Serviço Social realizado na Unidade de Abrigo do Estado do Ceará. A principal missão dessa Instituição é prestar assistência asilar, permanente ou provisória, a idosos carentes, sem referência familiar e vítimas de violência, e também fornecer abrigo provisório, em caráter emergencial, às pessoas em risco pessoal e social. Além desses serviços, funciona no prédio dessa Instituição o Grupo de Convivência São Judas Tadeu, que se reúne duas vezes por semana. Tal Grupo é integrante do programa social voltado para os idosos de baixa renda, coordenado e executado pelo Governo do Estado, denominado: “Projeto Conviver”. Dessa maneira, durante o período de dois anos em que fui estagiária do Abrigo, pude encontrar a velhice em seu exemplo mais vivo de heterogeneidade, visto que há nessa Instituição, basicamente, duas categorias de idosos: os asilados, que por algum motivo foram excluídos das relações familiares (ex-moradores de rua, vítimas de violência etc.) e os participantes de um Grupo de Convivência, que estão integrados à comunidade e às suas famílias. Ressaltamos que tais grupos distintos não se mantêm de todo isolados, pois encontram-se nos momentos de festas e confraternizações (Carnaval, Páscoa, São João, Natal, etc) da Instituição, que reúne idosos e funcionários em uma única celebração.

Esta vivência rendeu-me muitos momentos reflexivos acerca da condição do idoso em nossa sociedade atual, gerando perguntas problemáticas que serviram de norte para a elaboração do trabalho final monográfico da graduação em Serviço Social. Este tentou apreender as imagens que os idosos atendidos pela Unidade de Abrigo do Estado do Ceará (tanto os internos como os participantes do Grupo de Convivência) têm acerca da velhice e do processo de envelhecimento. Objetivos atingidos, restou-nos alguns questionamentos concernentes à relação do idoso com seus familiares; durante as atividades semanais do referido Grupo, muitas queixas eram proferidas pelos idosos acerca do relacionamento com seus familiares: alguns

¹ Enquanto bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET, desenvolvi várias pesquisas a esse respeito e, além disso, procurei realizar estágio em Serviço Social na mesma área.

reclamavam dos inúmeros afazeres domésticos que lhes eram atribuídos, outros questionavam o fato de serem obrigados a cuidar de seus netos como se fossem pais/mães e uma pequena parcela lamentava-se do fato de, mesmo aposentada, necessitar trabalhar para complementar a renda da família. A partir destas instigações empíricas e da leitura de teóricos especializados em família e idoso, cheguei aos questionamentos que balizaram a construção do projeto de pesquisa para o mestrado acadêmico.

No decorrer do mestrado, pude aprofundar o conhecimento teórico sobre a temática e perceber que o envelhecimento populacional contribuiu não só para a heterogeneidade da velhice² como também estimulou a convivência intergeracional dentro das famílias. Esse fato propiciou o aparecimento de um fenômeno até então raro ou pouco comentado pela bibliografia referente ao tema: idosos independentes física e financeiramente que exercem múltiplos papéis sociais, tanto no ambiente doméstico quanto no espaço público.

Assim, frente a esse novo quadro social da velhice e das poucas pesquisas acerca da condição contemporânea destes idosos, formulamos nosso problema empírico e chegamos a seguinte pergunta de partida que orientou a presente pesquisa: quais os “novos” papéis sociais assumidos pelos idosos dentro e fora do contexto familiar? Ademais, como os idosos conciliam os “novos” papéis sociais dentro e fora de suas famílias? Como se dá a relação entre esses idosos e suas famílias? Como essas famílias percebem a velhice e, mais especificamente, o idoso de sua família? A participação em um grupo de convivência auxilia ou atrapalha essa relação? A autonomia dos idosos, preconizada pelo Estatuto do Idoso, é respeitada dentro da família ou esta se constitui em mais um espaço onde os idosos têm seus direitos desrespeitados?

Este estudo, portanto, partiu do pressuposto de que os idosos contemporâneos possuem diversos papéis sociais e que sua novidade, em relação a épocas passadas, dá-se a partir da criação de novos espaços públicos previstos na legislação vigente e de novas tarefas domésticas decorrentes da presença contínua

² As causas do crescente envelhecimento da população mundial permitiram a melhora na qualidade da vida das pessoas e produziu idosos saudáveis e ativos mesmo em idade cronológica avançada. Isso permitiu que a velhice assumisse várias nuances, deixando de ser sinônimo, apenas, de doença e inatividade, passando a ser associada também à independência e ativismo.

dos idosos no ambiente doméstico, o que lhes faz assumir – até mesmo involuntariamente – determinadas responsabilidades.

Diante do exposto, tivemos, como objetivo geral, a intenção de verificar e analisar os “novos” papéis sociais assumidos pelos idosos dentro e fora do contexto familiar. E, como objetivos específicos: traçar o perfil socioeconômico dos idosos e de suas famílias; entender a relação estabelecida entre esses idosos e suas famílias; apreender as imagens do envelhecimento e da velhice que permeiam essa relação; compreender os papéis sociais exercidos pelos idosos dentro e fora do ambiente doméstico e identificar as estratégias que os idosos lançam mão para conciliar seus diferentes papéis sociais. Para tanto, elegemos como *lócus* empírico de nossa pesquisa os idosos integrantes dos Grupos de Convivência pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza, situados na Secretaria Executiva Regional III – SER III.

Inicialmente realizamos visitas exploratórias a todos os cinco Grupos de Convivência pertencentes à SER III, com os objetivos de conhecer as peculiaridades de cada grupo e de realizar entrevista semiestruturada com as Educadoras Sociais, responsáveis pela execução das atividades junto aos idosos, a fim de compreender questões relacionadas à dinâmica grupal e ao perfil básico dos idosos membros dos grupos, focando nos seus papéis sociais e nas suas relações familiares. Após as visitas e entrevistas, selecionamos dois Grupos que fizeram parte dos seguintes passos metodológicos, a saber: observação participante nos encontros dos Grupos e entrevista semiestruturada com os idosos e familiares que foram selecionados tendo em vista os objetivos anteriormente listados.

Informamos que os procedimentos metodológicos encontram-se detalhados no primeiro tópico deste trabalho, intitulado **A chegada ao campo e a escolha dos sujeitos: em cena os Grupos de Convivência da SER III**. Aqui traçaremos o quadro geral dos referidos Grupos de Convivência através da narração das cinco visitas realizadas e dos principais dados colhidos nas entrevistas aplicadas com as Educadoras Sociais e Assistente Social; bem como iremos esclarecer quais os critérios utilizados para a seleção dos dois Grupos de Convivência que serão analisados futuramente. Ainda neste tópico, iremos tecer considerações sobre a política pública municipal dos Grupos de Convivência na cidade de Fortaleza, da qual os Grupos visitados são parte integrante, finalizando com o perfil

socioeconômico dos idosos que participam dos dois Grupos selecionados para o estudo.

No tópico seguinte, sob o título de **Tecendo as tramas do arcabouço teórico sob a ótica empírica: discussões acerca do envelhecimento, velhice e papéis sociais**, vamos discutir e relacionar as duas categorias principais – velhice e papéis sociais – necessárias ao alcance dos objetivos aqui pretendidos. Analisaremos questões demográficas que envolvem os idosos na atualidade, bem como a heterogeneidade do processo de envelhecimento e, por efeito, da velhice. Também abordaremos a categoria “papéis sociais”, baseado nos estudos do sociólogo Ralf Dahrendorf (1969), relacionando-a com a questão da velhice e de que maneira podemos pensar os idosos na contemporaneidade a partir dessa leitura sociológica.

No penúltimo tópico desta dissertação, **Famílias e papéis sociais dos idosos**, iremos fazer uma revisão bibliográfica a respeito do assunto, enfatizando os principais tipos de arranjos familiares existentes ao longo da história, tanto no mundo quanto no Brasil, refletindo sobre o lugar destinado aos idosos neste espaço. Analisaremos ainda, as transformações sofridas pelos arranjos familiares contemporâneos e os papéis sociais assumidos pelos idosos dentro desse contexto. Bem como iremos traçar o perfil socioeconômico e estrutural das famílias dos idosos entrevistados, focando nos principais papéis sociais assumidos por estes dentro de suas famílias.

Por fim, encerraremos o trabalho com as **Considerações Finais**, elencando as principais descobertas feitas ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

II. A chegada ao campo e a escolha dos sujeitos da pesquisa: em cena os idosos dos Grupos de Convivência da SER III

(...) a verdade do mundo social é o que está em jogo numa luta entre agentes armados de modo muito desigual para chegarem à visão e à previsão absolutas, quer dizer, autoverificantes.
Pierre Bourdieu

Neste capítulo, iremos descrever os principais aspectos metodológicos que foram utilizados para a concretização da presente pesquisa, partindo da escolha do campo empírico e da busca dos sujeitos à delimitação da amostragem que servirá de referência para a compreensão dos novos papéis sociais assumidos pelos idosos. Assim, na tentativa de alcançar os objetivos inicialmente postos, escolhemos como interlocutores deste estudo os idosos integrantes dos Grupos de Convivência pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza, mais especificamente os situados na Secretaria Executiva Regional III.

É mister esclarecer que o estudo de idosos inseridos em grupos de convivência foi uma escolha deliberada da pesquisadora que se baseou na prerrogativa de que essas pessoas – apesar da idade avançada – ainda conservam boas condições de saúde física e mental que permitem o seu engajamento familiar e comunitário, possibilitando ao idoso assumir uma multiplicidade de papéis sociais, fato que enriqueceria os resultados deste estudo; bem como facilitaria o processo de coleta de dados sobre suas vidas cotidianas o qual se deu, sobretudo, através de observações e entrevistas. Tal cuidado na escolha preliminar do campo empírico foi decorrente de nossa experiência em pesquisar idosos institucionalizados que possuíam certo grau de demência e faziam uso constante de medicação controlada³, o que muitas vezes afetava sua saúde mental, tornando suas idéias confusas e contraditórias, o que dificultava a realização de entrevistas e sua posterior análise.

Outra questão que merece esclarecimento é o recorte geográfico feito aqui. A escolha pelos idosos residentes na SER III deveu-se, sobretudo a dois motivos principais: a facilidade de acesso aos locais de reunião dos Grupos, já que a própria pesquisadora reside em um dos bairros que compõem a referida Regional e ao fato

³ Características correntes em idosos que residem em instituições de longa permanência (SOARES, 2006).

de termos contato com as assistentes sociais do Distrito de Assistência Social desta Regional, facilitando a entrada nos Grupos de Convivência.

De acordo com informações colhidas no *site*⁴ da Prefeitura de Fortaleza, a Regional III tem o objetivo de prestar serviços municipais, identificando e articulando o atendimento às necessidades e demandas da população e promovendo o desenvolvimento urbano, ambiental e social. Sobretudo, tem como foco principal proporcionar condições de melhoria de vida aos 378.000 habitantes que estão distribuídos em seus 16 bairros. Ressaltamos que destes bairros apenas Rodolfo Teófilo, Presidente Kennedy, Henrique Jorge, Bela Vista e Antônio Bezerra possuem Grupo de Convivência voltado para idosos (ver mapa no apêndice), atendendo cerca de 500 pessoas.

Munidos dessas informações, fomos à SER III com o objetivo de pedir autorização para a realização da pesquisa e, conseqüentemente, realizar visitas aos cinco Grupos de Convivência da Regional. Nesta visita fomos recebidos pela coordenadora do Distrito de Assistência Social, a qual já conhecíamos e a quem apresentamos o requerimento do Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade – MAPPS, que explicava os objetivos de nosso estudo e o acesso institucional que precisaríamos ter para concretizá-lo. A autorização foi dada pela assistente social sem nenhuma resistência e, assim, na semana seguinte (mais precisamente no início do mês de julho), iniciamos as visitas exploratórias aos referidos Grupos. Enfatizamos que os endereços e telefones dos Grupos foram-nos repassados pela coordenadora do Distrito. Entretanto, em uma das visitas aos Grupos, fomos informados que a pesquisa necessitaria também da autorização da Secretária da Secretaria Municipal de Assistência Social – SEMAS, instituição responsável pela gestão das políticas de assistência social desenvolvidas no Município de Fortaleza; dessa maneira, ao final das visitas exploratórias, encaminhamo-nos à SEMAS a fim de solicitar autorização para a continuação da pesquisa. Tal autorização foi dada após os trâmites legais da própria Secretaria.

A fase exploratória de qualquer pesquisa visa proporcionar maior familiaridade com o problema por meio de vistas a torná-lo explícito e conforme Gil (1991:45), este tipo de pesquisa tem *o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo*

⁴ Dados colhidos no site da Prefeitura Municipal de Fortaleza (<http://www.fortaleza.ce.gov.br>). Data da pesquisa: 11.02.2009.

aproximativo, acerca de determinado fato. Assim, procedemos revisão bibliográfica dos autores que versam sobre as categorias aqui estudadas e visitas de campo a todos os Grupos de Convivência da Regional III, com o intuito de conhecer o local e a dinâmica de realização das reuniões semanais, bem como estabelecer contato com as educadoras sociais que são responsáveis pela coordenação das atividades com os idosos. Além disso, aplicamos entrevistas semi-estruturadas⁵ com as educadoras sociais de cada Grupo, com o objetivo de conseguir uma maior compreensão e aproximação das características desses Grupos e das condições de vida de seus participantes. Ressaltamos que todas as visitas realizadas aos Grupos foram anotadas em diário de campo, que serviu de registro para todas as sensações, emoções, análises, dúvidas e *insights* da pesquisadora durante o percorrer dos diversos “concretos”; tais apontamentos serviram, assim – como veremos adiante – para ajudar a delimitar a amostra dos Grupos que serão estudados.

Os registros contidos nesse diário são frutos de observação simples, entendida como aquela na qual o pesquisador, *permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem* (GIL, 1991:105). Neste procedimento, o pesquisador é muito mais espectador que um ator. E foi justamente na condição de “coadjuvante” que preferimos nos inserir no campo empírico a fim de explorá-lo nas suas características reais e despidas – o mais possível – de nossa interferência. A nossa intenção inicial era poder observar o comportamento natural dos idosos sem que estes se sentissem incomodados ou cerceados com a presença de uma pessoa estranha àquele Grupo; sabemos que, quando se trata de pesquisa em ciências humanas e sociais a relação entre pesquisador e pesquisado já altera o próprio sujeito da pesquisa e que a nossa presença iria influenciar, de alguma forma, o comportamento daquelas pessoas observadas. Entretanto, ao final de todas as visitas, avaliamos que conseguimos chegar aos resultados esperados, pois em nenhum Grupo percebemos os idosos com comportamentos estranhos ou olhares curiosos em nossa direção, como também nenhuma das educadoras sociais fez referência a mudanças comportamentais dos idosos de seus determinados Grupos durante a nossa presença nesses locais.

⁵ O roteiro da entrevista segue em anexo.

Os dados colhidos nas entrevistas com as Educadoras Sociais serão utilizados no segundo tópico deste capítulo para a caracterização do perfil dos Grupos que foram escolhidos para a realização das pesquisas. Pois, em virtude da quantidade de informações obtidas nas entrevistas, optamos por focar, apenas, nos Grupos que terão seus idosos estudados. Entretanto, ressaltamos que o conteúdo das cinco entrevistas foram utilizadas ao longo de todo o trabalho a fim de enriquecer o estudo, possibilitando o diálogo entre os dados empíricos e os aspectos teóricos sobre o assunto.

Nas páginas que seguem, iremos narrar as visitas exploratórias aos Grupos de Convivência, possuindo como base as anotações registradas no diário de campo e, a partir desses contatos preliminares, traçaremos o perfil dos dois Grupos escolhidos para a realização da etapa seguinte da pesquisa.

II.1 *Há momentos para falar e momentos só para ouvir: Percorrendo os caminhos do concreto em busca dos sujeitos da pesquisa*

*Somos uma difícil unidade
de muitos instantes mínimos.*
Cecília Meireles

O grande número de dados colhidos durante as visitas realizadas aos campos empíricos que veremos a seguir gerou em nós a necessidade de dedicar um tópico específico para a narração delas, tendo em vista que esta narração serviria para a sistematização dos dados colhidos, possibilitando uma compreensão mais apurada a respeito dos cinco Grupos de Convivência da SER III. Essa compreensão é de fundamental importância para a etapa seguinte desta pesquisa, onde precisaremos de dois Grupos para realizar entrevistas com seus idosos participantes e seus familiares; deste modo, as visitas serviram para eleger um Grupo e excluir outro – como veremos adiante.

De maneira geral, ao final das visitas, pudemos concluir que todos os Grupos seguem a mesma sistemática nas reuniões – tanto em relação às atividades desenvolvidas quanto aos dias dos encontros e dos assuntos abordados –, ou seja,

os idosos dos cinco Grupos não possuem tanta distinção entre suas atribuições em relação a eles. Entretanto, cada Grupo possui suas peculiaridades (número de participantes, infra-estrutura disponível, afinidade com as Educadoras Sociais etc.) e foram justamente essas diferenciações que possibilitaram a escolha de um grupo e a exclusão de outro.

Assim, nos próximos cinco subtópicos narraremos os *momentos só para ouvir*, ou seja, as visitas exploratórias de acordo com a ordem cronológica de entrada nos campos.

II.1.1 Centro de Referência da Assistência Social Bela Vista

Após um contato pessoal⁶ e outro telefônico com a Educadora Social responsável pelo grupo, realizamos visita ao Grupo de Convivência localizado no bairro Bela Vista. Ao descermos do ônibus e seguir pela rua indicada pela Educadora, paramos para perguntar a uma senhora, que saía de sua residência naquele exato momento, onde ficava o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), ela nos respondeu que estava indo para lá e poderia nos acompanhar até o local. Durante a caminhada, descobrimos que aquela senhora era uma das participantes do Grupo. Ela tinha 66 anos e estava participando do Grupo a mais ou menos um ano; contou-nos que gostava de ir ao Grupo, pois era “*melhor que ficar dormindo de tarde*” (sic, Diário de Campo – dia 07.07.09). Disse que antes de frequentar o Grupo, passava quase a tarde toda dormindo e agora era bem melhor porque tinha como ocupar seu tempo.

Chegamos ao local e fomos direto à sala onde acontecem as reuniões do Grupo. Já havia vários idosos sentados e em pé, conversando entre si; a Educadora Social já estava à minha espera e veio receber-me à porta. Mais uma vez expliquei os motivos da visita e o que iria fazer naquele momento (apenas observar a reunião); o que foi acatado de bom grado pela Educadora. Em seguida, perguntei se poderia realizar uma entrevista com ela no dia seguinte, quando não teria reunião do Grupo, ao que ela respondeu positivamente.

⁶ Tivemos a oportunidade de conhecer a Educadora Social referida em um seminário sobre a assistência social realizado nas dependências da própria SER III.

Após essa conversa inicial, a Educadora informou-nos que, naquele dia, pela manhã, realizou visita aos familiares de um idoso participante do Grupo que havia falecido recentemente (oito dias). Aproveitando o assunto, complementou que uma idosa, também do Grupo, havia perdido sua nora e que o sepultamento seria na mesma hora da reunião do Grupo. Disse ainda que, por conta desses episódios, os outros idosos do Grupo estavam abalados e que, após a morte de um membro, geralmente ficavam desestimulados a participar do Grupo. Também como consequência disso, explicou que a atividade do dia seria mais serena: não iria acontecer a acolhida (dinâmica de grupo) inicial, que sempre é animada e ao som de músicas alegres; e não haveria o forró, ao final do encontro, em respeito à memória dos falecidos e ao luto de suas famílias.

A reunião foi iniciada com a minha apresentação ao Grupo, momento no qual os idosos foram informados de que eu era uma estudante de mestrado e estava ali apenas para conhecer o Grupo. Em seguida, a educadora solicitou um minuto de silêncio seguido da reza do “Pai Nosso” em memória ao idoso participante do Grupo e à nora da idosa que haviam falecido. Nesse momento, todos ficaram de pé e em forma de círculo, deram as mãos (apenas uma idosa não quis entrar no círculo, pois alegava dores nos pés, o que dificultava sua mobilidade). Antes do minuto de silêncio, a Educadora comentou os últimos acontecimentos e fez questão de frisar o luto da família dessas pessoas e o respeito que devíamos ter ao seu luto. Chamou-nos atenção o fato de várias vezes a palavra “família” ser citada e observar que *os idosos não reagiram a isso e mantiveram-se em silêncio e com sua expressão facial e corporal sem nenhuma modificação* (Diário de Campo – dia 07.07.09).

A reunião prosseguiu com a Educadora explicando aos idosos a atividade do dia: durante todo o mês de julho, as atividades girariam em torno da temática do “meio ambiente” e, naquele dia, eles iriam discutir acerca da importância da redução do consumo da água. Assim, a Educadora explanou algumas questões sobre esse assunto, falando sobre a necessidade da água para nossas vidas diárias, a necessidade de conservá-la, etc. Durante toda essa fala, observamos que os idosos assumiram os seguintes comportamentos: a maioria conversava entre si, não prestando a menor atenção ao que era dito; um idoso cochilava e outra idosa fazia artesanato (cortando fios de um tecido para a confecção de um tapete). Todos esses comportamentos já eram esperados por nós, pois se assemelhavam bastante à

maneira de se portar dos idosos dos grupos de convivência que tivemos a oportunidade de trabalhar em outra ocasião.

Enquanto fazíamos essas anotações no diário de campo, constatamos que aqueles idosos pouco se parecem com as imagens clássicas que possuímos a respeito de pessoas categorizadas como idosas e que estudaremos nos próximos capítulos. A própria idosa que encontramos na rua em nada parecia com uma pessoa que já tem 66 anos de idade; apenas alguns cabelos brancos pareciam querer denunciar sua verdadeira idade, visto que seu trajar e andar assemelhavam-se ao de uma pessoa adulta. Isso nos fez questionar de que maneira tais idosos, os quais ainda apresentam resquícios de juventude, são tratados em casa e na rua: será que são percebidos da mesma maneira estigmatizada que os idosos com aparência de pessoas velhas?

Sem poder responder a tal questionamento, voltamo-nos para as explicações da Educadora que, neste momento, falava sobre a próxima atividade a ser executada pelo grupo: cada idoso desenharia uma gota de água num papel em branco e, dentro dela, colocariam uma frase ou palavra que representasse a importância da água para cada um deles. Apenas uma parte dos idosos quis participar e a Educadora também não insistiu com os outros idosos para realizar a atividade, deixando-os livres para escolher. Uma observação interessante é que nenhum dos homens presentes participou da atividade; episódio que também não nos causou surpresa, visto que a falta de atenção dos idosos do gênero masculino é uma característica comum nos outros grupos de convivência e até reconhecido por teóricos⁷ do assunto, visto que a participação nesses tipos de programas se dá mais pelas mulheres.

Ao final desta atividade, ajudei os idosos a colarem seus desenhos em uma folha de papel madeira que já estava afixada na parede para este fim. Em seguida, ajudei a Educadora a distribuir dois panfletos fornecidos pela Prefeitura sobre a “Coleta Seletiva de Lixo” e “Cuidados dos Resíduos Sólidos”, os quais foram lidos e explicados pela própria Educadora. Para finalizar a atividade, a Educadora pediu que cada um dissesse uma palavra que simbolizasse a importância da água em

⁷ No Brasil, os programas para a terceira idade têm mobilizado sobretudo um público feminino. A participação masculina raramente ultrapassa os 20%, e o entusiasmo manifestado pelas mulheres na realização das atividades propostas contrasta com a atitude de reserva e indiferença dos homens (DEBERT, 1999:139).

suas vidas; cada palavra foi anotada por ela em uma gota feita em uma folha de papel ofício e, em seguida, colada na folha de papel madeira. Ao mesmo tempo, foi pedido aos idosos que aguardassem o lanche ser servido.

Não observamos nenhuma alteração no comportamento das pessoas ali presentes, em virtude de nossa pequena participação na reunião do Grupo; ao contrário, sentimo-nos integradas à estrutura daquele Grupo.

Enquanto esperávamos o lanche, detive-me na observação da infra-estrutura da sala. O local era amplo, limpo, possuía ar-condicionado e um ventilador de chão; as cadeiras eram acolchoadas e a iluminação estava em boas condições. Concluimos que a sala propiciava conforto aos idosos e, por ser ampla, possibilitava a realização das atividades em grupo perfeitamente. Percebemos que, em uma das paredes, havia três cartazes juntos feitos em EVA, um deles possuía uma foto ao centro, que reunia todos os idosos do grupo e era rodeada pela seguinte frase: *“Nosso Grupo é uma família”*. Ao lado havia dois outros cartazes com as seguintes frases: *“Família é paz, amor, união e muita descontração; é também muito amor no coração; por isso ame e perdoe o seu irmão”* e *“A família é diversidade, aprendizado de vida, quase faculdade. É desencontro e união, teste de paciência e reflexão”*. Segundo a Educadora, esses cartazes foram resultados de atividades realizadas com o Grupo que tiveram como foco a família. Esse achado fez-nos refletir da importância que esses programas de convivência destinados às pessoas idosas assumem na vida destas, que chegam a adotar o grupo como uma segunda família, tendo em vista os sentimentos que cultivam entre os membros do grupo e a companhia quase que diária dessas pessoas.

Algumas observações feitas ao longo da reunião necessitam ser aqui apresentadas: havia mais homens do que nós esperávamos encontrar (das 23 pessoas que compareceram à reunião, 4 eram do sexo masculino), constatação que, sem dúvida, atribui um diferencial a este grupo. Além disso, aproximadamente 7 idosos chegaram muito atrasados (próximo ao horário de ser servida a sopa), o que nos fez refletir sobre suas participações naquele grupo: vieram só para comer ou realmente tiveram empecilhos para chegar na hora? Posteriormente, durante a entrevista realizada com a Educadora, soubemos que aquele lanche representa para muitos dos participantes daquele Grupo o seu jantar, visto que muitos são carentes e vivem em condições de extrema pobreza.

Ao final da reunião, despedimo-nos dos idosos e da Educadora Social, que nos recebeu de maneira muito expansiva, deixando claro que nossa presença ali seria sempre bem-vinda.

II.1.2 Centro Comunitário Aloísio Ximenes

Após dois contatos telefônicos com a Educadora Social, realizamos visita ao Grupo de Convivência que funciona nas dependências do Centro Comunitário Aloísio Ximenes, localizado no bairro Rodolfo Teófilo. Deslocamo-nos até o local a pé e não tivemos dificuldades para encontrá-lo. Ao chegarmos à instituição, avistamos logo o salão onde os idosos se reuniam e nos dirigimos para lá. Assim que a Educadora nos viu, veio até o nosso encontro. Esta se mostrou muito simpática e receptiva; explicou-nos logo que estava só esperando mais alguns idosos chegarem para iniciar a atividade do dia, que versaria sobre o meio ambiente. Deduzimos, assim, que todos os Grupos de Convivência pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza seguem a mesma temática para a discussão durante o mês. A esse respeito, a Educadora informou que ocorrem capacitações para os Educadores Sociais promovidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social - SEMAS para que eles possam planejar as atividades do mês e estudar sobre a temática que será abordada.

Enquanto a atividade não era iniciada, observamos que o local constituía-se de uma espécie de área coberta situada no final do Centro Comunitário, como se fosse o quintal deste. O local possuía apenas uma cobertura de telha, sendo por isso bastante ventilado e iluminado (o que nos incomodou muito, visto que a claridade do sol de 14 horas é bastante intensa). As cadeiras eram de plástico e estavam dispostas em forma de meio-círculo que possuía, em uma de suas pontas, uma mesa com televisão e DVD, utilizados para reproduzir som. Sobre isso, a Educadora informou que o som do Grupo fora furtado e, por isso, utilizavam aquele equipamento para reproduzir músicas.

A reunião foi iniciada com a explicação da Educadora de como seriam as atividades do dia; depois nos apresentou ao Grupo, explicando nossos objetivos naquela visita e sugerindo que nos acolhessem com uma dança. Assim, todo o Grupo ficou de pé e a Educadora colocou uma música de ciranda para que os idosos pudessem dançar em nosso entorno; depois um idoso chamou-nos para dançar e, por fim, foi feita uma grande ciranda com todo o grupo. Ao fim da música, a Educadora colocou uma música de forró e alguns idosos permaneceram de pé, dançando. Esse episódio chamou-nos atenção, pela alegria e pela disposição com que fomos recebidos não só pela Educadora, mas também pelos idosos.

Após a acolhida, a Educadora foi fazendo perguntas aos idosos sobre as questões que foram debatidas no encontro anterior. Os questionamentos giraram em torno da reciclagem dos resíduos sólidos e da diminuição no consumo da água. O importante dessa atividade foi ver que todos os idosos participaram dela respondendo e comentando o que era respondido, inclusive citando exemplos do cotidiano. Um desses exemplos chamou-nos atenção, por revelar um dado interessante sobre a relação do idoso com sua família: uma idosa relatou que costuma utilizar a água da lavagem de roupa para dar descarga no banheiro, explicou que faz isso para economizar água e ao mesmo tempo higienizar o vaso sanitário, entretanto seus familiares a repreendem e dizem que isso “*não é economia, mas ser miserável*” (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09). Isso levou-nos a refletir sobre as limitações impostas cotidianamente ao idoso, em virtude da desconsideração de seu saber empírico decorrente dos anos já vividos e até mesmo das informações que recebe dentro do grupo de convivência – que também tem seu eixo educacional e não serve apenas como momento de lazer. Assim, a pessoa idosa absorve novas informações dentro do grupo, que melhora a sua vida, mas se vê impossibilitado de aplicar em casa, porque sofre repreensões da família. Como referenciou Beauvoir (1990), nas sociedades capitalistas, o idoso perde sua condição de guardião da memória e do saber útil aos demais, sendo constantemente vítima da morte social que tenta confiná-lo entre os muros de suas lembranças e conhecimentos.

Outro dado observado, durante a aplicação das perguntas, foi a atenção que os idosos destinavam ao que a Educadora e outros idosos diziam. Percebemos um respeito ao que era dito, todos prestavam atenção e evitavam conversar (as

conversas paralelas foram mínimas). Apesar deste diferencial, encontramos neste Grupo semelhança com os demais: alguns idosos – 2 no máximo – dormiam e uma idosa fazia artesanato – fuxico. Ao finalizar esse momento, a Educadora solicitou aos idosos que aguardassem a equipe de saúde do “Posto 5” chegar.

Enquanto isso, ela nos levou para conhecer o Centro Comunitário, que é composto por várias salas de aulas, duas cozinhas (sendo que uma é utilizada para cursos de culinária), dois salões amplos e algumas salas menores, destas apenas uma estava sendo utilizada pelo Grupo de Resistência Asa Branca - GRAB. A Educadora disse que acha um espaço muito grande para pouca utilidade, afirmou que, no local, não funciona quase nada e que, inclusive, estavam sem assistente social. Quando entramos em um dos salões, a Educadora explicou que aquele espaço era utilizado mais como sala de espera ou mesmo para conversa dos próprios funcionários; perguntamos por que o Grupo não se reunia ali, ela informou que *os idosos não saem do outro espaço por nada, que ali [na área coberta] é que é o canto deles* (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09).

Retornamos ao salão e, como a equipe de saúde não havia chegado, a Educadora solicitou a uma idosa – a quem chamou a “*artista do grupo*” – para que cantasse para a visita (nós). Apesar de nosso inicial constrangimento, já que não desejávamos alterar o transcorrer habitual da reunião, a idosa se levantou sem nenhuma cerimônia e cantou um samba que, para nossa surpresa, todos já conheciam e depois nos contou a história do seu casamento, que foi muito divertida e provocou muitos risos em todos os participantes. Uma idosa que estava sentada ao nosso lado disse que já é costume aquela idosa cantar e contar a história do seu casamento; achamos interessante, pois parecia que era a primeira vez que ela contava aquela história, visto que todos os idosos, silenciosamente, prestaram atenção ao que era contado. Mais uma vez, o respeito daqueles participantes por quem se colocava à frente deles e lhes falava nos chamou especial atenção, visto não ser uma característica muito comum nos grupos de convivência.

Continuando a programação do dia, a equipe de saúde (enfermeira, dentista e três estudantes) do Posto de Saúde Anastácio Magalhães iniciou sua atividade, que teria como foco a prevenção de câncer de boca. Para tanto, foi aplicado um questionário pré-teste com os idosos para medirem seus conhecimentos sobre o assunto que seria explicado ali. Logo em seguida, a dentista começou a explicar

sobre os cuidados com a higiene bucal, focando não só na escovação dos dentes, mas nos cuidados que se deve ter com as próteses. Falou de algumas doenças na boca que podem levar ao câncer e destacou a importância preventiva do autoexame. Para finalizar, foi aplicado o mesmo teste inicial com os idosos para avaliar o que haviam aprendido e, como foi constatado pela dentista, todos haviam processado bem todas as informações. Ressaltamos que, durante o desenvolvimento da atividade da equipe de saúde, observamos que os idosos ouviam com atenção as explicações feitas pela dentista; bem como, interagem com ela tirando todas as suas dúvidas. Achamos muito positivo o comportamento desses idosos, pois é raro encontrar um Grupo que se comporte de tal maneira. Comentamos isso com a Educadora e ela assim nos respondeu: *é eles são assim mesmo, na hora de dançar, eles dançam, mas na hora de prestar atenção, eles prestam* (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09).

Ainda durante o desenvolvimento desta atividade, a Educadora falou-nos algumas questões relacionadas aos idosos em particular. Disse que a maioria daqueles participantes era de baixa renda e tinha *uma vida muito difícil, de pobreza mesmo* (Diário de Campo – dia 09.07.09); alguns vinham às reuniões sem nem mesmo almoçar, porque não havia comida em casa. Acrescentou que existem os de “boa” família, mas há predominância de pessoas carentes. Dentre as pessoas de “boas” condições de vida, apontou-nos, como exemplo, uma senhora que, curiosamente, sempre vem às reuniões acompanhada de uma filha. Segundo a Educadora, esta é a única que continua a residir com a mãe; as outras filhas vivem em boas condições econômicas e esta filha tem medo que a mãe a abandone para morar com as outras filhas (por isso sempre a acompanha às reuniões). Tal filha aparenta possuir transtorno mental que, segundo a Educadora, começou a aparecer depois que o pai abandonou a família para morar com outra mulher. E pelo medo de ser abandonada e (talvez) por possuir transtorno mental, a filha, às vezes, mantém a mãe em cárcere privado (sai para fazer compras e leva a chave de casa, deixando a idosa sozinha) e também a proíbe de frequentar o Grupo. Ainda sobre esse caso, a Educadora contou-nos que, uma vez, a referida filha disse a ela que a idosa não viria mais às reuniões do grupo porque não queria; a Educadora achou estranho e num dia em que a filha não estava em casa, visitou a idosa em seu domicílio, a qual lhe informou que jamais sairia do Grupo e que isso era ideia de sua filha,

acrescentando ainda que *se eu não, for eu morro* (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09).

Esse caso trouxe-nos elementos importantes que mostram como os idosos, por vezes, servem de propriedade para seus filhos. Em alguns casos, os idosos independentes são tutelados por seus filhos, que utilizam a justificativa de protegê-los; essa é a expressão clara do que autores chamam de inversão de papéis: o filho que antes recebia cuidado de seus pais, agora é o cuidador de seus pais. Importante perceber que essa inversão de papéis é esperada no caso de idosos que se tornam dependentes física ou mentalmente e, de fato, necessitam de cuidados de terceiros e não no caso citado pela Educadora, onde a idosa se mantém lúcida e independente.

Aproveitando o assunto, questionamos se os idosos possuíam muitos problemas com seus familiares, a Educadora fez uma expressão de espanto e pesar, afirmando “*demais*” (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09). E explicou que a maioria tinha problemas em casa, porque a família tira o poder de decisão do idoso, que, mesmo em sua própria residência, não manda mais em nada. Apontou-nos outra senhora que vive com a pressão alta por conta dos problemas relacionais em sua casa; a Educadora explicou que ela possui alguns filhos que se casaram, separaram e retornaram para a casa da idosa, levando consigo os seus próprios filhos. *E como a casa vive cheia de gente, é tudo bagunçado, cheio de animais e fede; isso traz muita tristeza para a idosa, que não se conforma com o estado atual da sua casa* (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09). Tal constatação atesta as transformações familiares das últimas décadas, que coloca várias gerações convivendo sob o mesmo teto; sendo que o domicílio agregador destas diferentes gerações é, geralmente, aqueles que possuem idosos, pois, em tempos de crise econômica, são eles que possuem o privilégio de ter uma renda garantida ao fim de todo o mês (aposentadoria, pensão ou benefício assistencial). Conforme Barros (2006:125),

os dados que se referem às relações intergeracionais trazem um panorama social que está relacionado ao desemprego dos mais jovens e o aumento proporcional de renda dos mais velhos, proveniente das aposentadorias, das pensões e dos benefícios de prestação continuada.

Ainda sobre questões familiares, a Educadora disse que já observou que, sempre no mês de julho, os idosos aparecem menos no Grupo e explicou que o

motivo são as férias dos netos. Os idosos são requisitados a permanecer em seus domicílios para cuidar deles, mas afirmou que eles próprios encontram maneiras de burlar isso: *eles faltam na terça, mas aí vem na quinta ou então o contrário* (sic, Diário de Campo – dia 09.07.09). Ou seja, eles aceitam a função de cuidar dos netos, mas desde que possam fazer o que gostam. Essa consideração feita pela observadora foi o primeiro indício – da pesquisa exploratória – que comprovou a existência dos novos papéis sociais assumidos pelos idosos ou a transformação destes papéis. O cuidar dos netos, até então, não aparecia como função dos avós que se restringiam a passar o tempo com seus netos, não se responsabilizando pela sua educação ou por seu cuidado direto.

Por fim, foi servido o lanche. Nesse momento, observamos que uma idosa pertencente ao Grupo (e que não participou da atividade, pois ficou o tempo todo na cozinha) ajudou a merendeira a servir o lanche para os idosos como se ela fosse funcionária do local. Segundo a Educadora, isso acontece em todos os encontros do Grupo. Ficamos nos questionando se tal comportamento seria uma tentativa de não se identificar com aquele Grupo de idosos. Seria decorrente daquela crise de identidade gerada nos idosos – a qual comentaremos no capítulo seguinte -, pois apesar daquela idosa fazer parte do Grupo, tentava negar para si própria que era integrante deste, assumindo funções que não lhe cabiam? Enquanto fazíamos tais indagações, observamos que o filho de uma das idosas veio buscá-la e ficou em pé (próximo à porta), esperando que a mesma lanchasse e conversasse com suas amigas. Já na rua – quando saímos da instituição – percebemos que os dois caminhavam normalmente um ao lado do outro, sem nenhum comportamento estranho. O que nos levou a pensar se aquela relação também seguia o modelo tutelar da relação entre uma idosa e sua filha, que encontramos no Grupo anteriormente visitado.

Compareceram à reunião 26 idosos, sendo que destes apenas 2 eram homens. Entretanto, segundo a Educadora, existem 4 idosos homens que participam do Grupo. Despedimo-nos da Educadora e marcamos a entrevista para a segunda-feira seguinte (dia 13.07.09), e ela acatou prontamente à solicitação, acrescentando que estaria disponível qualquer dia.

II.1.3 Salão do Idoso Presidente Kennedy

Após um contato telefônico com a Educadora Social do local acima citado, realizamos visita à instituição, que fica situada no bairro Presidente Kennedy. Depois de pegar duas conduções, encontramos o local sem maiores dificuldades, visto que seu acesso é fácil. Chegamos ao local citado e, logo na entrada, deparamo-nos com os idosos do Grupo; todos estavam sentados em cadeiras de plástico, alguns conversavam entre si e a maioria estava sentada ao redor de uma mesa, onde acontecia um bingo. Entramos na instituição em busca da Educadora, a qual encontramos, na cozinha, preparando lanche dos idosos; ela pediu-nos para ficar junto dos idosos enquanto o lanche era servido e que depois iria nos apresentar a eles.

Voltamos para a entrada do Salão e ficamos sentadas observando os idosos, duas idosas sentadas ao nosso lado perguntaram se éramos estudantes, afirmamos que sim e explicamos o motivo de nossa visita. Ainda nesse momento, percebemos que o local externo ao Salão era bastante arejado, ventilado e com um jardim bem cuidado, o que tornava o local agradável. Reparamos também que o porteiro do local estava sentado junto a uma das idosas conversando distraidamente com a ela, induzimos que aquele profissional possui uma relação amistosa com os idosos que frequentam o local. Não demorou muito e a educadora veio até os idosos para lhes servir o lanche. Enquanto servia o chá, a Educadora informou que quem não trouxesse seu copo, iria beber no copo de plástico da instituição e quem quisesse seu próprio copo, trouxesse de casa; isso nos chamou atenção, pois não encontramos tal fato nos outros grupos.

Depois que todos os idosos lancharam, a Educadora chamou-os para dentro do salão; não fomos convidados a entrar e nem fomos informados do que ocorreria ali. Assim, dirigimo-nos até a Educadora e perguntamos se a reunião aconteceria ali, como esta respondeu-nos positivamente, entramos também no Salão. Este se constituía de uma ampla sala com três portas grandes que davam para o jardim e para a entrada da instituição; além disso, possuía um palco, no qual estava colocado um televisor (ligado em um canal de TV), dois ventiladores de teto (que não funcionavam) e, nas suas paredes víamos, fotos dos membros do Grupo.

A reunião foi iniciada com um momento de acolhida feito pela Educadora. Esta pediu que todos os idosos se colocassem de pé para rezar (“Pai Nosso” e “Ave Maria”) e, em seguida, foi lida uma mensagem retirada do livro “Preces para a vida” e escolhida por um dos idosos, tal mensagem possuía como título “Deixa Deus entrar em mim” e tinha uma conotação muito cristã – fato que não achamos muito positivo, pois acreditamos que nem todos os participantes são católicos e a mensagem não contemplaria a todos os credos. Após este momento, a Educadora apresentou-nos ao Grupo e fizemos questão de esclarecer que estávamos ali apenas para conhecer o funcionamento do mesmo e assistir à reunião; os idosos nos receberam bem e nos aplaudiram ao final de nossa apresentação.

Em seguida, a Educadora iniciou a atividade do dia informando que esta seria apenas uma rápida leitura de um trecho de um livro sobre Ecologia que ela achara interessante; lembrou ao Grupo que não faria nenhuma atividade longa naquele momento, porque, no encontro anterior eles já haviam passado a tarde inteira em atividade. Dessa maneira, a Educadora fez a leitura do livro na parte em que ele explica o que é meio ambiente; a leitura foi rápida e os idosos prestaram atenção, não conversando entre si. Percebemos que alguns desviavam o seu olhar para a televisão que permanecia ligada em uma emissora, mas depois se voltavam para a Educadora. Encerrada a leitura, os idosos comentaram algumas questões abordadas no texto, fazendo relação com o seu cotidiano, destas um episódio relatado nos chamou atenção: uma idosa relatou que sempre tentava economizar água ao lavar a roupa de sua casa. Percebemos assim, como o idoso está diretamente relacionado com as atividades desenvolvidas em casa, que não se limita apenas ao cuidado dos netos, mas também aos outros afazeres domésticos. Sinais estes que nos impulsionaram a seguir, com mais ênfase, na investigação dos papéis sociais dos idosos que são poucos conhecidos e ocultados pelos emaranhados das relações familiares.

Durante o debate entre os idosos e a Educadora, percebemos que havia uma idosa realizando trabalho manual (crochê) e, para nossa surpresa, nenhum deles estava dormindo. Ao final desse momento, os idosos foram “liberados” para voltar às suas atividades e esperar o lanche – a atividade de leitura e debate durou por volta de 15 minutos. Assim, todos os idosos voltaram às suas posições iniciais (a maioria voltou ao bingo e outros se sentaram do lado de fora para conversar), apenas

algumas idosas colocaram-se frente ao televisor para assistir à novela, uma foi estudar e outra foi continuar sua atividade manual. Nesse instante, percebemos que todos os presentes constituíam-se de mulheres, não havia nenhum homem.

Nesse ínterim, uma idosa de 79 anos aproximou-se de nós perguntando se estávamos bem e se queríamos entrevistá-la, pois “*eu adoro dar entrevista*” (sic, Diário de Campo – dia 14.07.09). Diante do inesperado, simulamos com ela uma pequena entrevista que versava sobre três principais assuntos que eram de interesse para nossa pesquisa. Dessa maneira, questionamos sobre sua participação no Grupo, ao que ela respondeu que se sentia feliz, pois havia ganhado uma nova família, “*eu ganhei essa família todinha*” (sic, Diário de Campo – dia 14.07.09); sobre sua relação com a família, contou-nos que morava com seus filhos e netos e ressaltou que “*faço tudo dentro de casa*” (sic, Diário de Campo – dia 14.07.09); e, por fim, indagamos sobre suas atividades além da participação no Grupo e nas atividades domésticas, ela contou-nos que costura e borda por encomenda e às vezes “*faço pegador de panela e dou de presente pros meus conhecidos*” (sic, Diário de Campo – dia 14.07.09). Satisfeitos com os questionamentos, agradecemos a idosa pela sua atenção e disponibilidade em conceder aquela “entrevista”; logo após, ela se retirou do Salão e se encaminhou para a mesa do bingo. Enquanto pesquisadores cheios de dúvidas e incertezas acerca da investigação que se iniciava, ficamos mais tranquilos ao ouvir aquelas respostas que correspondiam diretamente aos nossos objetivos, pois elas nos revelavam que os idosos ocupam contemporaneamente uma infinidade de posições sociais, assumindo diferenciados papéis.

Após a “entrevista”, permanecemos sentados e observamos a seguinte frase pintada em uma das paredes: *Envelhecer é marcar encontro com o tempo no território das lembranças ou na sabedoria da experiência*. Posteriormente fomos informados que essa frase pertenciam ao Diretor do Salão.

Como ainda era cedo e a Educadora estava com tempo disponível, indagamos a ela se poderíamos realizar uma entrevista. Esta aceitou e nos levou à uma mesa que ficava antes da cozinha. Após a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento, iniciamos a entrevista que durou aproximadamente 15 minutos. Percebemos que a mesma não estava à vontade com as perguntas, não discorrendo muito a respeito delas. Além disso, a entrevista foi interrompida por uma idosa que

veio avisar à Educadora que já estava indo embora. Tais questões comprometeram o conteúdo da entrevista, o que nos levou a não repetir isso nas próximas visitas e a continuar com a sistemática que víamos seguindo: fazer a visita ao Grupo e marcar um outro horário para entrevistar a educadora social.

Depois da entrevista, a Educadora disse que poderíamos ficar junto aos idosos, observando-os. Encaminhamo-nos à mesa de bingo, onde sentamos para observar as jogadoras; percebemos de imediato que todas possuíam uma feição séria e, apesar das brincadeiras entre si, o interessante ali era ganhar o dinheiro apostado (cada cartela vale 10 centavos e quem ganha leva todo o dinheiro apurado com a venda das cartelas). Algumas idosas chegavam a marcar até 3 cartelas; ao final da primeira rodada, dois acontecimentos chamaram-nos atenção: uma idosa levantou-se, pois disse que não possuía mais dinheiro para apostar, vendo isso, outra idosa disse que pagaria sua cartela e, caso ela ganhasse, dividiriam o prêmio. Ressaltamos que quem puxava as pedras do bingo era uma idosa participante do Grupo, que com certeza possui liderança sobre as demais.

O outro acontecimento foi um diálogo entre duas idosas, uma idosa reparou que o braço da outra possuía veias espessas, a idosa que possuía tais veias disse que, com o passar do tempo, foi perdendo “as *carnes*” e seu braço ficara assim, lembrou que no tempo de colégio, quando usava “*aquelas saias com pregas*”, era bem gordinha e finalizou dizendo que a outra idosa também ia ficar assim e disse que só não estava ainda “*porque você tem as carnes novas*” (sic, Diário de Campo – dia 14.07.09). Episódio que nos levou a pensar sobre as velhices diferentes e desiguais ali apresentadas, sendo o resultado não da diferença entre os gêneros (já que só havia mulheres), mas das trajetórias de vida de cada uma; segundo Barros (2006:119), *estas trajetórias são determinadas por inserções diferenciadas na vida social e econômica do país*.

Com o término do bingo, fomos sentar ao lado da Educadora (que até então não nos dera muita atenção) a fim de interagir mais com ela e saber mais informações a respeito do Grupo. Chegamos comentando algo sobre a animação do bingo, a Educadora disse que o bingo já é tradição e que tentaram tirar, “*mas as idosas fizeram uma guerra pra voltar*” (sic, Diário de Campo – dia 14.07.09). Disse que, como elas apostam, a Educadora prefere não acompanhar essa atividade, deixando-as livres na coordenação. Em seguida, disse que não sabia se haveria

lanche para os idosos porque o gás havia acabado. Após uns 10 minutos de conversa ela retirou-se para resolver o problema do gás e, em seguida, o diretor do local sentou-se ao nosso lado, interrogando-nos qual nosso objetivo ali. Logo depois, começou a falar sobre a instituição, levou-nos para seu escritório, que ficava ao lado da cozinha, e lá discorreu longamente sobre a história do local – que acompanhou desde o começo – e dos grupos de convivência que já funcionaram ali. Explicou que o local fora criado há 17 anos, chegou a possuir dois Grupos de Convivência (Padre Andrade e Presidente Kennedy) contando com 300 idosos e, desde sua criação, é uma unidade social pertencente à Prefeitura Municipal de Fortaleza. Falou ainda das atividades que funcionavam ali: Alcoólicos Anônimos, Hip Hop, Capoeira e Atividade Física; disse ainda que o local possuía uma quadra que estava disponível para o uso da população local. Depois fez questão de apresentar as condições de infraestrutura e limpeza de todo o local. Quando terminamos de conhecer a instituição, percebemos que muitos idosos já haviam ido embora e que os funcionários do Salão estavam sentados conversando, pois não haveria mais o que fazer naquele dia. Assim nos despedimos do Diretor e da Educadora.

Apesar da receptividade do Diretor do Salão, sentimos, durante todo o período da visita, que a Educadora não nos recebeu muito bem, deixando-nos sem orientação do que iria acontecer ou do que deveríamos fazer; não interagiu nas nossas tentativas de diálogo e pouco se importou em prestar as devidas informações durante a entrevista. Em muitos momentos, ficamos sozinhas observando os idosos, visto que a Educadora não nos acompanhou. Episódio que consideramos negativo para o estudo do Grupo em questão, visto que a Educadora é nosso mecanismo de mediação entre nós e os idosos. Assim, deduzimos que a aproximação com aqueles idosos não se daria de maneira fácil, pois não contaríamos com o apoio da Educadora – fato que dificultaria o andamento da pesquisa, influenciando, sem dúvida, nos seus resultados. Apesar disso, os idosos mostraram-se à vontade com nossa presença e não percebemos nenhuma animosidade em nossa direção.

II.1.4 Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura

Realizamos contato telefônico com a Coordenadora do Centro de Convivência onde funciona o Grupo acima referido; neste contato, fomos informados que a Educadora Social responsável pelo Grupo estava de férias e só retornaria em agosto e que a Assistente Social do Centro é que estaria coordenando as reuniões. Fomos informados que o Grupo se reúne às segundas, quartas e sextas. Agendamos a visita, que foi aceita sem o menor impedimento.

Assim, na sexta-feira seguinte, encaminhamo-nos ao Centro. Apesar da distância, conseguimos chegar ao local sem maiores problemas. Quando chegamos ao local indicado – situado no bairro Antônio Bezerra –, fomos recebidos por uma Guarda Municipal e o Zelador do local, que nos apresentou à Assistente Social – que já estava no salão de reunião do Grupo. Explicamos a esta o motivo de nossa visita e ela concordou com nossa permanência ali, informando o que seria feito naquele dia (continuariam a trabalhar a temática do mês: meio ambiente). Informou-nos ainda que, naquele dia, não iriam muitos idosos “*porque, em período de férias, eles ficam em casa pra cuidar dos netos*” (sic, Diário de Campo – dia 24.07.09). Não nos surpreendemos com isso, visto que encontramos a mesma situação nos outros grupos visitados e que foi confirmada nas entrevistas com as Educadoras.

Depois dessa breve conversa, adentramos no salão, onde estava tocando um forró animado, mas nenhum idoso dançava. Sentei-me e comecei a observar os presentes, quando me dei conta que, apesar do número reduzido de idosos, havia muitos homens; fiquei impressionada com a quantidade de idosos do sexo masculino ali presentes: dez! contei e recontei várias vezes, para ter certeza de estar fazendo a conta exata. Depois da descoberta, passei a contar as mulheres e aí a surpresa aumentou: havia oito mulheres! Ou seja, pela primeira vez, havia encontrado um Grupo no qual os idosos do sexo masculino eram maioria. É lógico que até o final da reunião, o número de idosas ultrapassou o de idosos, mesmo assim, estes permaneceram em uma quantidade considerável. Em virtude desse diferencial, pensamos que esse Grupo seria um dos estudados; o fato de que fomos bem recebidos pela Assistente Social e, posteriormente, pela Coordenadora do local (como explicaremos a seguir) reforçou nossa primeira impressão.

Muito tempo se passou e nada acontecia. A música tocava, os idosos permaneciam sentados e conversando entre si; fiquei me perguntando se aquela monotonia acontecia todas as tardes e se os idosos gostavam daquilo. Depois de alguns minutos, a assistente social falou ao microfone e disse para os idosos dançarem, lembrando que “*quando tem palestra vocês querem forró, aí quando a gente bota forró, vocês ficam sentados*” (sic, Diário de Campo – dia 24.07.09). A este pedido da assistente social seguiram-se mais alguns minutos onde nada aconteceu. Até que os casais foram tomando conta do centro do salão, inicialmente formaram-se três casais.

Enquanto os idosos dançavam alegremente, percebemos que, na parte externa do salão, – mais precisamente na área de entrada – um idoso exibia feliz da vida as funções de seu novo celular para duas idosas, que olhavam para o aparelho de forma curiosa. Achamos interessante tal comportamento ao qual associamos de imediato à figura de um jovem; se ali fosse um grupo de adolescentes, aquele fato específico não seria alvo de nossa reflexão. Assim pensamos que os idosos se diferenciam dos jovens, talvez apenas pelos anos vividos, sendo que alguns comportamentos são comuns às faixas etárias em questão. Isso é verificado com mais ênfase, principalmente, em nossa atual sociedade onde os meios de comunicação socializam não só notícias, mas também formas padronizadas de comportamento; e no caso dos idosos – como já analisamos – há uma tentativa globalizada de criar uma imagem positiva associada à velhice, desde que esta conserve os principais aspectos estéticos e comportamentais da juventude.

Nos termos de Alves (2004:360), estas são as tentativas de *manipulação da apresentação da idade*, que se dá por meio do controle das consequências biológicas do envelhecimento e da adoção de estilos de vida previamente caracterizados como pertencentes a determinados grupos etários.

Em seguida, a Assistente Social sentou-se ao nosso lado e perguntou se estávamos gostando; respondemos que sim, pois os idosos pareciam se divertir, dançando. A assistente informou que, naquele local, funcionava antes o CRAS, mas como ali era pequeno para as atividades do Centro e também como ficava próximo ao CRAS do bairro Bela Vista, o serviço fora transferido para o bairro Quintino Cunha. Disse, ainda, que trabalhava ali, todos os dias, na parte da tarde para “*cuidar dos problemas dos idosos*” (sic, Diário de Campo – dia 24.07.09). Aproveitamos o

assunto para deixar marcado o dia da entrevista. A esse momento, seguiu-se cerca de 40 minutos sem que nada acontecesse, o forró continuava tocando e os idosos dançando. Quando cansavam de dançar (notamos que muitos chegavam a suar e a ficar ofegantes) sentavam-se e depois retornavam para a atividade. Percebemos que, nessa dança, os casais foram fiéis, só houve duas alterações de par, os outros permaneciam fiéis aos seus parceiros de dança.

O salão onde acontecia a reunião não era tão amplo, mas confortável o suficiente para acomodar todos os presentes que se sentavam em cadeiras de plástico dispostas em forma de meio-círculo. O piso era de cimento liso (fazendo que, durante a dança, o arrastar dos pés fosse sonoramente perceptível), havia três ventiladores, mas só um funcionava, talvez porque o ambiente fosse bem ventilado devido às suas várias portas e janelas que davam tanto para a área interna do Centro quanto para a lateral e a entrada. Após um longo período, que nos chegou a causar sono e tédio, a assistente social retornou a sentar do nosso lado e, estabelecendo uma conversa, disse que em mês de férias era assim: vinham poucos idosos, “na sexta-feira passada vieram só vinte e cinco idosos...eles não vem porque é férias e ficam em casa cuidando dos netos. Mas isso é todo grupo...” (sic, Diário de Campo – dia 24.07.09). Ressaltou que a preferência deles era a dança, “se não tiver esse forró, eles não fazem nada” (sic, Diário de Campo – dia 24.07.09); nesse momento, contamos oito casais dançando.

Após alguns minutos, observamos a chegada de uma mulher que foi logo cumprimentando os idosos, falando com um e com outro, dançando; enfim, animando o Grupo. Deduzimos que aquela seria a coordenadora do Centro. Não demorou muito e esta se dirigiu até nós e a assistente social nos apresentou; era de fato a Coordenadora do local, com quem havíamos conversado por telefone. Com a chegada desta pessoa ao Grupo – já era um pouco mais de 15 horas – a Assistente Social deu início às atividades do dia. Primeiramente, leu uma mensagem que, por coincidência ao nosso tema de investigação, falava sobre a beleza da família (um pintor pede a Deus para pintar a coisa mais bela que existe no mundo e acaba por descobrir que esta “coisa” era justamente a sua família). Ao final da mensagem, todos os idosos aplaudiram, não houve nenhum comentário ou cochicho à respeito do conteúdo da mensagem.

Em seguida, foram distribuídos (pela Coordenadora e pela Guarda Municipal) dois panfletos sobre o tema que seria abordado; nesse ínterim, a Coordenadora se ausentou para atender uma pessoa e a Assistente Social prosseguiu com a atividade. Ela falou, cerca de vinte minutos, sobre a coleta seletiva de lixo e a importância de separar os resíduos sólidos para a reciclagem; durante sua fala, os idosos permaneceram atentos ao que era dito e liam os informes do panfleto, nenhum cochilou ou fez trabalho manual, além disso, tiveram alguns idosos que comentavam o que era dito, interagindo com a palestrante; apenas um casal ficou alheio ao que era falado, mantendo uma conversa entre si durante toda a palestra. O fato de nenhum cochilar ou desviar sua atenção para trabalhos manuais chamou-nos atenção e deu mais outro diferencial àquele Grupo, visto termos encontrado essas características nos outros grupos visitados.

Para finalizar a atividade, a assistente social fez a dinâmica da teia: um idoso segurava a ponta do novelo de linha, falando o que havia aprendido sobre o tema em questão e, em seguida, jogava o novelo para outro idoso, que também falaria o que havia aprendido sobre o tema. Acharmos a atividade interessante, apesar do fato que a dinâmica não ter sido bem conduzida, deixando os idosos na dúvida do que fazer. Os idosos que falaram mostraram ter prestado atenção ao que foi dito e aprendido sobre o tema. Ao fim da dinâmica, a Coordenadora comentou algumas coisas sobre o que havia sido discutido e fez o sorteio de um livro católico, no qual fomos convidados para puxar o nome da pessoa sorteada – acontecimento que gerou bastante ansiedade nos idosos, pois todos pareciam querer o prêmio.

Para encerrar a reunião, a Assistente Social colocou forró novamente e o lanche foi servido. Havia 29 idosos presentes, destes, 11 eram homens. Nesse momento, a Coordenadora se dirigiu até nós perguntando se já havíamos conhecido todo o Centro, respondemos que não e ela levou-nos para conhecer toda a instituição. Esta era pequena e só possuía uma sala disponível para curso, onde existiam máquinas de costura que eram usadas pelas mulheres que participavam do projeto de Inclusão Produtiva. A Coordenadora informou que não funcionava nada durante o dia e que ela própria estava tentando algum projeto para ocupar as manhãs do Centro. O local possuía uma imensa área interna, que estava descoberta; nesse local a Coordenadora estaria tentando recursos (já em licitação) para construir uma quadra. Encaminhamo-nos até a sala dela, onde permanecemos

por cerca de meia hora conversando com ela e a Assistente Social (que trouxe suco em caixinha, servido para o lanche dos idosos, para nós) sobre o Centro, os idosos e a nossa pesquisa.

O que nos chamou atenção durante a conversa foi o seguinte discurso da assistente social: *“a gente sempre diz que os idosos daqui são privilegiados, porque não possui nenhum problema grave com a família...assim, de ser maltratado, sofrer violência, essas coisas”* (sic, Diário de Campo – dia 24.07.09); ficamos nos perguntando até que ponto a realidade coincidiria com aquele discurso, o que nos motivou ainda mais a querer estudar aquele grupo de idosos.

Ressaltamos que esse momento serviu para nos aproximarmos daquelas profissionais, que nos receberam de maneira expansiva e deixando a instituição disponível para qualquer necessidade de nossa pesquisa. Ao final, a Coordenadora enfatizou ter gostado muito de nossa visita e lhe asseguramos que retornaríamos lá mais vezes.

II.1.5 Centro Comunitário Governador César Cals

Durante todo o mês de julho do corrente ano, tentamos manter contato telefônico com a Educadora Social responsável pelo Grupo de Idosos do Centro Comunitário Governador César Cals (situado no bairro Henrique Jorge), mas em todas as tentativas não conseguimos sucesso. Como o telefone do Centro fica localizado a uma distância muito grande da sala onde funciona o Grupo, era difícil conseguir localizar a Educadora, sendo que os maiores empecilhos foram: o telefone só dava sinal de ocupado; esperávamos alguém ir chamar a Educadora em sua sala, mas a ligação caía e não conseguíamos mais retornar; e, em outras vezes, a Educadora não se encontrava na instituição. Já na última semana do mês, pensamos em ir ao Centro, mesmo sem combinar o horário com a Educadora, mas como avaliamos que correríamos o risco de ser mal recebidos – fato que poderia

comprometer o andamento da pesquisa – decidimos não arriscar e tentar novamente contato telefônico.

Nesta última tentativa, conseguimos falar com a Educadora a quem explicamos os motivos de nossa visita ao Grupo; ela se mostrou receptiva e aceitou nossa presença na reunião sem nenhum impedimento. Ao final da ligação, acertamos o dia da visita e fomos informados pela Educadora que os encontros do Grupo, ao contrário dos demais, acontecem no período da manhã; informação que nos deixou curiosa, pois nunca tivemos a oportunidade de conhecer um grupo de convivência que se reunia no período da manhã.

Assim, no dia combinado (terça-feira, dia 04.08.09) dirigimo-nos ao Centro Comunitário. Chegamos ao local e logo concluímos que aquele era o mais distante e de difícil acesso de todos os Grupos da SER III e que talvez esse dado pudesse influenciar na decisão de incluir ou não esse Grupo na pesquisa. Apesar disso, não desistimos da visita e nos encaminhamos para a recepção da instituição, onde fomos informados que, naquele dia, o Centro havia paralisado suas atividades por conta de uma manutenção elétrica em todo o prédio. Lamentamos a viagem perdida e, em seguida, ligamos para o telefone celular da Educadora, a qual nos informou que as atividades do Grupo retornariam ao normal no dia seguinte (dia de ensaio do coral) e que poderíamos visitar o Grupo na quinta-feira seguinte, pois, nesse dia, estariam todos os idosos.

Dessa maneira, retornamos ao Centro no dia acertado (quinta-feira, dia 06.08.09) e fomos informados na recepção que a Educadora já estava reunida com os idosos na “sala 30”. Percorremos um longo corredor cheio de salas até encontrarmos a sala indicada; entramos na sala e percebemos a presença de poucos idosos, mesmo estranhando a quantidade de idosos, apresentamo-nos à Educadora, que nos recebeu de maneira muito entusiástica. Esta foi logo nos explicando que o número de participantes estava reduzido (havia 10 pessoas), porque os idosos não foram informados que as atividades já haviam voltado ao normal, “*muitos ainda pensam que a gente tá em manutenção*” (sic, Diário de Campo – dia 06.08.09).

Sentamos e ficamos esperando a atividade começar, enquanto isso, os idosos estavam lanchando e, por diversas vezes ofereceram-nos seu lanche – ao qual recusamos. Apesar disso, não percebemos que os idosos se sentiram

incomodados com nossa presença, ao contrário, pareciam à vontade; conversavam entre si e com a Educadora, riam e, por vezes, permaneciam em silêncio. Nesse momento, observamos que a sala não possuía nada de especial em comparação com as outras que encontramos naquele longo corredor. Ela era pequena, arejada e possuía piso de cimento, havia basculantes na parte superior das paredes, onde também percebemos a presença de alguns ventiladores; os idosos estavam acomodados em cadeiras de plástico dispostas em meio-círculo. Além disso, também observamos a presença de alguns equipamentos, como som, televisão e DVD.

Como os idosos ainda estavam lanchando, a Educadora aproveitou o momento e foi resolver algumas pendências dentro do próprio Centro. Nesse ínterim, aproveitamos para escutar a conversa das idosas; dos diálogos escutados, um nos chamou especial atenção: uma idosa reclamava a outra que esta se encontrava triste e muito calada, ao que esta idosa respondeu “*há momentos para falar e momentos só para ouvir*” (sic, Diário de Campo – dia 06.08.09). Refletimos que essa frase se encaixava perfeitamente ao momento de nossa pesquisa, que estava prestes a se encerrar: fase exploratória de reconhecimento do campo empírico. Em todas as visitas feitas até o presente momento, colocamo-nos na posição de meros observadores e, como tais, utilizamos a audição e a visão em maior proporção do que o falar. Mas o ouvir e o ver não aconteceram de maneira livre, ao contrário, foram devidamente sensibilizados pela teoria disponível (OLIVEIRA, 1998). Ressaltamos que tal atitude não foi escolha nossa, mas uma imposição do próprio campo empírico, que nos colocou como condição primeira para seu conhecimento: o “calar”.

Após alguns minutos, a Educadora retornou à sala e deu início à reunião. Primeiro, entregou a cada idoso (inclusive a nós) uma fita de tecido e, em seguida, pediu a todos que ficassem de pé. Explicou que, naquele mês, a temática abordada seria a “Cultura Popular” e que, para iniciar, iriam conhecer as músicas e a história da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto. Após essa explicação, a Educadora facilitou a seguinte dinâmica: ao som da música dos Irmãos Aniceto formaram-se três grupos (de acordo com a cor da fita de tecido) e a estes grupos a Educadora atribuiu vários comandos (fazer uma estrela, um quadrado, um círculo etc.) que finalizaram numa grande roda formada por todos os presentes.

Como já referimos, fomos convidados pela Educadora a participar desta atividade, em princípio, recusamos tal participação por não querer interferir no desenrolar da mesma. Entretanto, ao longo da atividade, percebemos que ela estava servindo para nos integrar ao Grupo de idosos, sendo que, ao seu término, sentimos que os idosos estavam mais próximos de nós; condição que poderia favorecer a relação entre pesquisador e pesquisado.

Em seguida, a Educadora explicou que seria exibido um documentário contando a história da Banda Cabaçal em questão, mas como o DVD não estava funcionando, ela passou para a atividade final. Esta se constituiu de dois momentos: no primeiro, a Educadora retirou de uma pequena caixa adágios populares e leu a primeira parte do mesmo, fazendo com que os idosos complementassem o adágio. Esse momento foi bastante divertido e serviu não só para resgatar a cultura popular, como também para exercitar a memória dos participantes. Ressaltamos que, durante esta primeira parte da atividade, três idosos (um casal de idosos e uma senhora) se retiraram, alegando que estavam esperando visitas em suas residências. Esse fato nos levou a refletir acerca da peculiaridade do horário dos encontros daquele Grupo, que se reúne as terças e quintas-feiras no período da manhã; questionamo-nos se aquele horário não traz problemas aos idosos que desempenham certos papéis sociais dentro de suas famílias, ou mesmo se a frequência naquele Grupo é reduzida pelo fato de suas reuniões acontecerem no período da manhã. Lembramos de anotar essas perguntas e fazê-las à Educadora no momento da entrevista, procedimento que não foi necessário, pois ela antecipou-se e quando perguntamos sobre o número de idosos cadastrados no Grupo ela afirmou: *o nosso grupo poderia ter mais gente, mas, devido ele ter as atividades no horário da manhã, vem pouca gente...o pessoal da comunidade, os idosos mais ativos assim, que tem idoso que cuida de filho, cuida de neto, fica em casa fazendo as coisas, aí às vezes não dá tempo ir para o grupo* (Educadora 5, entrevista realizada em 18.08.09).

Retornando à reunião, após a retirada dos três idosos, o Grupo ficou reduzido à sete participantes e isso motivou a Educadora a me convidar – novamente – para fazer a atividade junto com os idosos. Assim, passamos à segunda fase da atividade sobre os adágios populares, que se constituiu do seguinte: foram formadas quatro duplas e cada dupla ficou com dois adágios, os quais deveriam ser representados em forma de mímica para que os outros participantes pudessem adivinhar. Esse

momento foi bastante divertido e serviu para nos integrar ainda mais àquelas poucas idosas.

Ao final da atividade, a Educadora agradeceu nossa participação, explicando que o Grupo estaria disponível para qualquer necessidade de nossa pesquisa. Nesse momento, a Educadora lembrou que não havia me apresentado aos presentes, ao que uma idosa respondeu “*ah, mas agora ela já é quase do Grupo!*” (sic, Diário de Campo – dia 06.08.09). Assim, apresentamo-nos e explicamos os nossos objetivos com aquela visita; aproveitamos o encerramento do encontro e nos despedimos. Por fim, agendamos com a Educadora o dia da entrevista.

II. 2 A política pública municipal dos Grupos de Convivência na cidade de Fortaleza e as peculiaridades dos Grupos escolhidos para a pesquisa

*Mais uma vez os homens,
desafiados pela dramaticidade da hora atual,
se propõe a si mesmos como problema.
Descobrem que pouco sabem de si,
de seu 'posto no cosmo',
e se inquietam por saber mais.*
Paulo Freire

Como já explicamos anteriormente, neste tópico, iremos descrever o perfil preliminar dos dois Grupos de Convivência que foram escolhidos para a etapa futura desta pesquisa. Porém, antes de discorrermos sobre essa questão, consideramos de fundamental importância esclarecer os contextos histórico e conjuntural nos quais estes Grupos são partes integrantes.

Segundo Sales (2003), as primeiras ações institucionais voltadas para os maiores de 60 anos, ligadas ao poder público federal no Ceará, só tiveram início a partir da década de 1970, mais precisamente em 1976, depois da criação do Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, que coordenou o atendimento aos idosos e excepcionais em seus Centros Sociais. Já no início dos anos 80, esse trabalho foi transferido para a Legião Brasileira de Assistência - LBA, que prestava atendimento ao idoso através de asilos e de grupos de convivência. Consoante Monteiro (2002:63), *a instituição chegou a ter uma espécie de centro social só para o idoso, denominada "A Casa do Idoso", que foi extinta, repentinamente, por ordem do governo federal* e que tinha capacidade para atender 250 idosos e contava com uma infraestrutura adequada e uma equipe multiprofissional que atendia os idosos diariamente.

Ainda de acordo com a pesquisa realizada por Monteiro (2002), também na década de 1980, iniciaram-se os trabalhos com idosos na esfera estadual, que foram deflagrados pelos incentivos financeiros do governo federal e pela luta da sociedade civil organizada por melhores condições de vida para essa faixa etária.

No Governo do Estado, a coordenação do trabalho com idosos gestou-se inicialmente dentro da Fundação dos Serviços Sociais do Ceará – FUNSESCE e, posteriormente, em 1990, pela Fundação da Ação Social - FAS, resultado de um processo de reestruturação do sistema de assistência social prestada pelo governo,

que buscou a otimização e a racionalização dos serviços prestados. Em relação às questões das pessoas idosas, o Estado fez convênios com instituições não-governamentais a fim de incentivar a continuidade dos seus trabalhos, concedendo-lhes apoio financeiro e técnico. A FAS estava organizada em departamentos e, dentre eles, o Departamento de Assistência Devida – DAD, que englobava o atendimento aos idosos e era assim constituído:

Divisão de Ação de Assistência Emergencial, que prestava assistência emergencial para situações de necessidade urgente, a Divisão de Assistência Complementar, cujo objetivo era apoiar e fortalecer as entidades filantrópicas que assistiam o idoso e o deficiente e a Divisão de Assistência Básica que encampava a Unidade de Abrigo, antiga CAGES (MONTEIRO, 2002:65).

Vale ressaltar que as modificações mencionadas, além de ocasionadas pela mudança do governo estadual, foram o reflexo do reordenamento do sistema de assistência social na esfera federal, por ocasião da Constituição de 1988.

A aprovação da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, seguida da extinção da LBA, impeliram à municipalização da assistência social nos Estados brasileiros. Assim, no Ceará, o governo estadual coordenou todo o processo de extinção da LBA, estadualizando e municipalizando os seus serviços.

Em 1995, com a extinção da LBA toda a rede de assistência (instituições públicas e privadas, convênios, serviços, programas, projetos e equipamentos) foi repassada ao nível estadual que, através da SETAS assumiu toda a responsabilidade pela execução do plano de assistência social no Estado, seguindo os princípios de descentralização e diretrizes preconizadas pela LOAS (SALES, 2003:50).

Entretanto, somente em meados de 1998, o município de Fortaleza reestruturou suas Secretarias e Coordenadorias, adaptando-as ao novo modelo de assistência preconizado na LOAS. Nessa ótica, tivemos a aprovação da Lei Municipal nº7.945⁸ que dispõe sobre o Sistema Descentralizado e Participativo da Assistência, atribuindo à Secretaria de Educação e Assistência Social - SEDAS a execução da assistência social no âmbito municipal, através da efetivação de ações de proteção social à família, à infância, à velhice e às pessoas portadoras de deficiência.

⁸ Apesar de ter sido formalizada desde 15 de agosto de 1996 só foi consolidada dois anos depois.

Dessa forma, após a reestruturação da assistência social no Estado e Município, parte dos Grupos de Convivência pertencente à LBA passou para a administração do Governo do Estado e o restante foi destinado aos cuidados da Prefeitura Municipal de Fortaleza; infelizmente não conseguimos encontrar informações acerca de como se processou esta divisão. Atualmente, na esfera municipal, estes Grupos ficam sob a coordenação da Secretaria Municipal de Assistência Social – SEMAS, criada em 10 de julho de 2007, através da Lei Complementar nº0039 com o objetivo de coordenar a Política Municipal de Assistência Social, através da implementação do Sistema Único de Assistência Social – SUAS e formular políticas, elaborando diretrizes gerais e identificando prioridades que deverão nortear ações assistenciais da Prefeitura visando ao desenvolvimento social e à melhoria das condições de vida da população⁹.

Obedecendo às diretrizes da Política Nacional de Assistência Social – PNAS, aprovada em 2004, os Grupos de Convivência destinados aos idosos são serviços vinculados ao Programa de Atendimento Básico à Pessoa Idosa - PABI e inerentes à Proteção Social Básica – PSB devendo, portanto, ser geridos pelo Programa de Atenção Integral à Família – PAIF, que é executado pelo Centro de Referência da Assistência Social – CRAS. De forma resumida, temos que os Grupos de Convivência possuem sua coordenação executiva vinculado aos CRAS's e sua gerência à PSB.

De acordo com dados colhidos no *site* da própria Prefeitura de Fortaleza, o PABI concebe o idoso como sujeito de direitos e busca proporcionar atendimento à pessoa idosa, articulando as políticas sociais públicas, criando condições de autonomia, participação e integração na família e na comunidade. Além disso, estrutura suas ações em dois eixos temáticos: *Idoso Sujeito de Direitos* e *Idoso Sujeito de Cultura*, que são mediatizados aos idosos por meio de ações de formação, como palestras, capacitações, oficinas sócioeducativas, além de atividades culturais, artísticas e de lazer.

Estas atividades, de acordo com as informações das Educadoras Sociais, são executadas e acompanhadas por elas. Para tanto, a SEMAS realiza cursos mensais

⁹ Esses dados foram extraídos do *site* da própria Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7812&Itemid=12> . Acesso em: 26 agosto de 2009.

com todas as Educadoras a fim de capacitá-las para o desenvolvimento adequado das atividades¹⁰ acima listadas junto aos idosos.

As ações do PABI são executadas em 30 equipamentos sociais – entre os quais temos os CRAS's, Unidades Sociais e Centros Comunitários – sob o acompanhamento dos técnicos (assistente social e psicólogo) dos CRAS's de referência, possuindo como meta o atendimento a 2.500 idosos; sendo que a média de atendimento fica em torno 2.000 idosos distribuídos nas seis Regionais do Município.

Diante destes números, deparamo-nos com a grandiosidade numérica do PABI e escolhemos estudar apenas os Grupos pertencentes à SER III, dentre os quais optamos por selecionar dois com o objetivo de aplicar a presente pesquisa. Ressaltamos que tal número deveu-se ao fato de que os Grupos de Convivência referidos possuem uma grande quantidade de idosos participantes e pesquisar sua totalidade seria impossível, visto os objetivos qualitativos aqui pretendidos. Como complementa Goldenberg (2004:29),

a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a "descrição densa" dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica.

Inicialmente o objetivo era estudar dois Grupos com datas distintas de criação: um mais antigo, no qual os idosos e seus familiares já estariam acostumados à dinâmica dos papéis sociais do idoso (no que concerne às atividades fora do ambiente doméstico) e um mais recente, onde as relações entre idoso – grupo – família ainda estariam em fase de adaptação. E, a partir daí, traçar um paralelo entre os diversos papéis sociais assumidos pelos idosos e a maneira como estes os conciliam cotidianamente. Entretanto, encontramos dificuldades em aplicar esse critério visto que todos os Grupos de Convivência visitados funcionam há bastante tempo, como já explicamos. Com nossos critérios iniciais malogrados, passamos para a análise das entrevistas¹¹ com as Educadoras Sociais a fim de

¹⁰ Em cada mês a SEMAS escolhe uma temática diferenciada para ser abordada dentro dos Grupos de Convivência, assim as atividades desenvolvidas em determinado mês possuem como foco um tema específico.

¹¹ Apenas três entrevistas foram alvo de nossas análises: Centro de Referência da Assistência Social Bela Vista; Centro Comunitário Aloísio Ximenes e Centro Comunitário Governador César Cals. Pois durante as visitas excluímos da pesquisa o Salão do Idoso Presidente Kennedy e escolhemos como um dos Grupos a serem pesquisados o Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura.

descobrir elementos que pudessem facilitar na escolha do segundo Grupo a ser pesquisado – visto que o primeiro Grupo fora eleito, por nós, durante a fase exploratória deste estudo. Esclarecemos que as entrevistas foram concedidas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo); com o objetivo de facilitar o recolhimento das informações, todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Já na primeira análise comparativa entre as entrevistas, um dos Grupos apresentou uma peculiaridade desinteressante para nossa pesquisa, pois uma parte considerável de seus membros reside em domicílios unipessoais. Quando perguntamos a Educadora 5 (entrevista realizada em 18.08.09) com quem os idosos moravam, a mesma respondeu: *tem uma boa parte que mora sozinho; tenho várias idosas que mora só...tem umas seis que moram só*. Este dado poderia não representar um fato importante nos outros Grupos, mas neste ele torna-se um dado a ser considerado, visto que o Grupo em questão possui apenas 46 idosos inscritos e a frequência, nas reuniões, fica em média de 15 a 30 pessoas – números pequenos em comparação aos demais grupos da mesma Regional. Assim, optamos por excluir o Grupo pertencente ao Centro Comunitário Governador César Cals, pois encontramos nele justamente o perfil oposto de idosos que procuramos para esta pesquisa (idosos residentes com suas famílias), além disso, o pouco número de idosos nesse Grupo deixaria poucas alternativas no momento de escolher as pessoas a serem entrevistadas.

Assim, prosseguimos na análise das entrevistas dos dois Grupos restantes e nos surpreendemos ao verificar que os mesmos possuíam muitas características em comum. Pensamos que, talvez, essa semelhança fosse provocada pela proximidade territorial entre eles ou mesmo por possuírem como coordenação o mesmo CRAS. Mas, paramos de tentar entender as semelhanças existentes e partimos em busca das diferenças entre os Grupos que fossem úteis ao enriquecimento e desenvolvimento de nosso estudo. Nessa direção, encontramos uma diferença crucial que diz respeito ao papel profissional dos idosos; questionamos às Educadoras se algum idoso no Grupo exercia algum tipo de atividade remunerada e elas responderam como segue:

Nenhum deles trabalham, num sei se é porque já tão cansado, aí vão cuidar mais da família, da casa, dos netos. Não conheço nenhum...eu só conhecia

uma idosa que trabalhava, mas não era aposentada...(Educadora 1, entrevista realizada em 08.07.09)

Tem muitas que trabalham, tem umas que fazem tapete ou crochê mesmo...trazem pra cá, é brincando, achando graça e fazendo. É um aposentado desapensado, que procura fazer alguma coisa pra aumentar a renda. (Educadora 2, entrevista realizada em 13.07.09)

Diante dos discursos acima, escolhemos o Grupo coordenado pela Educadora 2, que corresponde ao Centro Comunitário Aloísio Ximenes e excluimos o Grupo coordenado pela Educadora 1. Pois consideramos que a execução de uma atividade remunerada é de extrema importância para o entendimento dos novos papéis sociais assumidos pelos idosos, que, apesar de serem aposentados, ainda exercem algum tipo de atividade laborativa, possuindo, dessa forma, múltiplas funções na sociedade – as quais não se resumem àquelas processadas no ambiente doméstico e tão pouco às promovidas pelos grupos de convivência.

Portanto, teremos como *locus* deste trabalho o Grupo de Convivência pertencente ao Centro Comunitário Aloísio Ximenes e pertencente ao Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura. Os próximos passos metodológicos em torno destes campos empíricos foram constituídos dos seguintes atos: retornar aos Grupos a fim de realizar pesquisa documental nos cadastros dos idosos, com o objetivo de realizar o perfil socioeconômico deles; bem como participar das reuniões do Grupo na condição de observador-pesquisador, com o objetivo de nos aproximarmos dos idosos e estabelecer com estes uma relação de confiança¹², para, em seguida (com a ajuda das Educadoras Sociais), escolher os idosos que serão os informantes de nossa pesquisa. Após a escolha dos informantes, realizamos entrevistas semiestruturadas com os mesmos e com um de seus familiares, que morassem na mesma residência daqueles.

Dessa forma, passamos a seguir para a descrição do perfil dos dois Grupos de Convivência selecionados para a pesquisa, possuindo como referência os dados colhidos durante as entrevistas com a Educadora Social, no caso do primeiro Grupo,

¹² Concordamos com as idéias de Malinowski (1984) quando este se refere à interação social entre pesquisador e pesquisados, como parte essencial para um bom trabalho de campo. Acreditamos que uma relação social mais intensa – como por exemplo a entrevista – exige que ambas as partes já possuam algum tipo de contato e afinidade que facilite a coleta de dados e que estes sejam mais bem próximos do real. Assim, a confiança em uma entrevista é importante para que o pesquisador atinja seus objetivos.

e com a Assistente Social, no segundo. Como também, as informações colhidas nos cadastros dos idosos, que nos permitiu descrever o perfil sócio-econômico dos idosos participantes dos grupos.

II. 2. 1 Centro Comunitário Aloísio Ximenes

O Grupo de Convivência pertencente ao Centro Comunitário acima referido já possui mais de dez anos de funcionamento e, assim como a maioria dos outros Grupos pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza, tem sua criação no período de funcionamento da LBA. Apesar disso, em consonância com a história do Grupo – contada pela Educadora Social 2 – no ano de 2006, este passou por uma intensa renovação de seus membros. Esta renovação foi ocasionada pelas mudanças estruturais que atingiram aquele Grupo, como explicou a Educadora 2:

Tinha uma pessoa que fazia expressão corporal com eles e era o sucesso pra eles. Aí eu fiquei logo amiga com ela e nós duas tava bom demais...aí o que é que acontece? Mudam as pessoas sem nem avisar, de repente ela tava numa tarde aqui e recebeu um telefonema que foi cortada, aí a bichinha saiu. Nesse tempo saiu duas meninas que eram apoio aqui, saiu essa menina, mais a assistente social... Conclusão, fiquei só. Nessa época tava também uma quebra de alimento, sabe?! Aí tinha dia que eu contava treze, sete pessoas sabe?!

Na tentativa de contornar a situação da baixa frequência dos membros, a Educadora efetuou diversas visitas domiciliares aos idosos residentes no entorno do Centro Comunitário, sensibilizando-os para participarem das reuniões do Grupo de Convivência. Após várias visitas, os idosos ingressaram no Grupo e alguns integrantes antigos retornaram às atividades. Acrescentamos que esse problema enfrentado pela Educadora serviu não só para resolver a pouca participação dos idosos, mas também gerou entre ela e os idosos uma relação afetiva muito forte, a qual nos chamou atenção e que pode ser constatada nas seguintes palavras:

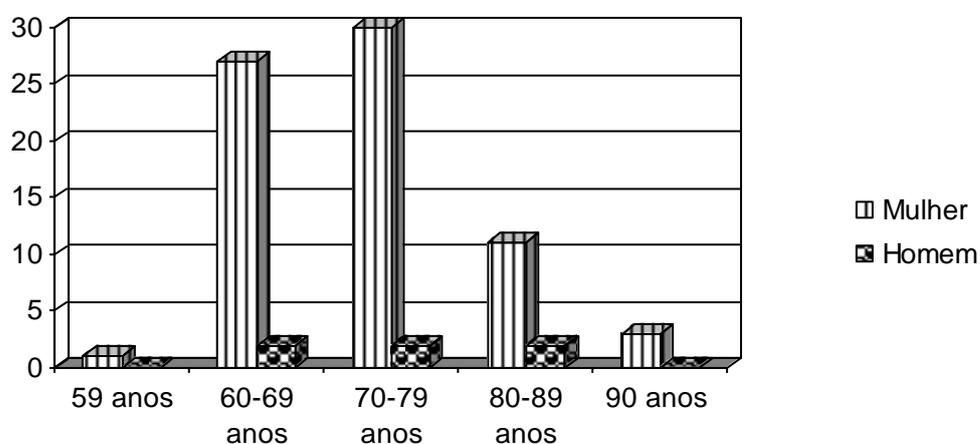
Agora, o dia que eu não venho, pra eles não presta; eles gostam de todo mundo, mas é como se eu não tivesse aqui não fosse a mesma coisa. Meu pai faleceu esse dias aí no dia da festa eu arrumei tudo isso daqui, mas todo mundo disse “olha, não foi legal, não tava bom” porque eu não tava aqui (Educadora 2).

Os cadastros dos participantes contem todas as informações necessárias à sua identificação, entretanto a Educadora ressalta que possui o desejo de realizar modificações nele:

pelo meu gosto eu faria totalmente diferente, eu ia atualizar, colocando outros dados mais importantes...como: que tipo de enfermidade a pessoa tem, qual os medicamentos que toma e os horários que é pra mim lembrar de vez em quando, pela pessoa eu já vou sabendo. Até mesmo em passeio...ter aquela informação...por exemplo, a pessoa é cardíaca ou tem problema de Alzheimer, que de repente pode se esquecer...tudo isso a gente precisa saber (Educadora 2).

Apesar destas deficiências apontadas pela Educadora 2, realizamos¹³ pesquisa documental nos cadastros dos idosos a fim de coletar informações para o seu perfil socioeconômico que será apresentado ao longo deste tópico. Atualmente, o Grupo em questão conta com 78 pessoas cadastradas, dentre as quais há prevalência do sexo feminino, sendo 72 mulheres e 06 homens. A variação de idade fica entre 59 e 90 anos para ambos os sexos, especificamente em relação aos homens, verificou-se que suas idades estão entre 66 anos e 86 anos, o que demonstra (em números reduzidos) a alta expectativa de vida das mulheres. Tais dados podem ser conferidos de maneira mais específica no gráfico abaixo:

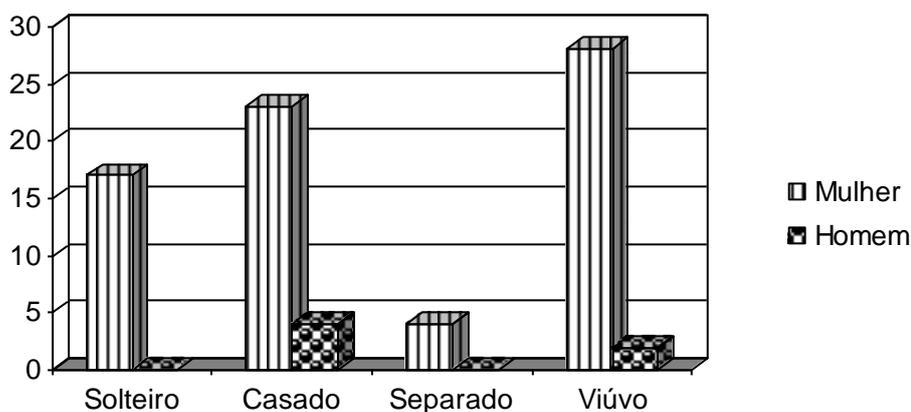
Gráfico 1 – Perfil etário dos idosos em números reais por sexo



¹³ A consulta aos cadastros dos idosos foi realizada no mês de janeiro do ano de 2010.

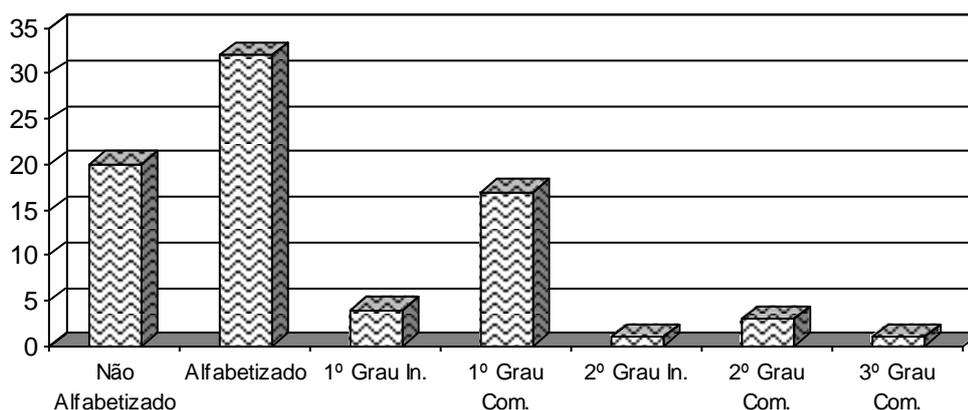
Em relação ao estado civil destes idosos, uma descoberta específica chamou-nos atenção, em sua maioria (30 no total), estão na condição de viúvos(as), como verificamos no Gráfico 2. Sendo que a prevalência da viuvez incide sobre as mulheres, assim como encontramos no perfil dos idosos brasileiros, que será discutido no capítulo seguinte.

Gráfico 2 – Estado civil dos idosos por sexo



A respeito do nível de instrução, encontramos um baixo nível de escolaridade entre os idosos, dentre os quais, a maioria (32 no total) afirmou ser alfabetizada e outra grande parcela (20 no total) se declarou como não alfabetizada. Apesar disso, como podemos observar no gráfico abaixo, a escolaridade do Grupo em questão é variada, possuindo, inclusive, uma pessoa (mulher) que chegou a cursar o ensino superior. Optamos por não dividir o nível de escolaridade entre os sexos devido a sua pequena variação entre os homens, pois do total de homens cadastrados no Grupo temos que 3 (três) são analfabetos e os outros 3 (três) são alfabetizados.

Gráfico 3 – Nível de escolaridade em números reais



As reuniões do Grupo acontecem duas vezes na semana (terça e quinta-feira), no período da tarde, possuindo duração de, no máximo, 3 horas e, apesar do grande número de inscritos, a média de frequência nas reuniões não ultrapassa 60 pessoas. Durante a entrevista, a Educadora informou-nos que existem dois fatores principais que influenciam na presença do idoso nas atividades do Grupo, o primeiro deles seriam questões de saúde e o segundo, a família. Em relação à saúde, os idosos, muitas vezes encontram-se enfermos e, por isso, ficam impossibilitados fisicamente de comparecer às reuniões ou, então, marcam consulta médica no mesmo horário da reunião. Já em relação à família, o problema está nas responsabilidades domésticas que eles assumem (ou lhe são atribuídas), como, por exemplo, cuidar dos netos: *eles dizem “olhe, semana que vem eu não vou poder vir, porque minha filha vai trabalhar e a menina que toma conta dos filhos dela vai pro interior, e vou ficar com eles, aí não vou poder vir...”* (Educadora 2).

Ainda no que concerne à presença dos idosos, indagamos à Educadora sobre a rotatividade dos membros e fomos informados que não há saídas ou entradas frequentes de idosos, estes apenas se afastam do Grupo por alguns períodos no intuito de resolver problemas de saúde (internação ou cirurgia) e logo que estão sadios, retomam as atividades.

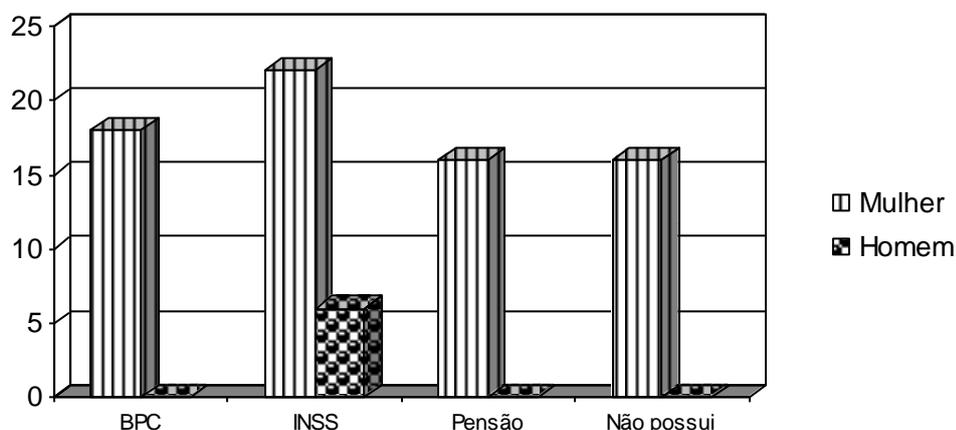
De maneira resumida, a sistemática das reuniões acontece da seguinte forma: inicialmente é feita uma acolhida, por meio de música, dança ou leitura de um poema; em seguida passa-se à atividade educacional sobre a temática do mês e, por último, é servido o lanche. Como nos explicaram as Educadoras entrevistadas, a temática do mês é definida pela própria SEMAS, que fica responsável por realizar o planejamento mensal das atividades que serão desenvolvidas nos Grupos de Convivência da Prefeitura; além disso, a citada Secretaria fica encarregada de promover capacitações para as Educadoras a fim de que as mesmas possuam domínio do conteúdo que será abordado durante todo o mês. Ressaltamos que, dentro da atividade educacional, estão inclusas dinâmicas grupais, trabalhos manuais, colagens, leituras, etc. Além das reuniões semanais, são oferecidos aos idosos integrantes desse Grupo passeios culturais e festas, como explicou a Educadora 2:

A gente desenvolve aqui passeio, a gente faz muito passeio com eles... [...].Sempre quando tem festa assim, carnaval, festa junina, natal e tudo...sempre eu faço e eles ainda tem promovida pela Prefeitura. As festas

são lindas. Aí tem passeio, festa...tem passeio do jeito que você quiser aqui, cultural, de lazer...

Ao contrário do esperado, quando nos referimos a grupos de convivência que atendem populações de baixa renda, o perfil socioeconômico do Grupo revelou que a maioria dos idosos recebe aposentadoria do Instituto Nacional de Previdência Social – INSS por invalidez ou tempo de serviço, sendo que o número de beneficiários do BPC e os pensionistas é praticamente o mesmo. Este dado indica, entre outras questões, que os referidos idosos tiveram uma vida adulta ativa, produtiva e formal em termos econômicos. Outro dado importante verificado foi o elevado índice de pessoas que não possuem nenhuma fonte fixa de renda, como podemos analisar abaixo:

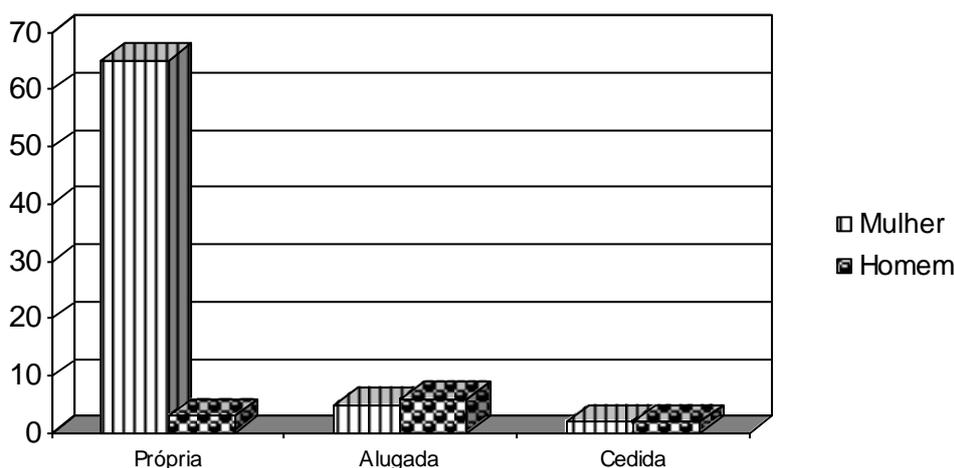
Gráfico 4 – Principal fonte de renda em números reais por sexo



Ainda sobre a fonte de renda e de acordo com informações da Educadora, existem aqueles idosos que ainda exercem atividades laborativas – como já sinalizamos no início deste subtópico. Na pesquisa junto aos cadastros, constatamos que tal informação procede: do total de inscritos no Grupo, 13 (treze) pessoas afirmaram possuir algum tipo de atividade remunerada. Destas, todas são do sexo feminino e apenas 2 (duas) possuem algum tipo de renda fixa (BPC e pensão), fato que nos sugere a forte necessidade econômica que o idoso possui em permanecer atuante no mercado de trabalho a fim de garantir sua sobrevivência e não apenas para complementar sua renda. Além disso, como alerta Saad (2004), exercer uma atividade econômica é um bom indicador da autonomia física do idoso.

Outra informação importante cedida pela Educadora é que grande parte deles residem com a família e apenas uma idosa reside em domicílio unipessoal. Infelizmente não pudemos constatar essa informação na consulta aos cadastros, visto que a única informação a respeito da residência dos idosos consiste em saber se ela é própria, alugada ou cedida; dessa forma, chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico 5 – Condição da residência onde o idoso reside em números reais por sexo



A integração entre família e Grupo de Convivência é reduzida e, como pudemos perceber, não incentivada pela própria Educadora:

Quando a gente faz a festa, aí a gente não gosta muito de chamar o familiar, porque vem criança...sempre o adulto costuma trazer uma criança, aí essa criança fica correndo, de repente o idoso tá dançando e bate nele. Às vezes, eles tão dançando aqui e bate um no outro, às vezes só falta cair e eu tenho que ficar muito atenta. Imagine se vier o idoso traz uma filha que traz uma criança...não dá, não é pra trazer. Aí quando é a festa deles, é só eles mesmos. A não ser que eu diga assim “traga uma pessoa da família, uma filha”, mas se num for assim, eu gosto que a festinha seja só deles.

A Educadora fez referência apenas a uma atividade na qual houve a participação da família e esta só se deu, porque a presença da família era obrigatória para o cumprimento do planejamento, como atestamos nas palavras que seguem:

Teve aí um tema que foi família, que eu pedi pra cada uma trazer uma pessoa da família pra poder interagir aqui com o grupo e foi muito bom. Eu

pedi pra um filho ou uma filha vir e trouxessem uma rosa, podia ser natural mesmo, pra, quando terminar tudo, entregar pra mãezinha e dá uma abraço...foi muito bom, bonito que só. E todos eles trouxeram, a família gosta muito de cumprir direitinho assim (Educadora 2).

Será que o não envolvimento da família nas atividades realizadas no Grupo não pode gerar certos preconceitos em relação ao próprio Grupo e levar, muitas vezes, a família a dificultar ou mesmo impedir o idoso de participar de grupos de convivência? Esse aspecto será aprofundado durante a análise das entrevistas com os familiares dos idosos sujeitos desta pesquisa.

Sobre a relação entre os idosos e seus familiares a Educadora reconheceu que há conflitos entre as partes e contou-nos casos de idosos que deixam de frequentar o Grupo por “ordem” de seus filhos, os quais querem proteger seus pais e os impedem de sair à rua de forma continuada; ou, nas relações mais amenas, muitos faltam várias reuniões com a justificativa de que precisam ficar em casa para cuidar dos netos ou de outros afazeres domésticos. Informações estas que nos alertam para um campo conflituoso das relações entre gerações no qual os idosos estão inseridos, bem como a necessidade de sua presença dentro do ambiente doméstico, onde o mesmo tem funções determinadas a exercer.

Todavia, de maneira geral, as relações familiares dos idosos foram consideradas positivas pela Educadora, que também reconheceu os problemas cotidianos causados pela convivência, principalmente quando esta se dá entre gerações diferentes. Assim, quando perguntada “como você avalia essa relação?”, a Educadora respondeu:

Muito boa, tem muitos que vive muito bem...muito direitinho, mas tem os casos, né?! A maioria do grupo vive bem. Assim, mês passado, foi o mês do direito da pessoa idosa e quando eu falava essa questão aí dos netos que ficam em casa e não deixam o idoso dormir um pouquinho...é umas seis, mas mesmo assim pesa pra gente. Você imagina um idoso no sofrimento de não poder dormir um pouquinho de tarde...um cochilinho, de repente, tá dormindo e entra um correndo pela casa. [...]. É só coisinha leve, num tem esse de bateram nele ou derrubaram o idoso...é só coisinha leve que dá pra engolir (Educadora 2).

II.2. 2 Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura

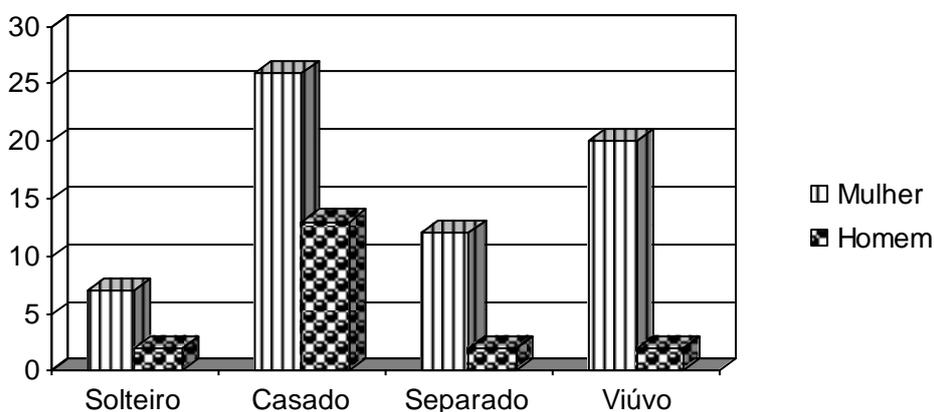
O Grupo de idosos que funciona nas dependências do Centro de Convivência acima reportado, assim como os demais grupos de convivência da Prefeitura Municipal de Fortaleza, executa suas atividades desde quando pertencia à antiga LBA. Enfatizamos que este Grupo também dispõe do cadastro atualizado dos idosos, onde constam as informações necessárias à sua identificação; nas palavras da Assistente Social: *antes deles entrarem aqui, a gente faz um cadastro, onde a gente pega o nome, a idade, o endereço deles, telefones pra contato, documentos...pra ficar bem estruturadinho. Que é pra quando a gente for fazer as visitas, a gente saber o endereço.* Atualmente, de acordo com a pesquisa documental realizada¹⁴ nesses cadastros, existem 84 idosos participantes entre homens (19 pessoas) e mulheres (65 pessoas); destes dados, chamou-nos atenção o número de homens, que é bastante expressivo quando comparamos com a quantidade de pessoas do sexo masculino que frequentam outros grupos de convivência para idosos. A variação de idade fica entre 60 e 98 anos para ambos os sexos; especificamente em relação aos homens, verificou-se que suas idades estão entre 59 anos e 98 anos; e diferentemente do encontrado no Grupo anterior, temos que a expectativa de vida dos homens é relativamente alta, visto que 12 (doze) deles encontram-se na faixa etária acima de 70 anos. Tais dados podem ser conferidos de maneira mais específica no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Perfil etário dos idosos em números reais por sexo

¹⁴ A consulta aos cadastros dos idosos foi realizada no mês de fevereiro do ano de 2010.

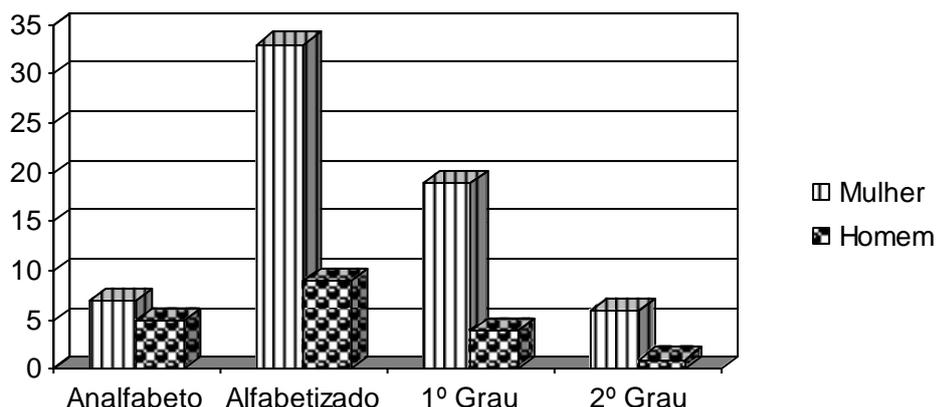
Em relação ao estado civil destes idosos, temos que a maioria deles encontra-se na situação de casado (39 no total); característica que também não é comum nos Grupos de Convivência, onde a maioria das pessoas que participa o faz após a separação ou viuvez, como um momento de libertação e recomeço de uma nova vida. Apesar deste dado, temos que o índice de viuvez é bastante acentuado no Grupo, chegando a atingir 22 pessoas; sendo que a prevalência da viuvez incide sobre as mulheres assim como encontramos no perfil dos idosos do Grupo anterior e dos brasileiros, o qual será discutido no capítulo seguinte. De maneira específica, os dados a esse respeito estão dispostos no gráfico que segue:

Gráfico 7 – Estado civil dos idosos por sexo



Em relação ao nível de instrução, assim como no Grupo anterior, verificamos que os idosos possuem um baixo nível de escolaridade, com o agravante de que nenhum deles possui nível superior; entretanto, a maioria dos idosos afirmou ser alfabetizada (42 no total) e outra grande parcela declarou que possui o 1º grau (23 no total). Ressaltamos que, nas fichas cadastrais, não havia informações sobre a completude e/ou incompletude dos níveis de escolaridade, o que facilitou a coleta de dados e sua posterior divisão entre os sexos.

Gráfico 8 – Nível de escolaridade por sexo



As reuniões oficiais do Grupo acontecem duas vezes na semana (quarta e sexta-feira), no período da tarde, possuindo duração de, no máximo, 3 horas. Além desses dois encontros, os membros do Grupo participam das atividades de educação física promovidas pelo Corpo de Bombeiros, as quais são realizadas às segundas-feiras, no período da tarde e, também, de aulas de teatro no dia de terça-feira, à tarde; ressaltamos que ambas as atividades são realizadas nas dependências do próprio Centro. A média de frequência nas reuniões varia entre 30 e 50 pessoas, mas *quando tem festa aí ultrapassa, né?! Quando eles sabem que tem uma comemoração aí vem todos, chega a atingir 60 ou 70* (Assistente Social). Durante a entrevista, a Assistente Social informou-nos que existe um fator preponderante para a variação da frequência dos idosos, este fator diz respeito às obrigações familiares assumidas pelos idosos no ambiente doméstico, no que concerne, principalmente, ao cuidado dos netos. Nossa informante declarou ainda que, no período de férias, a situação se agrava, pois os netos possuem mais tempo livre e necessitam de maior atenção por parte dos avós, como podemos verificar na explicação abaixo:

Agora esse mês de julho nós estamos com a frequência muito baixa, porque geralmente elas ficam em casa com os netos, porque eles tão de férias; as filhas, às vezes, viaja levam elas também...mas é muito fraco. Todo ano a gente já sabe...e isso não é só aqui, é em todas as unidades o mês de julho é fraco; elas ficam perguntando “você vão dar férias?”, porque eles querem sair com os netos, as filhas viajam; mas os netos estando em casa, aí já fica difícil e quando eles estão estudando, às vezes elas vem e, quando dá

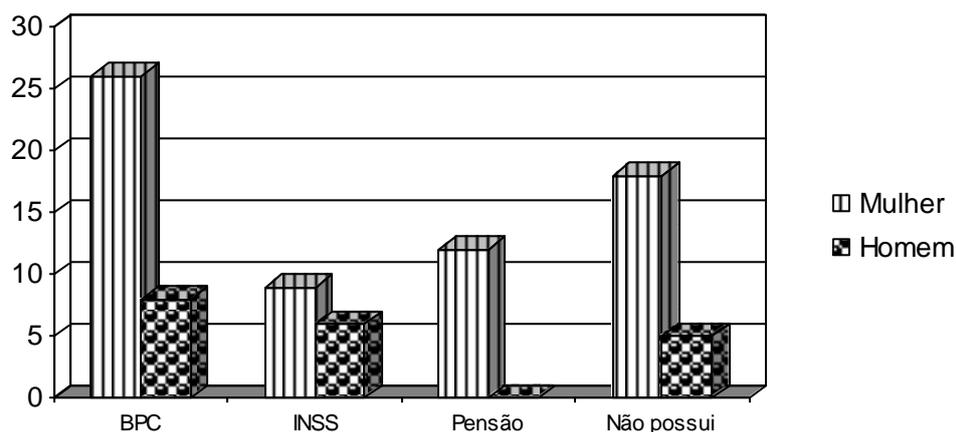
umas cinco horas, muitas vão buscar os netos no colégio (Assistente Social).

Ainda no que concerne à presença dos idosos, indagamos à Assistente Social sobre a rotatividade dos membros e fomos informados que não há saídas ou entradas frequentes de idosos, estes apenas se afastam do Grupo por alguns períodos, no intuito de resolver problemas de saúde (internação ou cirurgia) e logo que estão sadios, retomam as atividades. *Eles não deixam em definitivo, eles frequentam, frequentam, aí vão embora, aí tem deles que passa anos sem vir, aí volta dizendo que viajou, ou tão frequentando outros grupos...às vezes tão doente (Assistente Social).*

De maneira resumida, a sistemática das reuniões acontece da mesma maneira que o Grupo descrito no ponto anterior e a Educadora também recebe capacitação da SEMAS a respeito da temática que será abordada durante o mês. A única diferença percebida em relação ao Grupo anterior é a presença marcante da dança, mais especificamente o forró (como explicamos na narrativa da visita a este Grupo), nesse sentido, a Assistente Social afirmou que *eles participam nas dinâmicas no primeiro tempo; no segundo tempo, é só a parte de lazer, que tem que ter, senão eles não vem...a gente faz essa parte pra chamar mais a atenção deles e eles frequentar, porque eles gostam muito é da dança.*

Outro diferencial deste grupo diz respeito à fonte de renda dos idosos que, em discordância com o Grupo anterior, provém majoritariamente do BPC, sendo no total 34 pessoas beneficiárias, como verificamos no gráfico seguinte. Além disso, temos que 23 pessoas não recebem nenhum tipo de aposentadoria, pensão ou benefício; dado este que nos chamou atenção, pois apenas 9 pessoas possuem menos de 65 anos de idade, ou seja, não estão aptas a receber o BPC. Tais informações indicam, entre outras questões, uma característica marcante dessas pessoas – e que também foi encontrada no perfil dos idosos por nós entrevistados pertencentes a este Grupo – a qual indica que os referidos idosos não tiveram uma vida adulta ativa, produtiva e formal em termos econômicos.

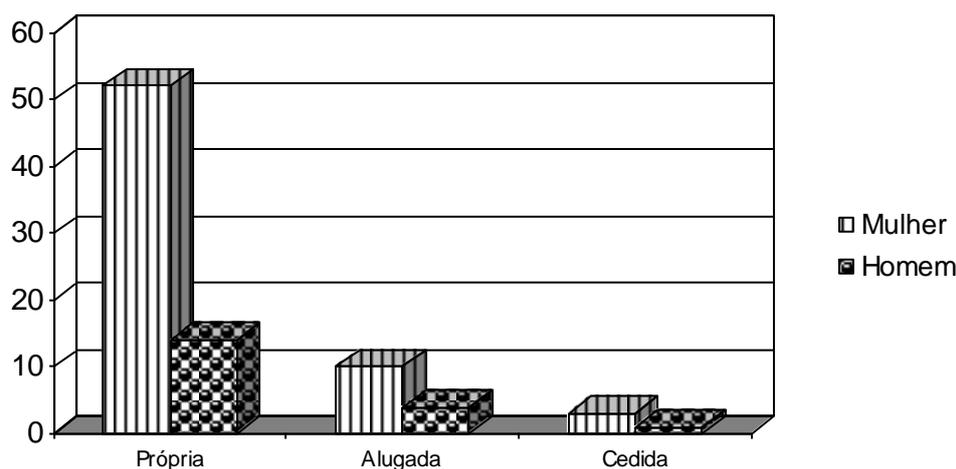
Gráfico 9 – Principal fonte de renda em números reais por sexo



Ainda sobre a fonte de renda destes idosos e, em acordo com o perfil do Grupo anteriormente analisado, existem aqueles idosos que ainda exercem atividades laborativas. Na pesquisa junto aos cadastros, constatamos que do total de inscritos no Grupo, 12 (doze) pessoas ainda exercem algum tipo de atividade remunerada. Deste total, metade é do sexo masculino e a outra, do sexo feminino, sendo que apenas uma mulher é beneficiária do BPC e dois homens são aposentados pelo INSS, fato que nos sugere a forte necessidade econômica que o idoso possui em permanecer atuante no mercado de trabalho a fim de garantir sua sobrevivência, complementando sua renda.

Outra informação importante cedida pela Assistente Social é que todos os participantes residem com a família; mas, infelizmente, não pudemos constatar essa informação na consulta aos cadastros, visto que a única informação a respeito da residência dos idosos consiste em saber se ela é própria, alugada ou cedida – como no Grupo anterior. Dessa forma, chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico 10 – Condição da residência onde o idoso reside em números reais por sexo



Apesar dos idosos residirem com suas famílias, a integração entre esta e o Grupo é fragilizada, devido às ocupações que os membros da família possuem; quando perguntamos à Assistente Social “como se dá a participação da família nas atividades do grupo?”, obtivemos a seguinte resposta:

Por mais que a gente procure fazer atividades pra envolver a família, não dá. A gente já tentou, mas elas dizem que todo mundo trabalha...o idoso tá em casa, mas a família toda trabalha e ela não pode vir. Aí pronto vem mesmo só a idosa. Mas quando se trata de festa, assim como o Natal, de São João elas trazem o neto, às vezes uma filha, a vizinha...a maioria traz mais é o neto.

Sobre a relação interfamiliar dos idosos, a Assistente Social enfatiza que as queixas são raras e as dificuldades são poucas, como verificamos abaixo:

Eu vejo que as filhas são muito preocupadas com elas...tem uma que vem deixar a idosa no portão, como se fosse criança na escola. [...].Da nossa parte, nunca teve um caso de violência...nunca...não foi preciso chamar alguém porque houve violência. É como eu te disse, os idosos aqui são família mesmo. Tudo direitinho, cada qual nas suas casinhas.

Tais informações a respeito da convivência familiar dos idosos foi constatada durante os meses de observação participante, onde não houve nenhum tipo de reclamação referidos a problemas familiares, e também durante as entrevistas com os idosos e seus familiares, nas quais percebemos uma relação amistosa entre eles – fato que será discutido nos próximos capítulos.

III. Tecendo as tramas do arcabouço teórico sob a ótica empírica: discussões acerca do envelhecimento, velhice e papéis sociais

III. 1 Os números que revelam a velhice: reflexões acerca da condição do ser velho no contexto brasileiro

*O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*
Carlos Drummond de Andrade

Pensar acerca das questões que envolvem a situação dos idosos no contexto atual, requer, antes de tudo, uma clara compreensão a respeito da transição demográfica que o mundo tem sofrido nos dois últimos séculos. Tal transição possibilitou às pessoas mais velhas a notoriedade sobre seus problemas, necessidades e possibilidades, e é justamente os dados quantitativos desta transição que abordaremos a seguir – possuindo como foco de análise a situação dos idosos brasileiros.

O crescente aumento do número de idosos no Brasil é a expressão real de um fenômeno registrado no mundo inteiro, impulsionado pela queda da taxa de natalidade e pelos avanços tecnológicos, que permitem a melhoria na qualidade e na duração de vida das pessoas¹⁵. De acordo com os dados do IBGE (2000), já na década de 1950, a população mundial contava com cerca de 204 milhões de idosos e, em 1998, quase cinco décadas depois, as pessoas consideradas idosas somavam, ao todo, 579 milhões, ou seja, os idosos representam um contingente de 9,81% da população mundial. A esse respeito Camarano (2004:26), em recente estudo, afirma que:

o crescimento da população idosa é consequência de dois processos: a alta fecundidade no passado, observada nos anos 1950 e 1960, comparada à fecundidade de hoje, e a redução da mortalidade da população idosa. Por um lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base. Por outro, a redução da mortalidade trouxe como consequência o aumento no tempo vivido pelos idosos, isto é, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento.

¹⁵ Em 2005, de acordo com os dados da Síntese de Indicadores Sociais (PNAD) publicado pelo IBGE, a expectativa de vida ao nascer do brasileiro chegava aos 71,9 anos de idade. Para as mulheres, a situação era mais favorável, pois sua expectativa correspondia a 75,8 anos; enquanto para os homens, a idade correspondia a 68,1.

Assim, acreditamos que, no período atual, o Brasil passa pelo processo de inversão de sua pirâmide etária, na qual o topo está quase na mesma proporção que a sua base. Tal processo é decorrente, como sinalizado pela referida autora, da combinação entre: aumento da expectativa de vida e redução da natalidade. E é justamente isso que comprovamos ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD realizada em 2007, onde verificamos que a expectativa de vida ao nascer do brasileiro¹⁶, em 2006, era de 72,7 anos; sendo que, no Ceará, a idade chegou aos 70,3 anos. Este índice é resultante do crescente aumento da esperança de vida – acompanhando uma tendência mundial –, como observamos no quadro abaixo:

ANO DE REFERÊNCIA	EXPECTATIVA DE VIDA (anos)
1960	54, 6
1980	62, 6
1997	69, 3
2000	70, 5
2004	71, 7
2005	71, 9
2006	72, 4
2007	72, 7

Fonte: IBGE / PNAD; 2007.

O avanço da expectativa de vida é reflexo dos avanços da medicina e das melhorias nas condições de vida da população em geral, que permitem a queda na taxa de mortalidade. No Brasil, em 2006, este índice era de 6,6% em comparação ao ano de 1997, quando a taxa era de 6,23%.

Além disso, houve redução também na taxa de fecundidade, passando de 2,54 filhos (1997) para 1,95 filhos, em média, por mulher (2007). Tal índice é afetado diretamente pelas mudanças nos papéis sociais femininos, que deixaram de ser restritos ao ambiente doméstico e foram incorporados ao mercado de trabalho.

¹⁶ A estimativa é que a partir de 2030 este índice ultrapasse os 80 anos.

De maneira geral, a elevação dos índices de pessoas com mais de 60 anos vem se acentuando nos países em desenvolvimento¹⁷. Segundo o Censo de 2000, neste ano, o número de idosos chegava a 14.536.029, contra 10.722.705 em 1991. Entretanto, vale ressaltar que a região latino-americana apresenta dados variados, nos quais a proporção de idosos varia entre 6,4% na Venezuela e 17,1% no Uruguai (IBGE, 2000).

Já em 2006, de acordo com os dados da PNAD, o Brasil contava com o total de 19.955 milhões de idosos, o que equivale a 10,5% da população; destes 16,5 milhões viviam em áreas urbanas e apenas 3,4 milhões, em rurais. Tais dados indicam que o contingente populacional com mais de 60 anos aumentou 11,5 vezes entre 1940 (1,7 milhão) e 2006 (19,9 milhões). No Ceará, da população total de 8.358 milhões, 881 mil pessoas possuem mais de 60 anos de idade, correspondendo também a 10,5%.

Voltando aos dados brasileiros referentes ao ano de 2000, podemos destacar que, na própria população idosa, o segmento mais progressivo é referente às pessoas com mais de 75 anos, caracterizando a heterogeneidade etária dentro deste segmento populacional, visto que esse grupo etário abrange um intervalo de, aproximadamente 40 anos, podemos encontrar *pessoas na faixa de 60 anos, que, pelos avanços tecnológicos da medicina, podem estar em pleno vigor físico e mental bem como pessoas na faixa de 90 anos, que devem se encontrar em situações de maior vulnerabilidade* (CAMARANO, 2004:25). Sobre esta variação podemos conferir os dados da tabela seguinte:

¹⁷ Nos países desenvolvidos, a população de idosos não sofreu aumentos consideráveis, como no caso dos países latino-americanos. Naqueles países, o índice de pessoas idosas varia entre 15,9% nos Estados Unidos e 23,1% na Itália.

Tabela 1 - Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade e respectivo crescimento relativo, segundo os grupos de idade - Brasil - 1991/2000

Grupos de idade	Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade		Crescimento relativo (%)
	1991	2000	
Total	10 722 705	14 536 029	35,6
60 a 64 anos	3 636 858	4 600 929	26,5
65 a 69 anos	2 776 060	3 581 106	29,0
70 a 74 anos	1 889 918	2 742 302	45,1
75 anos ou mais	2 419 869	3 611 692	49,3

Fontes: Censo demográfico 1991: resultados do universo: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 21 CD-ROM; IBGE, Censo Demográfico 2000.

As estatísticas mostram ainda, que entre os municípios brasileiros, Rio de Janeiro e Porto Alegre se destacaram com as maiores proporções de idosos, representando, respectivamente, 12,8% e 11,8% de suas populações totais. Realidade bastante diferente da encontrada nas capitais Boa Vista e Palmas, que possuíam apenas 3,8% e 2,7%, respectivamente. Já a cidade de Fortaleza situou-se entre esse dois extremos, apresentando a porcentagem de 7,5%.

Outro dado importante, revelado pelo Censo Demográfico de 2000, é a feminização da população idosa reconhecida pelos estudiosos do assunto como uma característica do envelhecimento populacional mundial, e não apenas do Brasil. Dessa maneira, no Brasil, tínhamos a seguinte relação: dos quase 15 milhões de idosos contabilizados no ano 2000, 6.533.784 eram homens e 8.002.245 mulheres. Ou seja, 55,1% da população idosa era constituída por mulheres. Em 2006, a situação permaneceu a mesma, sendo que os homens eram 8.838 milhões, enquanto as mulheres estavam em número de 11.115 milhões (IBGE, 2007). Esta discrepância entre os gêneros tornou-se palpável quando, após entrevistas com as Educadoras Sociais dos Grupos de Convivência, concluímos que todos são compostos, em sua maioria, por mulheres.

Dessa maneira, temos que a vinculação entre gênero e geração se dá, sobretudo, pelo aumento da longevidade feminina decorrente das transformações ocorridas na família e na sociedade ao longo das décadas, responsáveis pela melhoria na qualidade de vida das mulheres e na ampliação de seus papéis sociais.

Essas modificações ocasionaram transformações nos arranjos familiares, primeiro, porque permitiram a convivência de várias gerações no ambiente doméstico e segundo, porque a mulher, saindo da centralidade de execução do trabalho dentro de casa, abriu espaço para que outros membros da família os assumissem, promovendo o reordenamento das estruturas familiares.

Como conseqüência do perceptível aumento do número de idosos no país – mostrado nos dados censitários – houve uma ampliação no percentual de famílias, nas quais a figura do idoso é presente. Um dado interessante é o número de idosos que são considerados chefes de família, muitas vezes por serem a única pessoa da família com renda fixa (aposentadoria, pensão ou BPC¹⁸). Fato indicativo de que os idosos, além de assumirem o papel de cuidador dos netos, ainda chamam para si a função de prover a família; é a junção de dois papéis: cuidador e provedor. Entretanto, sabemos que, pela construção histórica das relações de gênero, a função de cuidadora recai sobre o sexo feminino, mas não exclui por completo a participação masculina, principalmente quando a família em questão não é tão extensa.

Outra questão a ser considerada é o número de idosos que, apesar de serem aposentados, exercem atividades remuneradas. Estas podem ser avaliadas positivamente ao expor uma velhice autônoma e independente, mas pode esconder a real situação desses idosos que, muitas vezes, são submetidos a trabalhos precários e de baixa remuneração. Ressaltamos que são esses variados papéis sociais executados pelos idosos, o motivo central de nossa pesquisa.

Sendo os responsáveis pela administração de uma renda de cerca de R\$243 bilhões, a contribuição econômica do idoso se torna importante tanto para o mercado quanto para a contenção das despesas familiares. Em 2006, a participação do idoso na renda familiar, cuja contribuição ultrapassava os 50%, correspondeu a 53% dos domicílios brasileiros, sinalizando para a grande importância econômica que o idoso vem assumindo nos lares brasileiros. No Nordeste, o índice ultrapassa a média nacional e chega aos 63,5% dos domicílios. Além disso, 45% dos idosos

¹⁸ Benefício de Prestação Continuada – BPC regulamentado pela LOAS em seu artigo 20, e que garante um salário mínimo mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso com 65 anos ou mais, que comprovem não possuir meios de prover sua própria subsistência ou de tê-la provida por sua família.

viviam com seus filhos na condição de chefe de domicílio, sendo que, nas Regiões Norte e Nordeste os percentuais chegaram a 50% (IBGE, 2007).

Levando-se em consideração o conjunto de domicílios brasileiros (44.795.101) no ano de 2000, 8.964.850 tinham pessoas idosas como seus responsáveis¹⁹, representando 20% do contingente total, revelando um aumento em relação a 1991, quando a proporção era de 18,4%. Se levarmos em consideração a diferença entre gêneros, o Censo 2000 apontou que a predominância é masculina: 62,4% dos domicílios possuem como responsáveis idosos do sexo masculino e, apenas, 37,6% do sexo feminino.

Nos domicílios unipessoais (com apenas uma pessoa), nos quais a pessoa idosa é a responsável, também se registrou um aumento considerável. Dentro do total de domicílios onde o idoso é responsável, tínhamos, em 1991, o índice de 15,4% e já em 2000, o índice aumentou para 17,9%. E, deste total, a unipessoalidade feminina predominava em 67% dos domicílios; dado que pode ser explicado pela elevada viuvez feminina, ocasionada pela maior incidência de mortalidade entre o sexo masculino. Além disso, *como os viúvos ou separados se recasam com maior frequência que as mulheres nas mesmas condições, cresce significativamente a diferenciação dos arranjos familiares ou domiciliares em função do gênero e da idade do responsável* (IBGE;2000:17).

Ademais dos domicílios unipessoais, temos aqueles onde os idosos residem com filhos ou enteados, que, em 2000, correspondia a mais da metade (54,5%) dos domicílios nos quais o idoso é a figura responsável. Este dado apresenta um pequeno declínio em relação a 1991, quando o índice era de 56,7%. Uma das possíveis explicações para essa redução deve-se ao fato de que o contexto demográfico das últimas décadas vem apresentando uma geral redução no número médio de componentes da família brasileira.

Entretanto, é relevante observar que a predominância característica dos domicílios, onde o idoso é responsável, não consiste na unipessoalidade, mas sim no convívio do idoso com outros familiares – como mostra a tabela 2. Em números

¹⁹ O conceito de responsável pelo domicílio, utilizado pelo IBGE no Censo Demográfico 2000, está baseado na indicação pelos moradores do domicílio daquela pessoa considerada como referência do domicílio (ou da família).

absolutos, a porcentagem de idosos que residem sozinhos corresponde apenas a 17,9%.

Tabela 2 - Pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelo domicílio, em relação ao tipo de família em que encontram-se inseridas, segundo o sexo - Brasil - 2000

Sexo do responsável	Total de responsáveis pelos domicílios	Proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelo domicílio, em relação ao tipo de família em que encontram-se inseridas (%)			
		Casal sem filhos	Casal com filhos e/ou outro parentes	Morando com filhos e/ou outros parentes	Morando sozinho
Total	8 964 850	17,0	36,0	28,7	17,9
Homem	5 594 347	25,9	55,5	8,9	9,5
Mulher	3 370 503	2,1	3,6	61,5	31,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Ao analisar os dados da tabela acima, conseguimos estabelecer uma associação direta entre eles e o perfil dos idosos que foram alvo de nossas entrevistas; fato que nos dá maior capacidade para analisar as peculiaridades destes idosos sem perder de vista as generalidades que se encontram em suas vidas cotidianas e, dessa maneira, elucidar assuntos que não podem estar presentes em discussões demográficas de grande amplitude – como as expostas ao longo deste texto.

Sendo assim, a partir das questões aqui apresentadas, inferimos que analisar a velhice brasileira, além de indissociável das questões de geração e gênero, requer um olhar específico para as relações intrafamiliares. Nesse sentido, o capítulo que segue trará reflexões que possibilitam a análise acima referida, possuindo como ponto central os objetivos aqui pretendidos; desse modo, no próximo tópico, abordaremos a heterogeneidade do processo de envelhecimento e da velhice.

III. 2 Tempo de envelhecer e de construir o “ser velho”

*Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos,
Como as árvores fortes envelhecem...*
Olavo Bilac

Os dados estatísticos anteriormente apresentados trazem como consequência imediata uma maior visibilidade social às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Aos poucos, o assunto envelhecimento tomou conta das conversas informais, das preocupações governamentais e das pesquisas científicas, colocando o ser envelhecendo no centro das discussões. Este é o momento no qual a velhice deixa de ser um problema privado, restrito ao ambiente doméstico e passa a ser tratada como questão social e objeto de ações governamentais. Além disso, a longevidade e o crescimento expressivo do número de idosos permitiram que eles se tornassem personagens corriqueiros nos logradouros públicos e dentro das famílias, possibilitando a todos terem contato com as pessoas velhas. Este fato, ainda raro no início do século XX, facilitou o reconhecimento e a diferenciação daquelas pessoas que são velhas das que ainda não o são. E apesar deste reconhecimento se processar facilmente, por conta dos *elementos visíveis a olho nu, fenótipos inquestionáveis porque inscritos na natureza dos corpos humanos* (ALVES, 2004:357), a conceituação do que constitui de fato uma pessoa idosa ainda gera algumas dúvidas.

A primeira delas corresponde à própria nomenclatura: velho, idoso ou terceira idade? Os estudiosos das questões geracionais ainda não chegaram ao consenso de qual o melhor termo a ser empregado quando nos referimos às pessoas com idade avançada. Entretanto, suas teorias servem para iluminar nossos pensamentos, refletindo acerca de como cada termo se originou e das ideologias que representam; e, em aplicação prática, possibilitar a escolha da nomenclatura mais adequada para a presente pesquisa.

O uso do termo “velho” advém da França do século XIX, onde encontrávamos três vocábulos distintos para designar as pessoas com mais de 60 anos de idade: *vieux* ou *vieillard* e *personne âgée*. Os dois termos primeiros designavam respectivamente “velho” e “velhote”, sendo utilizados para nomear os maiores de 60 anos pertencentes às classes pobres; já o último significava idoso e era atribuído

àquelas pessoas que pertenciam às classes abastadas possuidoras de certo prestígio social e bens materiais (PEIXOTO, 2003). Esse fato, que serviu para separar os pobres de idade avançada dos ricos, deu à palavra “velho” e às suas derivações uma conotação negativa sempre associada às pessoas com algum tipo de necessidade e dependência.

A essa questão somou-se a ideologia da sociedade capitalista, que, na tentativa de impulsionar o consumo exacerbado de bens materiais, lança a todo o momento produtos novos e mais sofisticados em detrimento dos antigos e ultrapassados; os produtos velhos devem ser descartados, mesmo que ainda possam ser usados, a fim de liberar espaço para os novos e modernos artefatos. Parece-nos evidente que a substituição operada no nível de bens materiais se processa a partir dos ganhos que o consumidor terá ao utilizar o novo produto, mais moderno, econômico e de acordo com as novas tendências. Podemos citar, como exemplo destas novas tendências, o progressivo consumo de produtos elétricos e eletrônicos ecologicamente corretos que a todo instante substituem seus similares, nesse caso, temos fogões, geladeiras, computadores, televisões e até mesmo lâmpadas. De acordo com reportagem de Nádia Pontes (2009) colhida no *site* EcoDebate até 2012, nos países da União Européia, as lâmpadas incandescentes serão substituídas por uma versão mais econômica que visa poupar energia e ocasionar menos dano ao meio ambiente quando descartada. Nessa ótica de descarte, todos os objetos considerados “velhos” devem ser substituídos pelos novos.

O problema maior – além do consumismo – e que envolve os sujeitos de nosso estudo é quando esta ideia é transposta das relações comerciais para as relações sociais com uma pequena adaptação: ao invés de descartar objetos, descartam-se pessoas. *Evidencia-se que as sociedades, sob a lógica do capital, tendem a transformar as pessoas em mercadorias e reduzem os velhos à condição de “mercadorias descartáveis”* (GOLDMAN, 2000:14). As pessoas velhas, assim como os bens de consumo, não possuem mais valor de uso e podem ser descartadas ou substituídas por outras pessoas mais novas.

Ecléa Bosi (1979), em seus estudos sobre memória de velhos, demonstra o que expusemos acima. Ao transcrever depoimentos de oito pessoas idosas residentes na cidade de São Paulo, a autora dá voz aos marginalizados pela idade e

revela a condição desvalorizada daqueles que possuem o saber da experiência e da memória coletiva em uma sociedade marcada pelas concepções utilitaristas do consumo. Já disse Bosi (1979) que, quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização. O idoso é destituído de seu principal papel: o de guardião dos costumes e da memória dos fatos históricos, ficando sem função e sendo menosprezado pelas demais pessoas.

Dessa maneira, o termo “velho” foi impregnado simbolicamente por ideologias negativas, colocando as pessoas, assim chamadas, em situação de estigmatizada desvalorização. Isso acarretou, dentre outras questões, uma constante desidentificação das pessoas com esse termo. As pessoas de idade avançada recusam-se a serem chamadas assim, preferindo outras palavras mais amenas que conotem condições mais alegres e ativas, como “pessoa idosa”. Pudemos atestar esse fato durante as visitas exploratórias aos Grupos de Convivência, onde percebemos que, em todos eles, os participantes e as Educadoras Sociais rejeitavam a palavra “velho” e utilizavam de maneira corrente em seus discursos a palavra “idoso”; e, também, nas falas dos idosos entrevistados:

Ser velho é aquela pessoa que num anda mais, que dorme demais...é a pessoa que é muito exigente. E eu num me considero velho não e a minha esposa tá começando a ser velha agora, porque ela só fica sentada, dorme muito. Eu ainda me considero novo, porque eu num dô trabalho pra ninguém não...eu ainda sou idoso. (F.J., 78 anos)

Ressaltamos que a percepção negativa da velhice foi preponderante na fala deste idoso, devido à referência direta à velhice vivenciada por sua esposa, que é dependente física e psicologicamente. Assim, o idoso – que dentre seus principais papéis domésticos está o de cuidador de sua esposa – definiu a velhice de maneira negativa, a partir de características como doença e sedentarismo, bem como negou em identificar-se com esta sua representação da velhice, deixando claro que não é velho, e sim idoso.

O termo “idoso” foi introduzido nos textos oficiais (científicos e leis) a partir de meados de 1960, quando a condição de aposentado e/ou pensionista conferiu aos idosos – mesmo os da classe pobre – mudanças nas suas condições de vida (PEIXOTO, 2003). A palavra “idoso” acompanhou o desenvolvimento de políticas estatais voltadas para as pessoas com idade avançada e a mudança cultural na

percepção e tratamento dessas pessoas. O próprio ser envelhecendo transformou o seu posicionamento perante a sociedade, reivindicando do Estado a execução dos direitos que lhes foram assegurados por lei. Nesse contexto, a expressão “ser idoso” passou a denotar um ser sujeito de direitos. No Brasil, vivenciamos essa situação a partir de 1970²⁰, quando a legislação, principalmente previdenciária – que universalizou a aposentadoria – passou a dar mais atenção a esse público etário, conferindo-lhe o estatuto de cidadão e remodelando seu significado para a sociedade em geral: de pessoa velha, sem valor e descartável – presente no imaginário social da maioria das pessoas pelas questões que expusemos acima – a pessoa cidadã e, como tal, deve ser respeitada independente de sua idade.

Por fim, temos o termo “terceira idade” cunhado, também em meados de 1970, pelo gerontologista francês Huet, ganhando logo aceitação da sociedade em geral e dos próprios idosos (GOLDMAN, 2000). Esta expressão nasceu atrelada ao conceito de “idoso” e em notória resposta à imagem preconceituosa e depreciativa encerrada no termo “velho”, que concebia a velhice como uma etapa da vida onde prevalecia a decadência física e a invalidez, reforçando a idéia de que o velho é um ser desprovido de valor e, portanto, descartável. A “terceira idade” evoca o momento da velhice como aquele de lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. Exemplificando esta última característica, temos a proliferação de grupos de convivência e universidades abertas destinadas à essas pessoas.

Estar na “terceira idade” tornou-se sinônimo de vivenciar um tempo privilegiado para executar atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar. Não há mais a obrigatoriedade do trabalho remunerado, visto que para essas pessoas são assegurados benefícios²¹ e aposentadorias; e nem de cumprir papéis sociais dentro da família, como cuidar dos afazeres domésticos. Assim, o prolongamento da esperança de vida daria a cada indivíduo da “terceira idade” o direito de vivenciar uma nova etapa relativamente longa, preenchida por

²⁰ Debert (1999) destaca as décadas de 60 e 70 como o segundo período mais marcante para a história da velhice, quando esta passa a ser um problema coletivo e adquire visibilidade social devido ao início do crescimento populacional do número de idosos.

²¹ No caso brasileiro, temos o Benefício de Prestação Continuada –BPC regulamentado pela lei nº8.742 de 7 de dezembro de 1993 e que assegura às pessoas maiores de 65 anos a garantia de um salário mínimo, caso não possuam meios de prover sua própria manutenção, nem de tê-la provida pela família (BRASIL, 1993)

momentos de lazer e satisfação pessoal. Goldman (2000:13) completa essas ideias informando que *a Terceira Idade se estabelece, pois, a partir da aposentadoria, quando o indivíduo se desvincula do processo produtivo formal*. Fica clara a contribuição decisiva dessa nova denominação para criação e difusão de uma nova e positiva imagem da velhice identificada, principalmente, com ideia de aposentadoria ativa.

Pelas considerações teóricas feitas até agora, percebemos que os três termos utilizados para fazer referência às pessoas que se encontram na velhice são resultantes de construções sociais e possuem, ao seu modo, ideologias imbricadas. O termo “velho” é cotidianamente associado às noções negativas do envelhecimento, vislumbrando este quase que exclusivamente pela ótica biológica, que colocam a pessoa velha na mesma condição dos bens de consumo velhos: substituíveis e descartáveis. Já os dois últimos termos aqui explorados orientam-se por uma percepção mais real e positiva da velhice, levando em conta a condição do idoso enquanto cidadão e pessoa aposentada, independente para realizar seus desejos pessoais. Ressaltamos, ainda, que tais concepções acompanham as transformações sofridas pela condição das pessoas de muita idade ao longo dos anos, visto que a velhice deve ser compreendida *como uma construção social, o que não significa uma restrição, mas que é preciso levar em conta como ela aparece em diferentes contextos e como é produzida pela sociedade em que está presente* (BOARETTO & GUSMÃO, 2006: 24).

Esclarecemos que, apesar dos simbolismos impregnados no termo “velho”, utilizaremos ele, no decorrer de nossa pesquisa, para nos referir aos sujeitos dela, por dois motivos. Primeiro, porque acreditamos que o sentido de uma palavra pode ser modificado de acordo com o contexto no qual a mesma está inserida (e não será nossa intenção tratar a velhice de maneira pejorativa) e segundo, porque em termos linguísticos, este é o termo atribuído àquela pessoa que se encontra em estado de velhice, independente da significação que se atribua à este momento da vida. Outro termo que também será utilizado nesse trabalho é “idoso”, por acreditarmos existir uma concreta correspondência entre os sujeitos de nossa pesquisa e a significação que informa esta palavra (sujeito de direitos). Além disso, este é o nome oficial utilizado nas legislações brasileiras para designar as pessoas que se encontram em idade avançada; até mesmo a política pública (ao Programa de Atendimento Básico

à Pessoa Idosa - PABI), que nos serviu de *locus* para a presente pesquisa, utiliza-se desse termo.

Entretanto, não iremos nos servir da expressão “terceira idade”, porque os idosos encontrados no campo de pesquisa não vivem uma velhice tão idealizada quanto requer o termo. A impressão que tivemos, durante as visitas aos Grupos de Convivência e, até mesmo, nas entrevistas com as Educadoras Sociais e, posteriormente com os próprios idosos, é que estes não estão desengajados do trabalho remunerado e nem de sua famílias, ao contrário, ainda trabalham porque necessitam complementar sua renda, sendo que nem todos possuem renda fixa (aposentadoria, benefício ou pensão). E, além disso, parecem possuir atribuições familiares que, muitas vezes, impendem-lhes de materializar seus desejos, deixando a satisfação pessoal em segundo plano.

Retornando às dificuldades de conceituar uma pessoa idosa, outro ponto que gera tensão, entre os gerontólogos e os próprios idosos, diz respeito à categorização da velhice. Assim, nas entrevistas realizadas com os idosos sujeitos desta pesquisa, não foi possível obter respostas concretas e específicas para as perguntas: *qual sua definição a respeito da velhice? O que é ser velho/idoso pra você?* As respostas obtidas para estes questionamentos foram a junção entre uma autoavaliação sobre sua própria chegada a esta fase da vida, como estariam vivenciando ela e associações da condição de ser velho: à morte, ao sedentarismo, às doenças, aos anos vividos, ao respeito direcionado às pessoas mais velhas e à necessidade de se manter ativo com o passar dos anos. Dentre estas associações, percebemos claramente uma distinção entre percepções correlatas à visão arcaica e negativa da velhice e outra mais atual, condizente com os novos padrões comportamentais dos idosos, como podemos confirmar nos discursos abaixo:

Pra mim a velhice foi ótima, não tenho o que dizer nada da minha velhice. Agora na velhice eu tô esperando a morte a qualquer hora...me preparo pra ela a qualquer hora. Num posso ter medo dela, porque eu nasci. Pra mim a velhice não foi nada mal, porque a gente tá vendo que aqueles dias tá diminuindo pra gente e que a gente tá só passando aquele tempim né?! (M.A., 76 anos)

Eu vou ficando velha, mas a minha coragem é a mesma...num dou nem fé da velhice. Ser velho é uma coisa muito boa, porque a gente já passou por muitas coisas na vida, né?! E ainda espera muitos anos pela frente pra passar mais ainda. E o idoso é respeitado, agora não por todo

mundo, né?! Tem gente que respeita demais os velhos, mas já tem outros que não respeita...e todos os idosos merecem respeito. (M.C., 70 anos)

Nessa situação que a gente tá, é sempre bom a gente procurar algum tipo de atividade pra fazer; eu num sou totalmente velho, mas a gente tenta sempre tá envolvido com alguma atividade, fazendo exercício, uma caminhada...realizar alguma coisinha simples, não serviço muito pesado. (D.S, 61 anos)

A velhice é mais que um estado do ser (velho ou idoso), mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação (envelhecer). Assim, definir a velhice requer a compreensão do processo de envelhecimento e do que se passa após esse processo; nestes termos, se o envelhecimento é um processo que significa o tempo da idade que avança, a velhice já é o próprio tempo avançado.

Então, como entender a velhice? Ou ainda, o que significa ser velho? Não é tão simples responder a tais indagações, visto que, entre os estudiosos do assunto, não existe um consenso sobre quando começa o processo de envelhecimento ou qual a definição mais apropriada sobre a velhice. A dificuldade para se chegar a um consenso reside no fato de que o envelhecimento e a velhice não podem conter uma única definição, uma vez que envolvem múltiplas dimensões (biológica, cronológica, psicológica, cultural, econômica, social, política, etc.) que se modificam e influenciam-se. Nesse sentido, o envelhecimento não é único e uniforme para todos os indivíduos, devendo ser compreendido sempre como um processo multifatorial que, apesar de evidenciar-se primariamente como consequências de modificações do organismo, reflete-se sobre outras dimensões das pessoas, muitas vezes, até com maior intensidade.

As várias teorias que tentam elucidar o processo acima referido possuem como norte o estudo de seus efeitos, não explicando exatamente as causas que o iniciam; tanto que ainda hoje existem dúvidas em torno do período certo no qual o envelhecimento começa: se logo após a concepção, no final da sexta década da vida ou próximo do final da existência do indivíduo. Porém há uma unanimidade, a qual defende que o envelhecimento se inicia no momento em que a evolução biológica deixa de ser progressiva e começa a regredir, transformando as pessoas adultas em indivíduos frágeis. Segundo Netto (2002:10),

o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do

indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

A abordagem mais comumente encontrada a respeito do processo de envelhecimento é a biológica (aspectos fisiológicos e bioquímicos). Assim, não é raro encontrar teorias que descrevem a velhice a partir de uma série de perdas, limitações e deficiências dos órgãos e sistemas do corpo humano, utilizando, para isso, palavras desanimadoras: “estragos provocados pelos anos”, “deterioração progressiva do corpo”, “quando a nossa máquina começa a falhar”.

Entretanto, faz-se importante distinguir as alterações normais do referido processo (senescência) das alterações patológicas (senilidade) que acometem o organismo nesse período da vida, abdicando da interpretação da velhice como sinônimo de doença; pois o envelhecimento não é somente a soma de patologias e de danos induzidos por doenças.

A partir de uma rápida observação da realidade, podemos perceber que todos os organismos vivos envelhecem. O envelhecimento é, portanto, um processo universal, natural e, por isso, irreversível ou nas palavras de uma idosa entrevistada: *a gente não nasceu pra ser nova toda vida...tem que envelhecer mesmo* (M.L., 65 anos). Mas a vivência desse processo é diferente em cada indivíduo, sendo influenciada pelos fatores físicos e psicológicos, pela atitude face ao envelhecer e pelos ambientes social e familiar das pessoas. Em outras palavras, a questão da velhice e do idoso só poderá ser entendida à luz da compreensão dos condicionantes da vida dos indivíduos, que agem de forma combinada, contraditória, ambígua e conflitiva, delineando múltiplas realidades e formando diferentes “velhices”. Constatamos isso nas visitas exploratórias aos Grupos, onde verificamos alguns indícios confirmadores da existência destas “velhices”: nem todos os idosos possuíam a mesma aparência física e muitos mantinham ocultos os sinais típicos do envelhecimento (rugas e cabelo branco); enquanto alguns mostravam agilidade motora ao se locomover e dançar, outros o faziam com certa dificuldade; e nem todos os idosos participavam da mesma atividade com o mesmo empenho, há preferências individuais – mostrando que o idoso ainda conserva sua particularidade, mesmo após muitos anos de vida. Assim, ao deparar-nos com a questão da velhice, devemos atentar para a complexidade que ela encena, *não é possível entendê-la como algo homogêneo, como uma situação que pudéssemos*

generalizar para todos os sujeitos classificados como velhos (BERZINS & MECADANTE, 2006:118)

O processo de envelhecimento de um homem produz-se sempre no seio de uma sociedade e sua condição vai depender da natureza e do conjunto de valores desta e do lugar que nela ocupa o indivíduo em questão. Portanto, a significação da velhice está relacionada com a examinação do lugar que é destinado aos velhos e com as representações que são feitas deles na sociedade histórica da qual são sujeitos. A esse respeito temos Beauvoir (1990) e Mascaro (1997), que explicam, em suas respectivas obras, as diferentes condições dos idosos nas sociedades históricas, desde a Antiguidade até Idade Moderna. Por estes escritos, sabemos que o significado de ser velho na Antiguidade é diferente da Idade Média e da Moderna, como também são diferentes as concepções de ser velho no Oriente e no Ocidente; e, mesmo no Ocidente, divisamos compreensões distintas a esse respeito, mesmo se procurarmos em momentos históricos variados e distantes entre si, por duas ou três décadas.

Nesse sentido, indagamos aos idosos sujeitos desta pesquisa: *percebe alguma diferença entre os velhos/idosos de hoje e os velhos/idosos de outros tempos?* E todas as respostas confluíram em um único sentido: no reconhecimento de que os idosos de hoje são consideravelmente diferentes dos idosos de épocas passadas. As diferenças elencadas pelos entrevistados relacionam-se, intrinsecamente, às possibilidades da vida moderna presentes nos dias de hoje e que são capazes de melhorar a condição e a qualidade de vida daquelas pessoas que possuem mais de 60 anos de idade. No conjunto dessas possibilidades temos: os grupos de convivência; a valorização e o respeito dedicado às pessoas velhas, fundamentalmente após a aprovação do Estatuto do Idoso; as atividades, sejam ligadas ao trabalho fora de casa, ao lazer ou às domésticas, pois, de acordo com suas percepções, os idosos eram “moles” e só serviam “pra fundo de rede”, eram “muito acomodados”; o BPC concedido pelo governo, que possibilita certa estabilidade financeira dos mesmos; e a facilidade com relação ao atendimento médico, mesmo que seja efetuado pelo Sistema Único de Saúde- SUS; possibilidades que podem ser encontradas nas falas seguintes:

Eu percebo porque naquele tempo num tinha quem ensinasse ginástica, num tinha essa aposentadoria que o governo dá hoje. Eles num eram tão ativo como os de hoje são. (F.J., 78 anos)

Antigamente idoso era só pra fundo de rede e mais nada; eles num faziam nada...hoje tem festa, tem passeio, tem atividade dos Bombeiros, tem tudo pra eles em todo canto. Antes eles ficavam no fundo da rede até a hora que Deus dizia pra eles irem, aí pronto...mas hoje tá muito melhor. (E.L., 70 anos)

Tem diferença, o idoso daquele tempo não tinha aposentadoria, nera?! Se eles tinha alguma doença, num tinha facilidade de médico, nem negócio de exames, essas coisas...e hoje isso tudo é mais fácil. E esses grupos que a gente vai, também num tinha de jeito nenhum naquele tempo. (R.R., 66 anos)

Os idosos de hoje tem muita segurança e prestígio. Até no ônibus o idoso tem que ser o primeiro lá da frente...os idosos hoje são valorizados. Antigamente, nera não; quer dizer eu cheguei até isso, a ser valorizada na idade que sou...é uma benção. Mas no tempo que eu era nova, ninguém ligava pra véi, deixa morrer que já é véi mesmo. Mas o velho hoje ele tem valor, é valorizado; agora vá você judiar com o idoso, tratar ele mal...é crime! O Estatuto do Idoso tá aí... (M.A., 76 anos)

Estas considerações presentes nos discursos dos idosos é de grande valia para a compreensão atual da velhice contemporânea, visto que elas correspondem à realidade diária de tais pessoas, sendo uma percepção partilhada com os próprios familiares:

Só em termos de tratamento, eu acho assim que na época dos meus bisavós tinha mais dificuldades financeiras, de médicos...porque a maioria vem do interior e, como se sabe a vida no campo é muito batalhada, muito sofrida e nem sempre as pessoas conseguem resolver seus problemas. A diferença tá aí, hoje em dia eles podem se cuidar um pouco mais. (Sr. C., 23 anos)

Os idosos de hoje são muito bem cuidado né? De primeiro eles sofriam muito...quer dizer, hoje ainda tem, mas é menos...os idosos de hoje são muito bem cuidado, bastou esse negócio da lei do idoso e depois da aposentadoria, né?! Melhorou muito a vida, ajuda muito. (Sra.E., 65 anos)

A caracterização social de uma pessoa idosa vai variar de acordo com o quadro cultural e econômico no qual o indivíduo está inserido. Sendo assim, a velhice pode e deve ser considerada como uma experiência heterogênea, que varia de indivíduo para indivíduo, dependendo de como cada um organiza seu curso de vida. A velhice, então, só pode ser compreendida na sua totalidade e não é factível estabelecer definições de aceitação irrestrita ou que se encaixem perfeitamente em

situações, lugares e épocas, tentando padronizar um modelo de velhice, pois a velhice é um termo impreciso, e sua realidade difícil de perceber. A esse respeito, encontramos três conceitos clássicos: para Fraiman (1995:27), a velhice é *a parte do desenvolvimento humano integral e não uma predestinação ao fim. É o resultado dinâmico de um processo global de uma vida durante a qual o indivíduo se modifica incessantemente*. De um outro ponto de vista, Bosi (1979:XVIII) define que *ser velho é lutar para continuar sendo homem*. Já para Beauvoir (1990:345), *a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção*.

Atualmente um dos critérios mais utilizados para delimitar e distinguir as várias fases (gerações) do desenvolvimento humano é a idade cronológica, que conta os anos vividos pelo indivíduo desde o seu nascimento até a morte. Tal critério é bastante utilizado nos estudos científicos e na atribuição de direitos e deveres. *Não se têm dúvidas de que a divisão do ciclo da vida em fases é de grande utilidade metodológica, mas reconhece-se que, por ser ela estática, qualquer recorte adotado contém um certo grau de arbitrariedade* (CAMARANO, 2006:32). Pois as fases da vida são caracterizadas não só pela contagem numérica do tempo, mas também por participação em eventos que podem ser de ordem biológica (puberdade, menarca, reprodução, menopausa e senilidade) ou social (formatura, primeiro emprego, casamento e aposentadoria). Dado que eles variam no tempo e no espaço, é difícil precisar o início e o fim de cada fase a partir dos eventos, portanto, neste trabalho, não utilizamos eles como marco para escolher os sujeitos da pesquisa, lançamos mão apenas da idade cronológica²².

Reconhecemos que o critério idade encobre a própria heterogeneidade da velhice, visto que o tempo de vida de um ser humano não é suficiente para defini-lo enquanto velho, pois, como já vimos, a compreensão da velhice é um fenômeno multifatorial. Entretanto, o uso científico da idade cronológica foi apenas nosso ponto de partida para analisar os novos papéis sociais assumidos pelos idosos na contemporaneidade. Assim, seguimos, neste trabalho, a orientação da Organização

²² Vale destacar que o uso desse critério para delimitação dos sujeitos da pesquisa foi importante na medida em que todos os Grupos de Convivência visitados possuíam participantes que, apesar de ainda não terem a idade de 60 anos, eram integrantes do Grupo. Estas pessoas fazem parte do que Magalhães (1989) convencionou chamar de “pseudo-idoso”: indivíduos que estão na fase adulta, mas que são considerados socialmente velhos; nesse grupo incluímos aquelas pessoas que trabalharam durante muito tempo em serviços penosos e apresentam, como consequência, o envelhecimento precoce do corpo.

das Nações Unidas – ONU que, desde 1982, considera o início da velhice a partir dos 65 anos para as nações desenvolvidas e 60 anos para os países em desenvolvimento²³ (NETTO, 2002:9).

Associados aos fatores biológicos e cronológicos, temos os aspectos psicológicos (existenciais), que se referem às experiências pessoais e de relacionamentos, refletidas e acumuladas ao longo dos anos; são questões subjetivas e comportamentais, que fazem com que os indivíduos vivenciem de maneira diferenciada o envelhecimento e a velhice. Sobre esse assunto, Beauvoir (1990:15) analisa que, *como todas as situações humanas, ela (a velhice) tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história*. Com relação a essa mudança na relação com o tempo, temos que as pessoas idosas possuem tendência a perder expectativas para o futuro, talvez por sentir a sua proximidade com a morte e a supervalorizar o passado (reminiscência). Por outro lado, ao presenciar as reuniões dos Grupos de Convivência visitados, encontramos idosos que aparentavam aproveitar o tempo presente com bastante intensidade, participando de todas as atividades promovidas pelo Grupo de Convivência onde são integrantes e chegando, até mesmo, a incorporar-se em outros grupos – como, por exemplo, os ligados à Igreja Católica.

Ainda no campo psicológico, temos que as perdas significativas (corpo jovem, trabalho e papéis sociais na família) representam uma variável de grande repercussão no estado de ânimo dos idosos, fazendo com que apresentem comportamentos de isolamento e alheamento ao que acontece em seu entorno. No caso dos sujeitos aqui estudados, não conseguimos perceber essa teoria, ao contrário, encontramos velhos ativos e integrados à sociedade, assumindo importantes papéis dentro de suas famílias.

Como defende Beauvoir (1990:15), *o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence*. A referida autora considera que a sociedade é quem vai definir o lugar dos idosos, de acordo com as suas concepções e as suas relações intergeracionais de poder. Esta é a dimensão social da velhice, que a partir da

²³ O Brasil também utiliza a idade de 60 anos para classificar a pessoa como idosa. Esta regulamentação encontra-se estabelecida no Estatuto do Idoso, aprovado em 2003.

atribuição de direitos e deveres aos indivíduos de acordo com a sua idade cronológica, impõe aqueles papéis e expectativas sociais, os quais serão analisados posteriormente.

Complementando o estudo da dimensão social da velhice, temos que o reconhecimento do ingresso nessa fase da vida acontece por meio das outras pessoas. A consciência e a aceitação de que o indivíduo saiu da fase adulta não acontece de maneira espontânea e natural, é difícil alguém se aperceber quando a velhice se instala em si mesmo, por isso, o idoso custa a aceitar-se como tal e, geralmente, a percepção das modificações causadas pelo envelhecimento só se dá a partir do outro. Como complementa Beauvoir (1990:353), *isso é normal, uma vez que em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros. Não consentimos nisso de boa vontade.* É um processo doloroso reconhecer que o corpo, antes cheio de frescor e de postura firme, foi substituído por um corpo enrugado e flácido; não podemos imaginar tal situação e, no fundo, não queremos. Assim, Mascaro (1997:36) afirma que:

perceber de repente o próprio envelhecimento, tomar conhecimento de que o tempo também urdiu e teceu suas tramas em nosso corpo, pode ser uma experiência marcante. Inúmeras vezes podemos sentir a vaga sensação de não termos idade alguma, de estarmos situados numa espécie de limbo, do qual somos içados meio abruptamente pela mão do outro.

Ou seja, vive-se, comumente, uma crise de identidade na qual o idoso não se reconhece mais como a pessoa que era e estranha sua própria autoimagem. Mas perceber a velhice do outro também dói e causa surpresa, esta é ainda mais penosa quando se trata de pessoas da mesma idade que nós. Quase todas as pessoas já devem ter passado pela experiência de encontrar um velho conhecido, perceber nele as marcas físicas que o tempo deixou e pensar nas nossas próprias marcas, que relutamos em reconhecer ou insistimos em camuflar.

O envelhecimento é sempre abstrato e só ocorre concretamente no outro, nunca em nós mesmos; é nos outros que ele se materializa primeiro, e o desejo é que, em nós, ele jamais mostre os seus sinais e saia da abstração. Isso porque *a velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós* (BEAUVOIR, 1990:266). Corroborando para esta repugnância, temos as ideologias que perpassam o termo “velho”, como já citamos.

Entretanto, temos que os idosos nem sempre permanecem na condição de estranhamento e, por vezes, a aceitação da condição de velho pode não ser dolorosa. Nesse contexto, encontramos nos discursos dos idosos aqui entrevistados uma autoavaliação positiva da sua condição de velhos. Todos estes declararam estar satisfeitos com suas vidas, não havendo nenhum discurso depreciativo de sua própria imagem ou situação, sendo que nenhum deles mencionou algum tipo de mudança necessária para melhorar sua velhice:

Eu tô tão satisfeito que parece que eu vivo no céu, porque eu sou um homem bem realizado. (D.S., 61 anos)

Eu me sinto muito bem assim, parece que eu não tenho nem setenta anos. (E.L., 70 anos)

Eu ainda me sinto em forma, me sinto bem...porque eu não tenho nenhuma doença. (F.J., 78 anos)

Ai, mas eu tô achando a velhice muito boa, eu queria viver era uns quinhentos anos. (R.R., 66 anos)

Ademais, quando indagados sobre a maneira que se sentem possuindo mais de 60 anos, 5 idosos (2 homens e 3 mulheres) afirmaram que se sentem melhor agora do que na época de sua juventude e isso está relacionado diretamente à possibilidade de aproveitar a vida, visto que antes não podiam realizar certas atividades em virtude de alguns impedimentos, como o trabalho, o cuidado com os filhos pequenos e um maior número de atribuições domésticas:

Eu tive elefantíase durante 23 anos e foram 23 anos de sofrimento...eu tô começando a viver agora dos 60 anos pra frente. Agora que eu tô me soltando, fazendo o que eu não fiz anteriormente. (D.S., 61 anos)

Eu me sinto mais melhor do que quando eu tinha a minha juventude. Porque eu tinha pai pobre, aí eu tinha que trabalhar dentro dos mato, na roça...aí hoje agradeço a Deus ter essa idade, ter esse Benefício que dá pra sustentar a família...me sinto melhor de quando eu era novo. (R.R., 66 anos)

Eu acho é bom, tanto que agora eu tô aproveitando é muito. Pra mim foi muito bom ficar idosa, porque agora que eu tô aproveitando a minha juventude. (E.L., 70 anos)

Eu sei que eu acho bom a minha velhice...adoro. Tá dez mil vezes melhor de quando eu era jovem, melhorou o respeito, agora eu tenho aposentadoria. Mas tem gente que não gosta, né?! E diz que não quer ser velho, tem até gente que pinta o cabelo...mas eu não pinto, fica o cabelo novo e a cara velha, do que é que adianta? (M.L., 65 anos)

Agora, quando eu era nova eu sofri muito, mas agora depois de idade, não...minha vida é boa. Minha vida é boa depois de velha, num vou mentir. (M.A., 76 anos)

Assim, de posse dessas informações elucidativas a respeito da velhice e dos velhos, resta-nos saber qual o local reservado a essas pessoas que vivenciam o envelhecimento e são consideradas legal e socialmente idosas em nossa contemporaneidade ou, em outras palavras, quais os papéis sociais assumidos pelos idosos de nosso tempo presente? A fim de elucidar tal questionamento e os outros postos na introdução deste trabalho, refletiremos agora sobre a categoria sociológica “papel social” que nos parece fundante a qualquer estudo sobre as funções sociais exercidas pelos indivíduos.

III.3 Papéis sociais em Ralf Dahrendorf e o idoso enquanto *Homo Sociologicus*

*O homem despido de papéis é um ser inexistente
para a sociedade e para a sociologia.
Ralf Dahrendorf*

O sociólogo alemão Ralf Dahrendorf, preocupado com o objeto de estudo das ciências sociais, escreveu, em meados de 1967, um ensaio sobre a história, o significado e a crítica da categoria papel social ao qual intitulou de “Homo Sociologicus”. Ao deparar-nos com tal obra, identificamos, de imediato, a sua contribuição científica para a estruturação metodológica da própria sociologia e, talvez como consequência disso, a sua real centralidade no estudo que ora apresentamos. Entender a categoria “papel social” tornou-se imperativa para nossa pesquisa, que pretende discutir as novas funções assumidas pelos idosos na contemporaneidade.

As ciências sociais, até metade do século XX, apresentaram a comunidade científica com dois exemplares de homens construídos teoricamente: *homo oeconomicus* e *psychological man*. Ambos são elaborações científicas e, como tal, difíceis de serem encontrados em sua plenitude nas nossas experiências diárias no meio social, visto não existir equivalência instantânea entre aquilo que vivenciamos no real e o que é plasmado cientificamente por nosso intelecto. Entretanto, esses “homens” servem de modelo ou tipo ideal para a compreensão do ser humano como um todo. O primeiro homem é aquele consumidor, que se detém no cálculo de custo-benefício dos novos produtos que irá adquirir, aquele que se preocupa com os juros, a bolsa de valores e todos os índices monetários que possam afetar suas finanças. Já o último, segundo Philip Rieef (1959 apud DAHRENDORF, 1969), foi inventado por Freud e é um misto de sentimentos confusos, decifráveis e incógnitos.

Contudo, o desenvolvimento acelerado das ciências sociais insere a necessidade científica da criação de dois novos homens distintos de seus “irmãos” mais velhos, são eles: *homo politicus* e *homo sociologicus*. Segundo Dahrendorf (1969), o *homo politicus* é resultado da construção de Anthony Down como sendo aquele homem que orienta suas decisões políticas – especialmente as eleitorais – a partir de sua utilidade. Esta orientação serviu para Down, em seus escritos, elaborar

uma teoria do comportamento político. Já o *homo sociologicus* será dissecado nas páginas que seguem.

Porém antes de iniciar tal empreitada, é necessário ter em mente que a criação desses quatro tipos ideais de seres humanos é apenas uma estratégia da ciência para reduzir o homem total em unidades menores e menos complexas para serem entendidas, pois este *não só foge das dimensões de uma única disciplina, como provavelmente deverá permanecer sempre uma figura esquemática ao fundo do esforço científico* (DAHRENDORF, 1969:39). Em outras palavras, a invenção daqueles “homens” é a prática do exercício clássico em toda análise científica: desconstruir o objeto total em partes menores, analisá-las e depois retornar à compreensão do todo, chegando, por fim, como referendou Karl Marx (2007), a sua síntese.

O objeto da sociologia deve ser procurado no espaço de entrecruzamento do homem e da sociedade, na mediação que se estabelece entre o homem e o mundo. Todavia, várias tentativas de explicação foram feitas e poucas lograram explicar o ponto de intersecção que se dá entre o indivíduo e a sociedade. Alguns autores, como Talcott Parsons (1949 apud DAHRENDORF, 1969), utilizaram-se dos grupos sociais que, para Dahrendorf (1969), mostrou-se incompleto por não chegar ao indivíduo enquanto ser societal, pois, nesse contexto, ele é compreendido em sua característica pessoal diluída dentro do grupo no qual se encontra; o indivíduo e a sociedade aparecem em sua forma resultante da mediação entre ambos e não como abstrações distintas. Para Dahrendorf (1969), o problema da sociologia é encontrar esse ponto onde os elementos básicos das relações sociais (indivíduo e sociedade) estão em sua forma pura e começam a relacionar-se. Este ponto é nomeado pelo autor de “fato irritante” ou, de maneira mais rebuscada, “papéis sociais”.

O fato irritante da sociedade aparece inicialmente de maneira discreta no livro *As regras do método sociológico* (1984), onde Émile Durkheim construiu o objeto da eminente ciência social: os fatos sociais. Nesse sentido, Durkheim (1984:29) se detém na explicação de seu objeto sociológico:

Quando desempenho meus deveres de irmão de esposo ou cidadão, quando me desincumbo de encargos que contraí, pratico deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Mesmo estando de acordo com os sentimentos que me são próprios, sentindo-lhes

interiormente a realidade, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os estabeleci, antes os recebi pela educação.

A proximidade entre estes e a categoria de papéis sociais plasmada por Dahrendorf (1969) é percebida logo nas primeiras linhas; a semelhança se dá, sobretudo na constatação de que estes últimos, mesmo imagináveis como independente de determinados indivíduos, tornam-se mera ficção sem a participação deles. Foi inspirado nestas ideias que Dahrendorf (1969) solucionou o problema do objeto de estudo da sociologia, defendendo que os papéis sociais são o ponto de aderência entre as abstrações indivíduo e sociedade. Esses elementos, ao entrarem em contato, transformam-se a si mesmos e o indivíduo global passa a ser o *homo sociologicus* habitado por papéis sociais atribuídos pela sociedade. Assim, o “homem puro” converte-se em algo significativo para a sociologia quando assume lugar e função importantes na sociedade, ou seja, quando ele próprio assiste ao nascimento do *homo sociologicus*.

Entretanto, engana-se quem pensa que tal categoria é atenção apenas de cientistas sociais. Poetas, filósofos e escritores ligados à dramaturgia valem-se, até os dias de hoje, dos papéis sociais na tentativa de determinar o famigerado ponto de intersecção entre indivíduo e sociedade, para tanto introduziram novas nomenclaturas – mas de conteúdo idêntico à categoria aqui estudada – como por exemplo: máscara, pessoa e caráter. A analogia maior entre a ciência e a ficção criada por essas profissões encontra-se nos papéis representados nas peças teatrais:

1) todas designam algo preexistente ao ator, algo que existe fora dele; 2) este algo preexistente pode ser descrito como um complexo de modos de comportamento que, por sua vez, 3) com outras formas de comportamento formam um todo, apesar de ser uma parte (...); 4) como estas formas de comportamento são impostas ao ator, o mesmo precisa apreendê-las para poder desempenhá-las; 5) do ponto de vista do ator, nenhum papel, nenhuma persona dramatis, é excludente; o ator pode aprender e desempenhar uma multiplicidade de papéis. (DAHRENDORF, 1969:44)

Estas cinco analogias elencadas pelo autor são, além de meras semelhanças, as características principais da categoria papel social. A primeira delas diz respeito à algo exterior e preexistente ao indivíduo, os papéis são construídos na sociedade e existem antes mesmo que o indivíduo os assuma. Em segundo e terceiro lugar, temos que os papéis são formas de comportamento que orientam a ação individual e

associados a outras formas de comportamento de outros indivíduos formam um todo complexo que, no caso do teatro, é a peça e, no âmbito sociológico, é a própria sociedade real. A quarta característica informa-nos sobre a necessidade do ator aprender os papéis que irá representar, da mesma maneira isso acontece na sociedade através dos seus mecanismos de socialização do indivíduo. E, por fim, temos que nenhum papel social exclui outro e o *homo sociologicus* – assim como o ator de teatro – pode desempenhar vários papéis, travestindo-se de diferentes máscaras.

Imprimir sentido metafórico à vida, como se esta fosse uma peça de teatro, é crucial para a compreensão do funcionamento real dos papéis sociais e, em consequência, para a construção do sentido da ação humana. Da mesma maneira que, no teatro, o ator conserva sua individualidade por trás dos papéis que encena, na vida real, o indivíduo é mais que os papéis que reproduz; os papéis sociais não são os indivíduos em si, mas estes indivíduos representando algo que lhe é solicitado. Entretanto, ressaltamos que o indivíduo, ao relacionar-se com sua futura máscara ou *persona*, chama para si um determinado tipo de comportamento pré-estabelecido que modifica seu próprio caráter individual. Esse processo é a materialização da intersecção entre indivíduo e sociedade, na qual este transforma parte de sua própria personalidade ao mesmo tempo em que conserva elementos desta.

Portanto, devemos tomar cuidado com algumas limitações que a metáfora estabelecida entre o teatro e a vida real nos impõe. O indivíduo concreto não pode ser entendido como o ator teatral que, deixando cair a máscara, apareceria em sua natureza real. O ser social atuante na realidade é mais do que um representante de determinados tipos de comportamento, seus papéis apresentam-se além das *personas* substituíveis do teatro, as quais o ator se liberta para então assumir sua personalidade real; as máscaras constituem o *homo sociologicus* – homem integral – que não pode deixá-las de lado sem deixar a si próprio. Nesse sentido e segundo Dahrendorf (1969), a categoria “papel social” passa de um conceito sociológico para um conceito psicossociológico elementar.

Para exemplificar a analogia entre vida real e a encenação teatral, o autor em questão utiliza parte da comédia *As you like it*²⁴ elaborada por Shakespeare. Aqui

²⁴ *Como quiser* (tradução da pesquisadora).

daremos especial atenção a esse texto, pois nele o mundo aparece como uma grande peça de teatro (*All the world's a stage*) na qual o indivíduo possui vários papéis que lhe são atribuídos a partir de um papel social central: a sua condição etária. Profissões, sentimentos, comportamentos e até mesmo características físicas vão compondo o indivíduo que, ao passar de cada geração (infância, adolescência, vida adulta e velhice), assume determinada máscara em detrimento de outra e assim, sucessivamente, vai encenando seus dias de acordo com o estatuto de cada *persona* que lhe foi conferido.

Da mesma forma que Shakespeare, acreditamos que, baseada no critério de idade cronológica, a sociedade atribui a cada indivíduo, ao longo de seu desenvolvimento, funções determinadas a serem executadas. Entretanto, acreditamos que outros elementos são partícipes nesse processo de atribuições de papéis, como por exemplo, o sexo, que se transpõe para as relações de gênero e estabelece funções determinadas para homens e mulheres. Partindo dessa compreensão, a questão central desta pesquisa foi perceber o que há de tradicional e original nas atividades dos idosos atuais e como eles e a família se posicionam ante essas funções. Em outras palavras, buscamos reescrever a parte final da comédia de Shakespeare, informando ao leitor que a sexta idade ao qual o ator se refere não é mais “muda”²⁵, ao contrário, os idosos são sujeitos de voz ativa, que mantiveram traços do passado e inventaram sua nova máscara com a participação crucial da sociedade. Pessoas que, ao invés de caírem no esquecimento, como retratado na comédia, são, muitas vezes, elementos estruturantes de suas famílias. Entretanto, antes de aprofundar essa discussão, faz-se mister entender que a compreensão da categoria papel social não se esgota no estudo de suas semelhanças com o teatro, ela vai além disso.

Associada à categoria de papel social, Dahrendorf (1969) insere o termo “posição social” que designa o local ocupado por um indivíduo qualquer em um campo de relações sociais ou, como prefere o autor, “segmentos sociais”. Assim, conseguimos nos referir a uma posição social sem identificar o sujeito que a ocupa;

²⁵ E assim ele atua seu papel. A sexta idade muda / Em suas calças finas e escorregadias: Com óculos em seu nariz e a bolsa ao lado; / Sua jovem meia bem salva, de um mundo muito vasto / Por sua haste encolhida, e sua grande voz máscula / Voltando novamente para a trêmula infância, cachimbos / E assobia no seu som: Última cena de todas, / Isso termina esta estranha e agitada história. / É a segunda infância, e mero esquecimento; / Sem dentes, sem olhos, sem gosto, sem nada. (SHAKESPEARE *apud* Dahrendorf, 1969:47 – tradução da pesquisadora)

por exemplo, se nos referirmos à posição de professor de escola pública, não há necessidade de informar o(s) indivíduo(s) que ocupa(m) tal locação para entender quais as funções que o portador dessa posição deve desempenhar e nem os segmentos sociais que lhe são próprios – relação “professor-aluno”, “professor-pais de alunos”, “professor-colegas” e “professor-superiores” – visto que o entendimento da referida posição já contém todas essas informações. Esquemáticamente temos: uma posição social – funções obrigatórias a serem exercidas por um indivíduo - contém variados segmentos sociais relacionados às diferentes relações sociais com outras posições que o indivíduo deverá estabelecer ao assumir uma determinada posição. Se aplicarmos esse esquema a um homem idoso, temos que uma das possíveis posições que este pode assumir é de avô, tal posição traz em si dois desdobramentos: o idoso deverá comportar-se de uma determinada forma e terá como segmentos relacionais principais o contato com seus filhos(as) e netos(as).

Nessa exemplificação, observamos que aquele homem possui não só a posição de avô, mas antes a posição de “ser idoso” em uma determinada sociedade; dessa maneira, saber apenas uma posição social que o indivíduo ocupa nem sempre revela todas as pistas necessárias ao entendimento global deste ser, visto que cada *homo sociologicus* – assim como o ator – pode assumir uma multiplicidade de papéis. Mas apesar disso, ela nos esclarece o que as pessoas fazem no seu cotidiano ou, pelo menos, deveriam fazer. *A cada posição que uma pessoa ocupa, correspondem determinadas formas de comportamento, que se esperam do portador dessa posição; a tudo que ele é correspondem coisas que ele faz ou tem; a cada posição social corresponde um papel social* (DAHRENDORF, 1969:54). Logo a categoria “posição social” é intrínseca à de “papel social”, pois, para o autor a cada posição corresponde um papel; em outras palavras, para cada localização dentro de uma relação social assumida por um indivíduo existe determinado papel social a ser executado, ou seja, um conjunto de regras comportamentais a serem seguidas.

Mediante a combinação dessas duas categorias essenciais – posição e papel – o autor chega à solução da problemática do objeto científico da sociologia. Tal ciência terá como objeto o *homo sociologicus*, que será plasmado a partir da intersecção entre sociedade e indivíduo, que se realiza em dois processos sociais que serão estudados adiante. Assim, para a compreensão dos sujeitos de nossa pesquisa, foi necessário não só conhecer as posições sociais que ocupam, mas

entender o papel que exercem dentro dos espaços sociais nos quais estão inseridos.

A compreensão das posições ocupadas por um indivíduo é de fundamental importância para entender a natureza das interações sociais que delas decorrem, pois, de acordo com cada posição, teremos comportamentos esperados de cada uma das partes (segmentos) envolvidas na relação. Podemos citar, como exemplo, uma atividade corrente, encontrada nos Grupos de Convivência visitados durante a pesquisa exploratória, que é a visita domiciliar ao idoso participante do grupo realizada pelas correspondentes educadoras sociais. Ao receber a educadora do grupo em casa, o esperado é que o idoso assuma um comportamento de “obediência” ao poder emitido por tal pessoa, já que nesse segmento de relação (idoso-educadora) o esperado é que a educadora possua algum nível de comando sobre o idoso; mas, durante a visita, quando o idoso se relaciona com seu neto residente no mesmo domicílio, por exemplo, o esperado é que a idosa possua a voz de comando nesse segmento relacional (avô-neto). Ou seja, o idoso assume, ao mesmo tempo, duas posições que lhe solicitam dois modos esperados de comportamento.

O foco desta pesquisa foi, portanto, identificar quem é o *homo sociologicus* idoso de hoje. A posição social que assume, bem como os papéis sociais que executam dentro e fora do contexto familiar, tentando perceber como essas duas categorias se processam de maneira a concordar ou a discordar. Pois depreender o papel social que cada pessoa assume não nos informa o seu comportamento real, visto que *papéis sociais são feixes de expectativas, que se ligam, em uma determinada sociedade, ao comportamento dos portadores de posições* (DAHRENDORF, 1969:54). As expectativas que giram em torno de um determinado papel são fabricadas por cada segmento da relação estabelecida entre os portadores de posições, assim cada segmento terá sua própria expectativa; como no exemplo citado, o neto e a educadora social vão requerer da mesma pessoa comportamentos paradoxais: para o neto será a voz de comando e para a educadora, a posição de obediência. Dessa maneira, sempre que falarmos de papéis sociais, estaremos nos referindo a um tipo de comportamento esperado e, como qualquer outra expectativa, pode não ser correspondida, visto que o *homo sociologicus* conserva – ainda que escassa – liberdade e autonomia na execução

dos papéis que lhe são conferidos. Essa liberdade existe porque o contato entre sociedade e indivíduo não acontece serenamente como pode nos parecer à primeira vista. O contato entre o agente individual e as formas predeterminadas de ação incidentes sobre ele (fato irritante da sociedade) se dá a partir de um confronto estabelecido entre as duas partes, provocando tensão entre o comportamento esperado e o real deste agente.

Entretanto, o comportamento real do *homo sociologicus* não deverá ficar ao livre arbítrio de cada indivíduo, pois as *expectativas de comportamento, integradas em papéis, apresentam-se ao indivíduo com uma determinada obrigatoriedade de reivindicação, de tal forma que delas não se pode fugir sem determinado prejuízo.* (DAHRENDORF, 1969:56). Tal prejuízo é decorrente do que o referido autor chamou de “sanções”; este conceito é usado com frequência para designar punições e reprimendas. Em um sentido restrito, as sanções servem para manter a ordem da sociedade, na qual cada um desempenha seu papel e, de acordo com Dahrendorf (1969), elas podem ser positivas (incentivos) ou negativas (castigos). Dentro desse contexto, a sanção negativa irá exercer uma pressão mais forte sobre o indivíduo, pois às recompensas o ser social pode renunciar sem maiores problemas, porém fugir a força da lei ou mesmo ao desprezo dos grupos em que se encontra inserido é extremamente difícil em qualquer sociedade.

As sanções tem, portanto, não só a função de coagir os atores sociais a cumprirem fielmente seus papéis como também castram as possibilidades destes introduzirem novas formas de comportamento aos papéis sociais já existentes. *Aquele que não desempenha o seu papel será punido; quem o desempenha será recompensado; na pior das hipóteses, não castigado* (DAHRENDORF, 1969: 57). Isso nos foi revelado pelos discursos da maioria das educadoras sociais dos Grupos de Convivência²⁶, onde muitos são os relatos dos próprios idosos desses grupos de que seus familiares colocam empecilhos à sua participação no grupo, arranjando ocupações para os idosos na mesma hora em que acontecem as reuniões deles. Entendemos aqui que estas ocupações são sanções aplicadas pela família do idoso no momento em que este não segue as diretrizes de sua condição etária: ser velho. Salientamos que a participação do idoso em Grupos de Convivência é algo recente

²⁶ Ressaltamos que este dado não foi encontrado nas falas dos idosos entrevistados. Entretanto, optamos por manter essa observação visto que as Educadoras se referem a um contexto social bem maior daquele abrangido por este estudo.

e possui uma concepção contrária ao entendimento tradicional que se tem a respeito da velhice, visto que, nesses locais, o idoso é tratado como sujeito ativo e de direitos.

Ainda nessa perspectiva e cientes de que o papel social é atribuído instantaneamente no momento em que um indivíduo assume determinada posição, o *homo sociologicus* que, depois de sessenta anos de idade, se vê na condição de idoso, atualmente, simboliza aos demais membros da sociedade uma condição de desocupado e que possui tempo livre para fazer as atividades domésticas – que ninguém quer fazer ou o faz a muito custo: pode pegar os netos no colégio para não sobrecarregar seus filhos que trabalham, cuidar das compras de casa, fazer pequenos consertos, vigiar a casa etc. Contudo, poderemos questionar: mas o idoso não pode fugir a essas tarefas que lhe são impostas pelos demais membros da família e fazer só sua vontade? Afinal ele já não é independente financeiramente, não criou seus filhos, cumprindo seu papel na sociedade? Dahrendorf (1969) responderia que a questão não é tão simples como parece, o idoso enquanto *homo sociologicus* – que possui seus papéis sociais atribuídos prioritariamente pela sua posição de “pessoa idosa” – não pode fugir impunemente ao fato irritante da sociedade, cabendo-lhe sanções negativas. Sem dúvida, se o idoso negar-se a executar alguma das funções que lhe são ofertadas no ambiente familiar, certamente irá gerar um conflito dentro do ambiente doméstico. Então, a fim de evitar conflitos, brigas e discussões ou mesmo agressões físicas e psicológicas, o idoso reprime, em parte, seus desejos particulares e atua o papel que lhe foi designado naquela família – pois como veremos no último capítulo, os idosos lançam estratégias a fim de conciliar todos os seus papéis. O interessante é perceber que, mesmo cumprindo seus papéis sociais, os idosos, dentro de suas famílias, ainda sofrem essas sanções negativas, como temos o exemplo corriqueiro da violência doméstica sofrida por essas pessoas. Dahrendorf (1969) complementaria seu pensamento, afirmando que conformar-se frente aos papéis sociais não é uma característica das sociedades modernas, mas um aspecto universal das formas sociais. Sem nos deter nas críticas filosóficas que esta afirmação pode suscitar, o certo é que encontramos, em nossa sociedade contemporânea, indícios importantes da concretização dessa teoria, principalmente

quando a transferimos para a compreensão da condição social contemporânea dos idosos.

Somando a essas ideias, temos que, contemporaneamente, o comportamento real do idoso destoava daquele esperado pela posição assumida. Em verdade, percebemos que a própria sociedade mantém expectativas contraditórias em relação às pessoas idosas: ao mesmo tempo em que exige seu ativismo, reconhecendo nele um ser capaz de gerir a própria vida e, inclusive, cuidar de seu domicílio; em certos momentos, trata-o como alguém doente, incapaz e sem importância alguma para o restante da família, que deve permanecer isolado desta e do restante da sociedade, por exemplo, morando no fundo do quintal ou se entregando à ociosidade.

Especificamente, o que encontramos no campo empírico – na ótica das Educadoras Sociais – são idosos que assumem papéis sociais específicos dentro da família, mas não são os portadores das posições correspondentes. Os idosos, em sua maioria do sexo feminino, cuidam dos netos como se fossem seus pais, quando na realidade, são seus avós; estão no papel de pais, mas na posição de avós. Situação semelhante ocorre quando o idoso assume a posição de “chefe de família”, é esperado que ele comande os gastos da casa por ser o único (ou principal a contribuir na renda), entretanto é o que menos participa nas decisões da casa. Ou seja, está na posição de provedor das despesas domésticas, mas assume o papel de idoso, que não possui mais condições mentais de administrar uma casa e, em muitos casos, nem mesmo sua própria vida. Além disso, é complicado para os familiares de uma pessoa idosa reconhecerem a importância dos papéis sociais que ela exerce, visto que ainda persiste, no imaginário dos familiares, aquela ideia de que os atributos essenciais de um velho é ser (bis)avô, aposentado, sem vínculo empregatício, com um comportamento ultrapassado: ficar em casa, entregar-se ao tédio, não praticar atividades e preparar-se para a chegada da morte.

Em vista desses conflitos entre posições e papéis, defendemos que os papéis sociais dos idosos mudaram concomitante ao seu crescimento numérico e, por conta disso, é iminente reconhecer que não há discrepância entre posição-papel das pessoas idosas, mas que os papéis se modificaram ao longo da história, exigindo dos idosos outro tipo de comportamento – como já exposto nos exemplos acima. Nesse sentido, Dahrendorf (1969) esclarece que o conteúdo e as expectativas dos papéis sociais mudam com o passar do tempo, sendo resultado de construções

históricas. Portanto, *os papéis sociais encontram-se sob constante mudança. Da mesma forma que as leis perdem a razão de ser pela mudança do contexto social, também as expectativas obrigatórias estão submetidas a um processo de revalidação* (DAHRENDORF, 1969:61). Esse é o reconhecimento de que os papéis sociais não são estanques e variam de sociedade para sociedade. Com relação a isso, podemos observar que as funções sociais dos idosos mudaram ao longo da história e hoje se constituem de maneira diversa ao encontrado em outras épocas. É justamente por entender a ocorrência dessa mudança, que nossa pesquisa torna-se importante para o meio acadêmico e até profissional, pois entender os novos papéis que são requisitados aos idosos de hoje é fundamental para compreender os aspectos que formam a condição social da velhice na contemporaneidade. O autor em questão complementa sua ideia enfatizando que, da mesma forma como o todo societal, as expectativas de comportamento estão sujeitas a mudanças contínuas operadas pelo comportamento real e opiniões dos portadores de posições, ou seja, do próprio *homo sociologicus*. Entretanto, é difícil para a ciência captar essa transformação, possuindo, como campo de análise, a “sociedade global”, a qual, por encerrar uma multiplicidade de papéis, dificulta o perfeito entendimento da relação: formação de papéis-papel social-indivíduo.

Na tentativa de solucionar o problema, Dahrendorf (1969) cria uma nova categoria, a dos “grupos de referência”, onde tenta localizar o elemento chave na formulação e controle (sanção) dos papéis sociais correspondentes a cada posição social. O grupo de referência, dentro de seu conceito psicológico elaborado por Merton (*apud* DAHRENDORF, 1969), é aquele que serve para orientação de comportamento de indivíduos que não pertencem a eles. Como por exemplo, aqueles adolescentes de classe pobre que tentam, a todo custo, possuir elementos simbólicos (roupas, acessórios, eletrônicos etc.) que os aproxime dos adolescentes de classes mais abastadas. Tal conceito é transferido para a sociologia por Dahrendorf (1969) com uma pequena adaptação: o autor considera grupo de referência aquele no qual o indivíduo está inserido; ou seja, compreende os grupos aos quais as posições e os papéis individuais estão diretamente relacionados. Os grupos de referência são, portanto, a junção dos segmentos posicionais nos quais o indivíduo é participante e que lhe servem de mecanismo disciplinador na execução correta de seus papéis sociais.

Nessas condições, a unidade básica da sociedade e da análise sociológica seriam tais grupos, que servem de direção na realização dos papéis. Transferindo essa teoria para a presente pesquisa, temos que os grupos de referência (segmentos de posição) dos idosos considerados para efeitos deste estudo foram: a família e os grupos de convivência. Ressaltamos que a “sociedade global” é o grupo de referência que perpassa o estudo de qualquer papel social, aparecendo aqui de maneira transversal em todas as análises.

Por conseguinte, temos que nos grupos de referência encontraremos um consenso mais ou menos impressionante de opiniões individuais a respeito das expectativas de papéis sociais; porém tais formas de comportamento possuem seu caráter obrigatório institucionalizado, independente da opinião de seu portador ou de outro indivíduo. Entretanto, como o próprio autor deixou claro, tais opiniões possuem certa influência na modificação dos conteúdos de tais papéis. Ou seja, as opiniões dos membros de um grupo de referência não instituem a obrigatoriedade de um comportamento, mas podem modificar o seu conteúdo.

Dentro desse contexto e voltando-nos para os sujeitos desta pesquisa, temos os atuais grupos de convivência direcionados para as pessoas idosas, que introduzem cotidianamente novas formas de conduta para os seus participantes, confrontando-os com as formas de comportamento tradicionais referendadas a elas. Os grupos de convivência não introduziram a obrigatoriedade de execução do papel do idoso e nem mesmo criou essa posição social, entretanto é um espaço de construção e modificação do conteúdo dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos com mais de 60 anos. Salientamos que, ao mesmo tempo em que se cria o conteúdo, elaboram-se as sanções que serão aplicadas àqueles que não afinam o seu comportamento real à expectativa de seu papel. Em nossa experiência de trabalho com idosos e até mesmo durante as visitas exploratórias para a realização desta pesquisa, encontramos muitos idosos participantes de grupo de convivência que desprezam socialmente outros membros que não se adequam ao comportamento esperado por eles; geralmente os idosos que sofrem essas sanções são aqueles que não cuidam de sua aparência, indo para as reuniões do grupo visivelmente descuidado de seu vestuário e higiene; ou se mantem apáticos, não interagindo com os outros participantes e não realizando as atividades daquele dia.

Inferimos daí que o consenso de opiniões em um mesmo grupo de referência, além de sinalizar a existência de suas normas comportamentais, é o instrumento necessário para a legitimação destas; sendo que as expectativas dos papéis sociais se transformam quando não existe um consenso de opiniões que as legitimem, como no exemplo onde os grupos de convivência introduziram novas formas de comportamento para os idosos – de uma maneira geral, e não somente os integrantes de um grupo de convivência – estabelecendo uma tensão com as formas de comportamento já existentes.

Na vida real, deparamo-nos com outro tipo de tensão chamada por Dahrendorf (1969) de “conflito entre papéis”. Um papel social não é apenas o resultado de um único grupo de referência, mas o congregado das várias expectativas produzidas em muitos grupos de referência. Como já sinalizamos, o papel do idoso é conformado pela junção de três principais grupos de referência: a sociedade global, a família e o grupo de convivência; esses possuem expectativas diversas e contraditórias em relação àquela posição social e, portanto, a pessoa que a exercer se encontrará no conflito de papéis por não saber a que expectativa conformar-se. Dentro desse contexto conflituoso, alguma expectativa pode não ser atendida, pois chocar-se-á ao cumprimento de outra.

É de nossa competência destacar os dois tipos possíveis de posições, as adquiridas e atribuídas, as quais são distinguidas por Dahrendorf (1969:75) da seguinte maneira:

A característica distintiva principal das posições sociais em relação a sua atribuição reside na possibilidade de tocarem ao indivíduo completamente sem a sua participação ou na possibilidade de o indivíduo poder adquiri-las através de atividade própria. Sobretudo as posições originadas de características biológicas são atribuídas ao indivíduo sem que este seja perguntado ou que tenha possibilidade de rejeitar as pretensões da sociedade.

As posições atribuídas chegam ao indivíduo sem que este tenha nenhuma participação, como por exemplo: as características biológicas, data do nascimento, a nacionalidade, a língua materna, pertencerem à determinada família, etc. Já as adquiridas são conquistadas e dependem do esforço individual, bem como de outros fatores condicionantes, por exemplo, a profissão ou o pertencimento a uma classe social. Essa distinção é válida para todas as sociedades, contudo as posições

atribuídas podem tornar-se posições adquiridas e vice-versa; então, aplicar essa distinção na prática nem sempre acontece de maneira nítida: *para uma criança de pais católicos, em um país católico, a posição “católico” seria uma posição adquirida? Seria uma posição de “pai” para o Dr.Schmidt uma posição atribuída?* (DAHREDORF, 1969:76). A resposta em ambos os casos será negativa se levarmos em consideração a possibilidade fática em determinados contextos sociais; ou seja, de acordo com o contexto social, as posições podem variar suas classificações: se o Dr.Schmidt planejou ser pai, poderemos considerar tal posição como adquirida, mas se essa posição aconteceu por acidente ou de forma espontânea, a mesma deverá ser considerada atribuída. As posições atribuídas estão sujeitas a uma total coerção da sociedade e as adquiridas, à escolha individual; entretanto, isso não significa que a escolha do indivíduo decide sobre quem adquire a tal posição.

Dessa maneira, a posição por conta dos anos de vida²⁷ será um misto: atribuída, porque é a sociedade que define as faixas etárias e o estatuto social de cada uma delas (como vimos representada na comédia de Shakespeare), mas também adquirida pelo próprio indivíduo, que lança mão de todos os meios para preservar sua vida e chegar a uma idade avançada (sendo que essa preservação também possui participação da sociedade). Focando na posição social do “ser idoso”, acreditamos que a condição social da velhice é uma construção social, mas é também resultado do protagonismo dos próprios idosos; desse modo, entendemos que os papéis sociais assumidos por estes dentro de sua família ou do grupo de convivência são conformados, não apenas pelos grupos de referência em questão, mas também pelos idosos que participam nessa conformação. Portanto, vislumbramos, nesta pesquisa, não só os papéis sociais atribuídos às pessoas com mais de 60 anos, mas também como essas pessoas participam na construção desses papéis.

Contudo, poderemos nos perguntar: de que maneira essas posições são destinadas a cada indivíduo e como eles tomam conhecimento de seu conteúdo? Dahrendorf (1969) defende que existem, na sociedade, dois mecanismos fundamentais para sua estruturação: a atribuição de posições e a internalização de

²⁷ Dahrendorf (1969) não aprofundou a discussão sobre essa questão geracional, mas inferimos que ela é o resultado de atribuições societárias e construção individual.

papéis. O primeiro deles tem a função de associar cada posição existente em uma determinada sociedade a um único indivíduo – lembrando que este pode assumir várias posições – e o segundo visa capacitar esse indivíduo para o cumprimento das funções que lhe competem no âmbito dessa posição. Ou nas palavras do próprio autor:

Assim como o ator de um drama, também o ser social precisa aprender os seus papéis, precisa familiarizar-se com seu conteúdo e suas sanções. Aqui nos defrontamos com um segundo mecanismo fundamental da sociedade, o processo de socialização através da internalização de modelos de comportamento (DAHRENDORF, 1969:78).

Somente quando o homem puro passa por esses dois processos, se torna *homo sociologicus* integrante da sociedade, possuindo significado para a sociedade. Esses dois processos são complementares e, de acordo com Dahrendorf (1969), a sociedade industrial encarregou um setor institucional específico: o do sistema educacional. A esse sistema compete a socialização dos papéis e, em nossas sociedades modernas, trabalha em associação com outras instituições (família e igreja). A prova cabal dessa teoria é encontrada no artigo 22 do Estatuto do Idoso²⁸ (2003), que traz a preocupação com os currículos escolares e a necessidade de informar a todos os membros da sociedade as especificidades do processo de envelhecimento a fim de evitar preconceitos a respeito desta etapa da vida, ou de acordo com a teoria dahrendofiana, esclarecer os papéis sociais que os idosos podem assumir e/ou assumem em seu cotidiano atual. A referida Lei dispõe sobre essa necessidade por reconhecer, assim como Dahrendorf (1969), que a educação é um dos instrumentos formadores e divulgadores do conteúdo das funções assumidas pelos indivíduos.

Agnes Heller (1992) também faz referência a essa socialização em sua análise sobre a vida cotidiana, onde se refere ao processo educacional como a *assimilação da manipulação das coisas*, que seria sinônimo da *assimilação das relações sociais*. A autora informa que o homem participa da sociedade a partir do momento em que domina a manipulação das coisas que são imprescindíveis para a vida humana, *deve aprender a segurar o copo e a beber no mesmo, a utilizar o garfo, a faca, para citar apenas os exemplos mais triviais* (HELLER, 1992:19). Este é

²⁸ **Art.22.** *Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.*

o processo de amadurecimento do homem, que internaliza não só os mecanismos indispensáveis a sua vida, mas também a maneira correta de comportar-se. Ainda segundo a autora,

Essa assimilação, esse “amadurecimento” para a cotidianidade, começa sempre “por grupos” (em nossos dias, de modo geral, na família, na escola, em pequenas comunidades). E esses grupos face-to-face estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores (HELLER, 1992:19).

Destacamos que essa assimilação ou processo de socialização, como prefere Dahrendorf (1969), é chamada pelo autor de “processo de despersonalização” e ocorre por meio da internalização, pelo indivíduo, de algo que está fora dele, fazendo com que este algo se torne parte integrante de si próprio. *Ao final, a liberdade e a individualidade pessoal são suprimidas através do controle e da generalidade dos papéis sociais (DAHRENDORF, 1969:79).* Assim, o *homo sociologicus* vai formando sua personalidade – única e moldada pela própria sociedade – através de repressões e permissões impostas a ele no intuito de controlar seu comportamento. Tendo em vista os objetivos aqui empreendidos, não analisamos as consequências psicológicas de ser *homo sociologicus* para os sujeitos desta pesquisa, priorizamos a análise de como o idoso orienta seu comportamento a partir dos grupos de referência aos quais pertence.

Homo sociologicus se revela concidência de um mundo que na realidade não é o mundo de nossas experiências vivas, mas que, apesar disso, possui semelhanças consideráveis com ele (DAHRENDORF, 1969: 102). O *homo sociologicus* é construção abstrata, mas apesar disso possui semelhanças com ele, visto existir algo mais no homem real que apenas o seu lado *sociologicus*. Assim, temos consciência que entender as pessoas idosas, a partir da compreensão do *homo sociologicus*, forneceu-nos apenas uma faceta da vida dessas pessoas, uma parte de sua realidade tão complexa e que não pode ser analisada cientificamente em sua completude, mas que certamente proporcionou valiosas contribuições ao saber científico.

IV. Famílias e papéis sociais dos idosos

IV.1 Percorrendo novos caminhos entre os grupos de convivência, as ruas e as casas

*Assim, o mundo que chamamos de "real",
ou "este mundo", é feito de casa e rua...*
Roberto DaMatta

Neste tópico, daremos continuidade ao detalhamento dos procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa e iniciado no capítulo 1. Após a escolha dos dois Grupos de Convivência localizados na SER III e pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza, iniciamos as visitas periódicas aos Grupos referidos a fim de realizar observação participante no período de realização das reuniões deles. As visitas aos Grupos aconteceram nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2009 e, também, nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2010; e todas elas foram registradas em Diário de Campo, com o objetivo de facilitar a análise dos discursos e das atitudes dos idosos relevantes para nosso estudo.

Esclarecemos que a idéia inicial era continuar com a observação simples, entretanto a dinâmica das reuniões e as frequentes visitas aos Grupos terminaram por nos inserir no cotidiano das instituições, fazendo com que nossa ajuda fosse constante e espontaneamente solicitada tanto pelas Educadoras Sociais quanto pelos idosos. De maneira geral, tal ajuda dizia respeito à organização dos idosos para a execução de alguma atividade, ao auxílio aos próprios idosos durante atividades manuais e ao auxílio às Educadoras no manuseio de equipamentos eletrônicos; em suma, o campo de pesquisa nos transformou de meros pesquisadores a ajudantes de Grupos de Convivência. Ao final do terceiro mês de observação participante, *avaliamos que a inserção ativa nesses Grupos permitiu uma maior integração com os próprios idosos, que já nos chamam pelo nome e nos dão o mesmo tratamento e atenção dispensados aos outros funcionários dessas instituições visitadas* (Diário de Campo – 18.12.09). Acreditamos que esta integração e relacionamento amistoso com todos os idosos dos Grupos em questão, incluindo as Educadoras Sociais, facilitaram a execução e o sucesso da etapa seguinte da pesquisa: as entrevistas individuais com os idosos e um membro de suas famílias.

O primeiro passo para a realização das entrevistas individuais se deu a partir de uma conversa com a Educadora Social do Grupo Aloísio Ximenes e, posteriormente, com a Assistente Social do Grupo Francisca Firmo, na qual expusemos a necessidade de selecionar alguns idosos para serem entrevistados e que, seguindo os objetivos de nossa pesquisa, deveriam ter o seguinte perfil: não residir em domicílio unipessoal, ser aposentado ou beneficiário do BPC e, se possível, exercer algum tipo de atividade remunerada. Assim, ambas indicaram alguns idosos com esse perfil e, por conta do tempo hábil para a execução desta pesquisa, decidimos que o número total de idosos a serem entrevistados seria de seis e que, de cada idoso, entrevistaríamos um familiar, resultando, ao final, em doze entrevistas. Desse total planejado, conseguimos efetivar dez entrevistas: no Grupo Aloísio Ximenes, entrevistamos três idosas e dois familiares; e no Grupo Francisca Firmo, entrevistamos dois idosos, um familiar e um casal de idosos. Esclarecemos que, no próximo subtópico (IV.1.1) consta a descrição do processo de abordagem de cada idoso e familiar entrevistado, bem como uma explicação geral das características da vida do próprio idoso e do perfil socioeconômico de sua família. Sendo que os dados coletados nas entrevistas foram analisados ao longo deste trabalho e, principalmente, nos tópicos deste capítulo. Ressaltamos que todos os idosos e seus familiares entrevistados se mostraram receptivos e tranquilos durante as entrevistas; todas elas aconteceram em um clima descontraído e em ambientes propícios que permitiram aos entrevistados responderem as perguntas sem maiores constrangimentos. Os roteiros das entrevistas, caracterizadas aqui como semiestruturadas, encontram-se nos anexos deste trabalho.

Antes de discorrer sobre os caminhos seguidos para a realização das entrevistas e a análise das condições familiares dos idosos sujeitos de nossa pesquisa, temos a obrigação de esclarecer sobre as duas possíveis condições familiares nas quais podem estar inseridos os idosos contemporâneos.

Camarano, Kanso, Mello e Pasinato, em artigo publicado no ano de 2004, analisaram como a família brasileira está se adaptando aos efeitos do envelhecimento populacional, da redução do papel do Estado e da crescente dependência econômica da população jovem. Nesse contexto, afirmaram que a família é uma das principais fontes de apoio informal para jovens, adultos e idosos, pois, devido às transferências de bens e recursos financeiros, os membros de uma

mesma família se ajudam mutuamente na busca do bem-estar coletivo. A co-residência pode ser, portanto, uma estratégia utilizada para beneficiar tanto as gerações mais novas quanto as mais velhas, principalmente quando se registra o enxugamento das políticas sociais estatais e a privatização do cuidado dos familiares mais vulneráveis se impõe como uma necessidade cotidiana para as famílias.

Assim, Camarano, Kanso, Mello e Pasinato (2004) enfatizam que a transferência intergeracional de ajuda dentro de famílias que possuem idosos não acontece em direção única da família para o idoso como poderíamos supor, mas também do idoso para sua família; visto que os idosos estão vivendo cada vez mais e em melhores condições financeira e de saúde, o que lhes permite ser ponto de apoio para os membros de sua família. Desse modo, os autores em questão dividiram tais famílias em dois grupos: *famílias com idosos*, onde o idoso mora na condição de parente do chefe da família e *família de idosos*, na qual o idoso é o chefe da família; admitindo-se que, nas primeiras, os idosos são os demandantes de ajuda dos familiares e, nas segundas, os idosos sejam autônomos física e economicamente.

No caso específico de nossa pesquisa, temos que todas as seis famílias estudadas foram caracterizadas como *família de idosos*. Como veremos no subtópico seguinte, os idosos sujeitos desta pesquisa assumem a posição de chefes de suas famílias e exercem papéis sociais domésticos indispensáveis à produção e à reprodução desta, incluindo transferência de renda, bens e recursos, apoio emocional e cuidados pessoais. Além disso, essas transferências não se processam apenas no nível da unidade doméstica, e atingem outros membros da família que não residem com o idoso (como veremos detalhadamente no subtópico IV.3) , pois a família, em si, constitui uma rede social que integra e envolve várias pessoas, independente do espaço geográfico que ocupam.

Ressaltamos que parte desta centralidade familiar na figura dos idosos aqui estudados é proveniente de sua fonte de renda fixa. A esse respeito, temos que o perfil da renda dos entrevistados oscila entre o BPC (6 pessoas) e a aposentadoria por invalidez (1 pessoa), sendo, portanto, a maioria dos idosos beneficiária do BPC; tais dados nos revelam que 90% dos idosos não estavam inseridos formalmente no mercado de trabalho e nem contribuía regularmente, como autônomos, ao INSS.

Destarte, e com as visitas realizadas às suas residências, podemos considerar que eles estão inseridos na classe pobre, mas nenhum passa por dificuldades financeiras, visto que grande parte exerce atividade remunerada para complementar sua renda e que as pessoas com quem residem ajudam a pagar as despesas residenciais.

Por fim, ressaltamos que essa condição *família de idosos* foi certificada antes mesmo da análise detalhada das entrevistas realizadas com os idosos e seus familiares pelos indícios que encontramos na estrutura arquitetônica das residências visitadas. Em todas elas, foi possível verificar que os quartos dos idosos estavam situados em uma posição central, sugerindo, simbolicamente, a importância dos mesmos para suas famílias; o que foi confirmado, após a análise integral das entrevistas individuais.

Além disso, o fato dos idosos aqui estudados estarem situados em *famílias de idosos* leva-nos a questionar a inevitabilidade da Síndrome do Ninho Vazio, bastante difundida e defendida pelos gerontólogos na década de 1990, quando nos referimos às famílias dos idosos. Esta Síndrome não constitui propriamente uma doença psíquica ou física, ela é mais uma doença simbólica, que expressaria a tristeza e o espaço vazio deixado após a saída dos filhos adultos de casa (ÂNGELO, 1997); sentimento este não experimentado pela maioria dos idosos sujeitos desta pesquisa, pois, como veremos adiante, somente um idoso (F.J., 78 anos) viveu essa situação. Ressaltamos que nenhum dos entrevistados reside sozinho e o mínimo na composição da unidade doméstica encontrada diz respeito à família desse idoso que coabita apenas com sua esposa.

IV.1.1 Com licença, posso entrar? Os idosos, suas famílias e suas casas

IV.1.1.1 Centro Comunitário Aloísio Ximenes

→ Idosa M.A. (76 anos)

Através de um contato telefônico com a idosa, marcamos a sua entrevista para o dia 15.01.10, em sua própria residência. Assim, no dia referido, dirigimo-nos à residência da idosa, mas ela não se encontrava em casa e fomos recebidos pelo

Sr.R. que informou ser seu esposo. Ficamos cerca de meia hora conversando com esse senhor, que nos falou sobre a idosa em questão, sua família e seu estado de saúde. A respeito da idosa, comentou que ela raramente para em casa e *está sempre atrás de algo pra fazer* (Sr.R., Diário de Campo – 15.01.10). Disse ainda que ela acorda às 5 horas da manhã e, antes mesmo dele despertar, o café já está pronto e o almoço já está sendo preparado, acrescentando que é ela quem cuida de todos os afazeres domésticos e que a ela toma todas as decisões em casa. O Sr.R. disse ainda que a família é grande e possuem muitos netos e bisnetos; o número de netos ele não soube precisar, mas de bisnetos disse que eram nove.

Após alguns minutos de espera, a idosa retornou a sua casa e ao nos ver, foi logo explicando que havia saído apenas para comprar material de limpeza; em seguida, levou-nos para conhecer sua casa e posteriormente concedeu-nos a entrevista. Ao final da entrevista, solicitamos à idosa que indicasse algum membro da família com disponibilidade para nos conceder uma pequena entrevista a respeito do mesmo tema; para tanto,, a idosa indicou seu filho, **Sr. Ca.**, informando que ele era músico e não possui horários de trabalho fixo, sendo interessante que nós entrássemos em contato com ele a fim de mediar a entrevista. Dessa forma, entramos em contato telefônico com o filho da idosa e agendamos a entrevista para dia 20.01.10, a qual se deu na mesma residência em questão. Ressaltamos que, durante todo o período da entrevista, a idosa permaneceu costurando e, ao final, informou-nos que estava consertando algumas roupas de seu filho; comprovando a existência real de uma de suas atividades domésticas. Assim, em posse dos dados coletados nas entrevistas, elencaremos abaixo algumas informações importantes acerca da família em questão.

A idosa divide sua casa com mais três pessoas: marido e dois filhos, que são adultos e estão inseridos no mercado de trabalho. No piso superior da casa, reside outro filho da idosa juntamente com sua esposa e dois filhos adolescentes.

É interessante observar que os dois filhos que coabitam com a idosa dormem em dois quartos situados no fundo do quintal, os quais constituem um duplex; já a idosa e seu marido dormem em um quarto situado exatamente no centro da casa. Assim, a planta baixa dessa residência está ordenada da seguinte maneira: varanda, sala de estar, quarto dos idosos, cozinha, banheiro e quintal (onde encontramos a lavanderia e quarto dos filhos).

A posição estratégica do quarto do casal de idosos nos fez refletir sobre a própria posição central e basilar que os mesmos ocupam dentro de sua família. Além disso, pudemos recordar que essa estrutura arquitetônica não é característica habitual das residências com idosos que, diversas vezes, visitamos ao longo de nossa experiência profissional com este público etário. Nessas visitas, requisitadas a fim de averiguar casos de violência contra a pessoa idosa, quase sempre encontrávamos os idosos residindo em quartos mal cuidados nos quintais das casas ou mesmo ocupando, desleixadamente e sem nenhum conforto, algum cômodo da casa. E a falta de lugar para os idosos, muitas vezes, servia-nos de indício para a certeza da existência de relações violentas dentro das famílias.

Baseados nas informações colhidas durante a entrevista com a idosa em questão, podemos deduzir que seu cotidiano seja preenchido pelas seguintes atividades: cuidar dos afazeres domésticos, com o auxílio de uma empregada que vai semanalmente em sua casa; auxiliar seu marido e filhos em suas necessidades diárias; costurar roupas para si e seus familiares; participar de dois grupos de convivência para idosos; praticar hidroginástica e realizar atividades físicas junto ao grupo coordenado pelo Corpo de Bombeiros. A idosa não fez referências a cuidados dispensados aos seus netos ou bisnetos, visto que nenhum deles reside com ela, e fez questão de esclarecer que sempre ocupou tais posições dentro de sua família e que sua chegada na velhice não constituiu empecilho para a continuidade na execução dessas atividades. Entretanto, o marido da idosa, apesar de não ser dependente fisicamente, possui a saúde frágil e ainda está se recuperando de um câncer facial, requerendo atenção e cuidados especiais relacionados à medicação e à alimentação, que ficam sob a responsabilidade da idosa; assim encontramos, nessa família, uma tênue relação de “idoso cuidador de idoso”.

As decisões dentro da unidade doméstica são tomadas pela idosa e, em algumas situações, ocorre a participação de seu marido; o que nos leva a concluir que o casal em questão ocupa uma posição central nessa família, a qual pode ser considerada como *de idosos*. E essa posição é reforçada não só pelo quesito de “tomada de decisões”, mas também pelo custeio das despesas domésticas que está sob as responsabilidades deles, sendo que a idosa é beneficiária do BPC e seu marido é aposentado por tempo de serviço pelo INSS. A esse respeito, e em consonância com o discurso da entrevistada, abrimos um parêntese para informar

que os filhos residentes com a idosa contribuem esporadicamente com tais despesas, não constituindo uma ajuda crucial para o pagamento delas.

→ **Idosa M.C (70 anos)**

No dia 21.01.10, tivemos a oportunidade de conversar com a idosa, momentos antes do início da reunião do Grupo. Na ocasião, informamos à idosa nossa intenção de entrevistá-la e os objetivos de tal entrevista; apesar de demonstrar não ter entendido muito bem para que serviria a entrevista, a idosa aceitou. Perguntamos se não poderíamos fazer a entrevista logo após o encerramento do Grupo, ao que ela se negou, pois teria que buscar a filha de sua sobrinha na creche. Assim, ficamos com o contato telefônico dela e acordamos que ligaríamos na quarta-feira (27.01.10) para marcar a data e local da entrevista. Dessa maneira, na data combinada, ligamos para a idosa e tentamos agendar a entrevista para a manhã seguinte, o que não seria possível, pois ela teria que levar a filha de sua sobrinha ao médico; a idosa então sugeriu que a entrevista fosse realizada nesse mesmo dia, no período da tarde, antes da reunião do Grupo. Aceitamos a sugestão e, como havíamos combinado, chegamos cedo ao Grupo e encontramos a idosa, que nos concedeu a entrevista em uma sala reservada dentro do próprio Centro Social. Ao final da entrevista, perguntamos a idosa sobre a possibilidade de entrevistar também algum membro de sua família, ela respondeu que poderíamos entrevistar um de seus netos residentes com ela, mas, para isso, teríamos que contatar o mesmo, visto não possuir horário de trabalho fixo.

Dessa forma, entramos em contato com o neto da idosa, **Sr.C.** (23 anos), o qual foi bastante atencioso e receptivo. Apesar disso, só conseguimos entrevistá-lo na segunda tentativa - no dia 10.02.10, antes do seu trabalho e em sua própria residência -, pois, na primeira tentativa o Sr.C. teve um problema no trabalho, precisando ficar no local mais tempo que o estimado. Ressaltamos que, na primeira tentativa de entrevistar o citado senhor, também nos dirigimos à residência da idosa e tivemos a oportunidade de conversar com ela de maneira amistosa e de conhecer sua residência; o diálogo estabelecido com a idosa foi, muitas vezes, interrompido pelo barulho da máquina de costurar, onde a idosa estava costurando uma roupa que haviam encomendado, e porque a idosa se dirigia ao fogão várias vezes, pois

estava preparando o almoço. Interrupções que não nos incomodaram, pois significou para nós um momento importante da pesquisa, representando a materialização dos papéis sociais da idosa anteriormente comentados por ela na entrevista. Outro momento importante dessa visita se deu quando a idosa nos mostrou sua casa e pudemos verificar a semelhança na localização central do seu (e de seu marido) quarto com o da família descrita anteriormente, também situado no centro da casa. Os outros membros da família ocupam os quartos situados no fundo da casa e a sobrinha juntamente com sua filha dormem na sala. Assim, em posse dos dados coletados nas entrevistas, elencaremos abaixo algumas informações importantes acerca da família em questão.

A idosa divide sua casa com mais seis pessoas: marido, três netos, sobrinha e filha da sobrinha. Dois de seus netos e sua sobrinha estão em idade adulta e encontram-se inseridos no mercado de trabalho; já seu outro neto está na adolescência (13 anos) e a filha de sua sobrinha é uma criança com 2 anos de idade.

Baseados nas informações colhidas durante a entrevista com a idosa em questão, podemos deduzir que seu cotidiano seja preenchido pelas seguintes atividades: cuidar dos afazeres domésticos, com o auxílio de uma empregada que vai mensalmente em sua casa; costurar roupas sob encomenda (inclusive na primeira tentativa de entrevistar seu neto, ela estava dividida entre costurar e fazer o almoço); cuidar de seu neto adolescente e da filha de sua sobrinha; auxiliar seus outros dois netos e marido no que for necessário; participar do grupo de convivência para idosos; frequentar a Igreja e fazer atividades físicas (caminhada).

Chama-nos atenção o fato de que a idosa sempre criou seus netos como se fossem seus filhos *por necessidade dos pais que precisavam trabalhar* (M.C. – Diário de Campo – dia 03.01.10), afirmou a idosa na primeira visita que realizamos em sua residência. Esse depoimento e o recente papel da idosa de cuidar da filha de sua sobrinha reforçam nossa opinião de que os papéis sociais dos idosos são plasmados a partir da junção entre a necessidade familiar e a disponibilidade do idoso em assumir tais funções.

Analisando os discursos da idosa e de seu neto entrevistado, percebemos a semelhança com a família anteriormente analisada e chegamos à mesma conclusão: de que tal família, também, configura-se como *de idoso*. Assim temos

que as decisões dentro do ambiente doméstico são tomadas exclusivamente pela idosa e, segundo ela própria e seu neto entrevistado, quase nunca ocorre a interferência ou a participação de algum membro da família. E para complementar essa configuração familiar, a idosa (beneficiária do BPC) ainda assume a posição de provedora da família em conjunto com seu marido, que é aposentado por tempo de serviço pelo INSS.

→ **Idosa M.L (65 anos)**

A idosa em questão aceitou conceder a entrevista, sem nenhuma ressalva, e para facilitar o procedimento, sugerimos que ela fosse realizada no próprio local de reunião do Grupo. Assim, no dia 28.01.10, realizamos a entrevista em uma sala reservada no próprio Centro Social, o que facilitou a obtenção das respostas.

Ao final da entrevista, conversamos com a idosa a respeito da possibilidade de entrevistar um membro de sua família que reside em sua casa; a princípio, a idosa colocou alguns empecilhos, afirmando que as únicas pessoas que poderiam conceder a entrevista seriam seu filho, que é bastante ocupado, e sua irmã, que vive doente. Apesar disso, convencemos a idosa a conversar com eles, informando que ligaríamos posteriormente para agendar a entrevista. Assim, no dia 01.02.10, entramos em contato telefônico com a idosa e fomos informados de que seu filho não aceitou dar entrevista, porque estava trabalhando muito e não tinha tempo suficiente para isso, e que sua irmã se recusou, afirmando que já respondia muitas perguntas nas constantes consultas médicas a que era submetida, por conta de seus problemas de saúde e que não queria responder a mais perguntas dentro de sua casa. Diante dessas impossibilidades, cogitamos a possibilidade de entrevistar outro participante do Grupo, mas, como a Educadora Social estava de férias, não possuíamos nenhuma pessoa de referência dentro do Grupo que pudesse realizar a mediação necessária para indicar outra pessoa dentro do perfil de nossa pesquisa. Assim, optamos por aproveitar os dados coletados na entrevista em questão, mesmo sem o complemento da entrevista do familiar e seguindo os discursos coletados nesse momento, pudemos colher informações importantes a respeito da família em questão, as quais elencaremos nos parágrafos que seguem.

A idosa divide sua casa com mais oito pessoas: mãe, irmã, um filho e sua esposa, dois sobrinhos, neto e filho de uma sobrinha. A respeito dos membros da família, destacamos o fato de que tanto a mãe quanto a irmã da idosa possuem problemas de saúde e, por conta disso, requerem constante atenção da idosa; característica que nos revela uma clara relação de “idoso cuidador de idoso”, pois a mãe da idosa, apesar de não ser dependente fisicamente, possui a saúde frágil e necessita de atenção diária.

Baseados nas informações colhidas durante a entrevista com a idosa em questão, podemos deduzir que seu cotidiano seja preenchido pelas seguintes atividades: cuidar de sua mãe, com o auxílio de sua irmã; fazer as compras necessárias para a reprodução familiar; cuidar de alguns afazeres domésticos, também em parceria de sua irmã; costurar sob encomenda e participar de dois grupos de convivência. Não fez referência ao cuidado de netos ou sobrinhos, talvez pelo fato de que as mães deles não trabalhem fora de casa e possuem tempo disponível para lhes prestar auxílio.

E de maneira semelhante às duas famílias anteriores, podemos caracterizar esta como *de idosos*. Essa categorização deve-se a dois fatos específicos, o primeiro deles diz respeito às decisões na residência, que são tomadas pela idosa em questão e sua irmã (também idosa); ambas são solteiras e optaram por residir com sua mãe para lhe prestar os cuidados necessários. Em segundo lugar, temos que o provimento das despesas da casa está dividido entre a idosa entrevistada e a sua mãe, ambas beneficiárias do BPC. A esse respeito, esclarecemos que a irmã da idosa, apesar de possuir mais de 60 anos, ainda não possui idade suficiente para ser beneficiária do BPC, não possuindo renda fixa; e que o filho da idosa, inserido no mercado de trabalho, ajuda de maneira esporádica o pagamento das dívidas da residência, não constituindo uma contribuição relevante para a família.

IV.1.1.2 Centro de Convivência do Idoso Francisca Firmo C. Fontoura

→ Idoso R.R (66 anos)

No dia 05.02.10, convidamos o idoso a participar de nossa entrevista, o que foi aceito de imediato, assim acertamos que a entrevista seria realizada no dia seguinte, pela manhã, visto que o idoso não possui horários certos, pois trabalha fora de casa e participa de grupos de convivência. Dessa maneira, dirigimo-nos até a residência em questão e fomos recebidos pelo idoso, fomos apresentados à sua esposa, **Sra.E.** (65 anos), e às suas duas filhas, que estavam ocupadas com os serviços domésticos; nesse momento, explicamos nosso objetivo ali na casa e convidamos a esposa do idoso a conceder-nos também uma entrevista, o que foi aceito sem ressalvas.

O idoso divide sua casa com mais três pessoas: esposa e duas filhas. Ressaltamos que vizinha à casa do idoso está situada a casa de uma filha, residente com seu marido e um filho; tal casa foi construída pelo próprio idoso e está situada dentro do mesmo terreno de sua residência, não possuindo muros que as separem.

A posição central ocupada pelo quarto do casal de idosos remeteu-nos à estrutura arquitetônica das duas outras residências visitadas, as quais refletiram simbolicamente a própria posição basilar assumida pelos idosos em suas famílias e essa característica também é encontrada na família aqui analisada, onde o idoso e sua esposa – beneficiários do BPC – são os responsáveis pelo provimento das despesas da casa. Entretanto, ressaltamos que as decisões dentro do ambiente doméstico concentram-se na esposa do idoso e raramente são compartilhadas com ele. A quase falta de parceria entre o idoso e sua esposa concernente às atividades domésticas deve-se, em parte, pela ajuda de suas filhas, que não trabalham fora de casa e possuem tempo disponível para ajudar a mãe naquelas atividades.

Baseados nas informações colhidas durante a entrevista com o idoso em questão e confirmadas por sua esposa, podemos deduzir que seu cotidiano seja preenchido pelas seguintes atividades: trabalhar fora de casa na função de pedreiro; realizar atividades físicas junto ao grupo coordenado pelo Corpo de Bombeiros; participar de quatro grupos de convivência, dos quais, três são localizados no município de Caucaia, onde reside; e ajudar em algumas necessidades domésticas, como reparos e consertos.

→ **Idoso F.J. (78 anos)**

No dia 05.02.10, enquanto realizávamos observação participante na reunião do Grupo, convidamos o idoso a participar de nossa entrevista, o que foi aceito de imediato; ainda nessa conversa, perguntamos ao idoso com quem o mesmo residia e se poderíamos entrevistar alguém de sua família, ele respondeu que morava apenas com sua esposa e que ela aceitaria dar a entrevista sem maiores problemas, mas, para tal, teríamos que nos deslocar até sua residência, pois ela possui dificuldades para deambular. Assim, no dia 11.02.10, dirigimo-nos até a residência citada com o objetivo de realizar a entrevista com o casal de idosos.

Fomos recebidos pelo idoso, que logo nos levou até sua esposa. Ela se encontrava deitada em uma rede no centro da sala; assim que fomos apresentadas à idosa, percebemos que ela apresentava dificuldades na fala não conseguindo articular as palavras e que, aparentemente, possuía algum tipo de demência ocasionada pela idade avançada. Indagamos ao idoso sobre as condições de saúde da idosa e ele disse apenas que ela possuía um problema no joelho e, por isso, não andava; chegamos a inquirir o idoso se ele achava que sua esposa possuía alguma doença típica da velhice e ele afirmou que não. Respostas que demonstraram o grau de desconhecimento do idoso a respeito da saúde física e mental de sua esposa, visto que ela não conseguia estabelecer um diálogo conosco – nem mesmo seu nome ela conseguiu responder – e, muitas vezes, apenas ficava sorrindo em nossa direção. Isso nos levou a não realizar a entrevista com a idosa. Apesar disso, decidimos aproveitar o conteúdo coletado durante a entrevista, visto que o idoso se encaixava no perfil da pesquisa e apresentou dados valiosos para o enriquecimento dela. Assim, em acordo com os discursos coletados durante a entrevista, pudemos colher informações importantes a respeito da família em questão, as quais elencaremos nos parágrafos que seguem.

O idoso reside apenas com sua esposa, que é idosa e possui problemas no joelho, dificultando sua deambulação e a execução das Atividades da Vida Diária - AVDs. Em relação ao restante de sua família, possuem apenas um filho, que não reside com eles; e seu irmão e irmã são seus vizinhos, desses apenas a irmã lhe oferece algum tipo de auxílio, principalmente relacionado ao cuidado com sua esposa. Sobre a fonte de renda do casal, temos que ambos são beneficiários do

BPC e o idoso ainda tenta complementar sua renda trabalhando esporadicamente como pedreiro.

Como nas três residências anteriores, o quarto do idoso está situado no centro da casa, que possui a seguinte estrutura arquitetônica: sala de estar, quarto, cozinha, banheiro e quintal. Tal fato nos permite fazer uma associação direta entre a localização do quarto e a posição que o próprio idoso ocupa em sua família. Isso é reforçado pela posição ocupada por sua esposa, que, possuindo apenas a função de contribuir no provimento das despesas da casa, passa seus dias deitada em uma rede na sala de estar. Dessa forma, encontramos, nessa família, uma dupla característica: família *de* e *com* idosos; visto que temos um idoso dependente de cuidados e outro idoso que assume a liderança e as outras funções domésticas.

Baseados nas informações colhidas durante a entrevista com o idoso em questão, podemos deduzir que seu cotidiano seja preenchido pelas seguintes atividades: cuidar dos afazeres domésticos e de sua esposa; trabalhar fora de casa na função de pedreiro; participar do grupo de convivência para idosos e realizar atividades físicas junto ao grupo coordenado pelo Corpo de Bombeiros. Ressaltamos que o idoso sempre trabalhou fora de casa, fez atividades físicas e participou do Grupo, entretanto o desenvolvimento de patologias na sua esposa obrigou o idoso a assumir os papéis domésticos anteriormente executados por ela. Ou seja, tais papéis sociais assumidos pelo idoso só foram possíveis pela necessidade imposta dentro do espaço privado.

→ **Idoso D.S. (61 anos) e idosa E.L. (70 anos)**

No dia 05.02.10, também enquanto realizávamos observação participante na reunião do Grupo, tivemos a oportunidade de convidar o casal para fazer parte de nossa pesquisa, o que foi aceito de imediato e sem nenhuma ressalva. Após a concordância do casal e a fim de facilitar a concessão das entrevistas, sugerimos que elas fossem realizadas no próprio Centro de Convivência e, em um dia de reunião, visto que assim seria mais fácil para nós encontrarmos o casal num único momento, não precisando retornar à sua casa várias vezes a fim de encontrá-los. Dessa maneira, agendamos a entrevista para a sexta-feira seguinte.

Nesse dia estava acontecendo o baile de carnaval dos idosos e, mesmo assim, os idosos em questão não colocaram nenhum empecilho e, de pronto, prontificaram-se a conceder a entrevista. Ressaltamos que optamos por realizar o mesmo roteiro (anexo III) de pergunta com os dois idosos, visto que esse é mais completo e possui perguntas mais abrangentes a respeito do cotidiano deles. Assim, em acordo com os discursos coletados durante tais entrevistas, pudemos colher informações importantes a respeito da família em questão, as quais elencaremos nos parágrafos que seguem.

O casal reside somente com uma filha em fase adulta e inserida no mercado de trabalho. Ainda sobre as condições de moradia, é interessante observar que o local de residência dos idosos foi preservado e não tomado pelos filhos, ao contrário, a filha que ainda reside com o casal habita a parte de cima da casa; apesar de não saber a localização exata do quarto do casal, entendemos que houve a preservação do território deles – fato importante a ser considerado quando o sujeito em questão possui mais de 60 anos.

Encontramos nessa família a centralidade no casal de idosos, pois compartilham a tomada de decisões e o provimento das despesas domésticas; além do cuidado com a filha residente com eles e com o filho que reside em outro estado. O que nos leva a caracterizá-la, também, como família *de idosos*. Ressaltamos que a idosa é beneficiária do BPC e o idoso é aposentado, por invalidez, pelo INSS, sendo que ambos complementam sua renda trabalhando como vendedores informais.

Acreditamos que, por compartilharem muitas de suas atividades, o casal possui um cotidiano bastante semelhante: a primazia na execução das atividades domésticas e do cuidado com a filha é da idosa, que conta a ajuda constante do idoso; ambos desempenham atividades remuneradas, ocupando as funções de vendedores informais; participam de dois grupos de convivência e realizam atividades físicas junto ao grupo coordenado pelo Corpo de Bombeiros. Em seus discursos, não fizeram referência ao cuidado com netos, visto que seu único neto reside em outro estado.

IV. 2 Família: *lócus* das relações de gênero e intergeracionais

A família surge como espaço privilegiado na busca de novas alternativas para que os opostos possam vir a se tornar complementares.
Ana Maria Nunes de Sousa

Nas linhas seguintes, lançaremos mão do debate sobre o estatuto teórico da categoria família, resgatando alguns elementos históricos de sua formação social, que são essenciais para a compreensão dos problemas científicos aqui expostos. Tais questões tornam-se importantes neste trabalho, em virtude do contexto de referência, no qual os idosos, aqui pesquisados, estão inseridos. Eles são não só integrantes de um grupo de convivência, mas também membros de suas famílias parentais.

O reconhecimento e a aceitação da multiplicidade dos modelos familiares existentes ao longo da história já fazem parte, como garantiu Osterne (2001), do senso comum acadêmico. Após a revisão de literatura sobre o assunto, poderíamos acrescentar às palavras da referida pesquisadora, que também é integrante deste “senso comum”, a articulação exaustiva feita entre as relações de gênero – mais especificamente a condição da mulher – filiais e de produção, e as funções/estruturas incorporadas pelos grupos familiares. Reconhecemos que abordar a família é tarefa indissociável dessas outras questões, contudo alertamos que esse grupo de pessoas requer a análise das relações intergeracionais e, principalmente, da condição que seus integrantes mais velhos estão assumindo nas últimas décadas e que vem modificando as próprias funções e estruturas da família.

Entendemos que as limitações conjunturais dos estudiosos sobre família não lhes permitiram, durante certo tempo, integrar os velhos às famílias e fazer das relações intergeracionais e da condição familiar dos idosos um objeto científico. Afinal, a ciência só pode estudar aqueles fenômenos que se manifestam no real, e a velhice tardou em sua manifestação²⁹. Assim, não poderemos jamais esquecer todas aquelas teorias feitas até hoje sobre as questões familiares, ao contrário, devemos nos apropriar delas e tentar atualizá-las ao momento contemporâneo – como as produções de Alves (2004), Aguiar (2007) e Santos (2005).

²⁹ A velhice só ganha notoriedade científica quando ganha o *status* de questão social e passa a fazer parte das preocupações públicas, episódio que no Brasil aconteceu em meados da década de 1970.

Assim, recorrendo à teoria existente, encontramos que a definição dominante de família e que até hoje é presente no imaginário da maioria das pessoas caracteriza-se como um grupo de indivíduos que habitam a mesma residência e são ligados entre si por casamento, aliança e consanguinidade, como pudemos atestar nas respostas proferidas pelos idosos, sujeitos desta pesquisa, quando indagados acerca do conceito de família. Analisando tais discursos, concluímos que não foi possível encontrar conceitos detalhados a respeito da categoria família, todavia pudemos verificar referências aos principais sentimentos e características basilares à definição do termo em questão para os idosos entrevistados:

Considero família aqueles que moram comigo. A família mesmo é quem tá aqui comigo. . .que eu tô cuidando, porque ninguém cuida ainda de mim. Eu que cuido ainda de tudim, graças à Deus. (M.A., 76 anos)

Família é tudo na vida, porque na hora que a gente precisa, na dificuldade, na doença...eles sempre tão aí pra ajudar e isso é muito importante. Eu considero família aqueles que tem consideração pela gente, que se preocupa pela pessoa; família é bom pra isso, pra acudir na hora mais incerta...família é útil pra esse fim. (D.S., 61 anos)

Família eu considero a união...a minha não é todo mundo muito unido, porque eu tô aqui e eles tão lá na Bahia...mas eu considero a família o amor, a união, fazer caridade e ajudar uns aos outros. (E.L., 70 anos)

Agora tem eu e a minha irmã que cuida da minha mãe, às vezes minha irmã sai e eu fico com ela...porque a gente tem medo dela andar só porque ela tem labirintite e a gente tem medo de dar uma tontura e ela cair. E a família é isso, é esse cuidar. (M.L., 65 anos)

Nesse contexto, as associações mais comumente feitas pelos idosos corresponderam às seguintes: cuidado (4 pessoas), laços de consanguinidade (2 pessoas), amor (2 pessoas), união (2 pessoas), parentesco (2 pessoas) e coabitação (1 pessoa). Representação que não destoa da apresentada pelos familiares dos idosos, como podemos constatar nos depoimentos abaixo:

É união, é compreensão, é ajuda quando um dos componentes estão precisando. E aqui eu procuro muito fazer isso entre eu e minha mãe, porque minha família também não é tão unida. . .ficou mais unida agora, depois que se tornou menor. (Sr.C., 30 anos)

Família...de início pai, mãe, uma casa que possa acolher os filhos e os familiares; tirando os familiares, é só: pai, mãe e filhos vivendo bem, em harmonia, com saúde. Pra mim isso é uma boa família, uma família que se diga bem estruturada. (Sr.Ca., 23 anos)

Pressuposto este que nos produz, de imediato, uma imagem instantânea da família: pai, mãe e filhos vivendo numa mesma casa que, de acordo com Osterne (2001:52), *corresponde a um modelo, o tradicional modelo da família nuclear burguesa. Essa família, considerada natural, uma vez apresentada com a aparência de ter sempre existido dessa mesma forma, é, de fato, uma invenção recente.* Tal naturalidade, com a qual idealizamos constante e inegavelmente o grupo familiar, é acolhida por Bruschini (2000) como um dos obstáculos que impedem (ou impediram) a compreensão dessa categoria.

Dessa forma, a primeira regra nos estudos sobre família seria eliminar a sua aparência de naturalidade percebendo-a como resultado da criação humana e, por isso, capaz de sofrer modificações na medida em que é (re)criada. A mutabilidade da família poderá ser atestada por meio dos estudos antropológicos, onde segundo Bruschini (2000:50), observaremos

que as relações muitas vezes coincidentes que conhecemos atualmente entre grupo conjugal, rede de parentesco, unidade doméstica/residencial podem se apresentar como instituições bastante diferenciadas em outras sociedades ou em diferentes momentos históricos.

Esses estudos nos confirmam que a família não é uma instituição natural e assume diversas configurações, as quais também temos a possibilidade de verificar em nossas experiências cotidianas; nessas, os arranjos familiares são tão dispersos que parece quase impossível estabelecer um padrão. Encontramos mães e pais solteiros, avós que cuidam solitariamente de seus netos como se fossem seus genitores, casais de homossexuais que mantem relações estáveis e, até mesmo, grupos que correspondem fielmente ao modelo nuclear burguês.

Essas diversas configurações da estrutura familiar podem ser conferidas, de maneira abrangente, na pesquisa realizada por Young e Wilmot (*apud* BRUSCHINI, 2000) a respeito das famílias inglesas. Esses autores acreditam que a história da família pode ser dividida em três estágios bem determinados: período pré-industrial, onde não havia divisão sexual e geracional do trabalho, que era executado por todos tanto dentro da casa quanto no campo, característica que fez da unidade familiar a unidade de produção; período da Revolução Industrial, no qual ocorre a ruptura entre o espaço de produção (fábrica) e o domicílio, ocasionando redução no tamanho da família – composta essencialmente pelos cônjuges e seus filhos – e uma intensa divisão sexual dos papéis sociais; e por fim, o período pós Revolução

Industrial – a partir do início do século XX – quando a família é definida pela unidade de consumo que representa, a vida se torna mais privatizada e os papéis sexuais se tornam menos segregados.

Entretanto, devemos considerar a observação de Poster (*apud* BRUSCHINI, 2000) que nos alerta para o fato de que a história da família é descontínua, não-linear e não-homogênea. Nesse mesmo sentido, Szymanski (2002) ressalta que as transformações que acontecem no mundo causam modificações para a família de modo geral e, mais especificamente, para cada família de acordo com a sua composição, o seu histórico e sua classe social. Assim, deduzimos que, ao longo dos séculos, existiram certos padrões familiares que se tornaram hegemônicos em determinados países, continentes e/ou classes sociais e que esses padrões foram contemporâneos de outras estruturas do grupo familiar. Por essa razão concordamos com Giddens (2005:152) quando afirma que:

parece mais apropriado falar de 'famílias'. Referir-se a 'famílias' enfatiza a diversidade de formas familiares. Embora possamos nos referir de modo simplificado à 'família', é fundamental lembrarmos a variedade compreendida pelo termo.

Entender as configurações atuais de família ou, como aqui pretendemos, os papéis sociais assumidos pelos idosos dentro do ambiente doméstico requer antes um breve passeio sobre esses diversos tipos de grupo familiar que encontramos em épocas passadas. Ressaltamos que a compreensão da existência das diversas composições do grupo familiar é essencial para o entendimento do subtópico seguinte, onde analisaremos os papéis e posições sociais dos idosos, principalmente, dentro de suas famílias. Mas, antes de empreender nesta jornada, faz-se mister esclarecer que a existência da multiplicidade de dimensões contidas na categoria família deve-se não só ao que já expusemos acima, mas também às diferentes disciplinas (antropologia, sociologia, psicologia etc.) que abordam o tema³⁰ e, para fins desta pesquisa, iremos nos deter principalmente nas diversas abordagens sociológicas a respeito do tema, entendendo que cada corrente possui sua definição própria do conceito de família.

A esse respeito, temos a valiosa contribuição de Philip Ariès (1981), que, ao examinar a iconografia do *Ancien Regime* francês, descreveu o processo de

³⁰ Sobre esse assunto verificar Bruschini (2000).

surgimento da família nuclear burguesa a partir do despertar do sentimento de cuidado e proteção da criança. Essa família – como mencionado em linhas anteriores – é composta basicamente de pai, mãe e filhos interligados por relações de poder e amor, que originariam o “sentimento moderno de família”.

Estabelecendo paralelismos entre as obras de arte produzidas durante a Idade Média e no início da Idade Moderna, Ariès (1981) infere algumas considerações acerca da descoberta da infância. Constata, de início, que, do século X ao XIII, o sentimento da infância era inexistente, as crianças sequer possuíam sua representação física condizente com a realidade; o autor explica que elas eram retratadas com corpo de adulto, só que em menor estatura: *oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. Apenas seu tamanho os distingue dos adultos* (ARIÈS;1981:51). Assim, a criança não estava excluída por completo do meio social, apenas o sentimento em relação a ela era ausente.

Ariès (1981) defende que a indiferença em relação às crianças era uma consequência direta e inevitável da situação demográfica da Idade Média, na qual as crianças possuíam pouca representatividade numérica. Característica que provoca estreita semelhança à questão das pessoas idosas, que, neste mesmo período, também eram raras, fazendo com que a velhice não constituísse foco das preocupações familiares. Entretanto a semelhança para neste ponto, pois a história nos mostra que os idosos só alteraram qualitativamente sua condição social quando passaram a ser expressivos quantitativamente; já as crianças não necessitaram dessa modificação numérica para se tornarem alvo das atenções familiares/sociais. Como esclarece Ariès (1981:57), *devemos nos surpreender sim com a precocidade do sentimento da infância, enquanto as condições demográficas continuavam a lhe ser ainda tão pouco favoráveis*. Dentro desse contexto, é necessário apontar que o autor em questão não faz referência a nenhum acontecimento específico decisivo para o surgimento do sentimento da infância; ao longo do texto, ele nos mostra como várias situações criaram um ambiente propício para esse surgimento – dentre eles podemos citar: a Igreja Católica, que por meio de representações santificadas do menino Jesus, na Sagrada Família, facilitou a valorização da imagem da criança e o recolhimento do grupo familiar ao ambiente doméstico, permitindo maior convivência entre seus membros.

É, a partir do final do século XVI, que os sinais da descoberta da infância tornam-se particularmente numerosos, expressando simbolicamente o sentimento presente naquela sociedade e que seria traduzido posteriormente em atitudes de cuidado em relação às crianças. Como por exemplo, a preocupação com seus trajes (principalmente nas classes altas) e com sua educação. Nas palavras de Ariès (1981:163), tal sentimento pode ser distinguido de duas formas:

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela ‘paparicação’ – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes.

Concomitantemente ao aparecimento do sentimento da infância, surge o da família, baseada na noção de privado³¹. Visualizamos, na iconografia deste mesmo período, algumas mudanças na representação da família, que, segundo Ariès (1981), aparece primeiro em lugares públicos, ao ar livre, e depois fechada no interior da casa, protegida por seu cômodos. A esse respeito, Bruschini (2000:51) afirma que, *na aristocracia dos séculos XVI e XVII, não havia separação rigorosa entre o público e o privado, as famílias viviam nas ruas, nas festas, não se isolavam*. Complementa a autora que a família voltada para o espaço privado da residência desenvolve uma cultura própria, uma aparente autonomia e uma atmosfera de intimidade. A própria casa desempenhava uma função pública e não havia locais separados para a vida privada ou profissional, tudo se passava nos mesmos cômodos. A comunidade e até mesmo as festas coletivas perderam sua significação, agora a família realizava suas próprias celebrações; cada um em sua família, cada família em sua casa correspondente.

Complementando essa teoria, Regen (1996) enfatiza que, no século XVIII, quando a classe burguesa consegue sua hegemonia, o grupo familiar doméstico passa a manter a sociedade à distância e a organização arquitetônica da casa espelha essa preocupação: os cômodos deveriam propiciar discricção, intimidade e isolamento. Os criados permaneciam em espaços destinados a esse fim e a vida profissional era cada dia mais apartada do ambiente doméstico. Essa caracterização

³¹ Essa ideia será retomada por Ariès no terceiro volume da *História da vida privada*, publicado em 1998.

do ambiente doméstico foi hegemônica no período colonial brasileiro, onde o patriarcalismo ditava o conteúdo das relações familiares – posteriormente retornaremos a esse assunto.

Ariès (1981) vai além nas suas análises e defende que o sentimento da família é inseparável do sentimento da infância. Na verdade, *o interesse pela infância (...) não é senão uma forma, uma expressão particular desse sentimento mais geral, o sentimento da família* (ARIÈS, 1981:210). Lembramos que essa família é aquela composta pelos cônjuges e seus filhos, que possui, como uma de suas principais funções, o acolhimento de seus membros com especial atenção às crianças.

As outras funções do ambiente doméstico podem ser elencadas com mais qualidade quando entendemos que atrelada ao sentimento de infância e à privatização da família, temos a ascensão da burguesia, que fincou, no lar, um dos pilares para a sua hegemonia: a garantia de conservação da propriedade privada. Essa situação, na perspectiva de Engels (1987), foi a responsável pelo surgimento da família monogâmica moderna.

Morgan e Engels (1987) compartilham da mesma concepção materialista do modelo nuclear burguês e entendem que esta foi engendrada a partir da necessidade e possibilidade de transmissão hereditária dos bens a filhos certos e legítimos. Entretanto, a função econômica da família não se limitou à proteção da propriedade privada:

Com a ruptura entre local de produção e local de reprodução trazida pelo capitalismo, a função econômica da família reduz-se à produção de valores de uso ou prestação de serviços domésticos, através do trabalho doméstico, já que a produção de bens propriamente dita passa a ser feita no mercado, nas fábricas, nas empresas (BRUSCHINI, 2000:65)

Assim, os membros de uma mesma família estariam divididos na execução das seguintes atividades: geradoras de renda, domésticas e escolares. As primeiras, relacionadas ao trabalho produtivo realizado fora de casa, eram exercidas exclusivamente pelos homens; enquanto o trabalho doméstico era atribuição exclusivamente feminina e dividido em dois planos: no primeiro, encontram-se todas as tarefas necessárias para a reprodução das pessoas e, no segundo, incluem-se aquelas relacionadas à produção de novos trabalhadores ou à formação das novas gerações. Por fim, as atividades escolares eram destinadas às crianças. *Essa*

distribuição, obviamente, leva em conta características como o sexo, a idade, a posição na família e a escolaridade de cada indivíduo (BRUSCHINI, 2000:65).

Dentro desse contexto, cabe a indagação: e aos velhos, que atribuições eram dadas? Supomos, pelos estudos indicados no capítulo anterior, que os idosos do início da Idade Moderna não possuíam papéis específicos dentro de suas famílias e ocupavam posições flutuantes, que variavam de acordo com o contexto familiar vivenciado. O certo é que os velhos daquele tempo existiam em número reduzido e já se encontravam em posição desvalorizada, decorrente do sistema econômico que se estabelecia na época. Entretanto, como já sinalizamos anteriormente, os velhos sujeitos desta pesquisa estão longe de ocupar posições flutuantes e desimportantes nas suas famílias, ao contrário, são os chefes de suas famílias, responsáveis não só pelo provimento das despesas, mas também pelo cuidado com a casa e os outros membros da família³².

Retomando o aspecto econômico da família, temos que a divisão das atividades entre os membros de um mesmo grupo familiar, mais especificamente às tarefas relacionadas aos sexos (papéis sexuais), foi a propulsora das relações desiguais de gênero. Esse termo, tomado de empréstimo da gramática, foi utilizado, pela primeira vez, em meados da década de 1970, por feministas americanas com o objetivo de denunciar as diferenças socialmente construídas presentes nas relações sociais entre homens e mulheres, baseadas exclusivamente no determinismo biológico. Como explica Scott (1990:09),

o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.

Assim, a categoria gênero não é utilizada como sinônimo de “mulher” ou “homem”, mas serve para designar uma condição relacional entre estes dois sexos a partir da construção de suas identidades subjetivas, as quais definem as tarefas domésticas, extra-domésticas, maneiras de vestir e de se comportar, etc. As

³² Esse assunto será analisado de maneira detalhada no subtópico IV.3, intitulado “O lugar do idoso na família: reflexões sobre os papéis sociais dos idosos na contemporaneidade”.

relações de gênero revelam toda uma cultura de normas e valores a serem seguidos por homens e mulheres de acordo com o seu sexo; indicam que, baseados em fatos biológicos, concepções binárias são plasmadas e postas aos indivíduos como leis naturais intransponíveis. E resultante desse movimento temos, os indivíduos transformados em homens ou mulheres, pois, como alerta Saffioti (1992:187), o *sexo anatomicamente configurado sugere, em termos estatísticos, a transformação de certos indivíduos em mulheres e de outros em homens.*

A consequência direta das relações de gênero é a condição subjugada da mulher em detrimento do homem, colocando-a tradicionalmente como um ser frágil, submisso e incapaz; e em oposição a essas qualidades, temos a figura do homem. E é dentro da família³³ que isso se processa de maneira consistente:

O cotidiano das meninas, primeiro na família, depois na escola e nas relações sociais, é permeado por ofertas de modelos e comportamentos mais dóceis, mais delicados, com caminhos pouco definidos no mundo das decisões, mas muito fortes no que se refere a papéis secundários e submissos. Já dos meninos, são esperados a iniciativa, a agressividade para enfrentar os fatos corriqueiros, o constante acerto nas investidas sexuais, a escolha de caminhos característicos de pessoas fortes e vencedoras – os provedores. (OSTERNE, 2001:121)

A família patriarcal, presente no período colonial brasileiro, é a expressão máxima dessas relações desiguais de gênero. Como é de conhecimento nosso, as configurações familiares desse período – principalmente entre os séculos XVI e XVII – possuíam estreita relação com a economia, baseada na produção e na comercialização da cana-de-açúcar. Tal produção dava-se em grandes latifúndios através da exploração da força do trabalho escravo e sob o comando dos senhores de engenho, que também possuíam a função de chefiar sua família. Ou seja, como Freyre (1964) já havia sinalizado no título de seu livro publicado em 1933, o poder patriarcal incidia tanto sobre a *casa grande* quanto sobre a *senzala*. Essa dominação patriarcal era legitimada pela submissão pessoal às ordens do senhor de engenho e cada submissão provinha de uma representação específica, como explica Osterne (2001:138):

³³ Devemos lembrar que a família é um importante agente socializador de seus membros e, dentre suas outras funções, serve como *locus* de transmissão de hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento. É dentro desse espaço que o indivíduo, enquanto *homo sociologicus*, recebe os seus primeiros papéis sociais e onde, também, realiza as bases para adquirir outros papéis como, por exemplo, os profissionais.

Para a mulher, o domínio do senhor representava sua necessidade de ajuda objetiva. Para o filho pequeno mais velho, o costume, as influências perduráveis, a educação e as arraigadas recordações juvenis. Para o servo, sua falta de proteção fora da jurisdição do senhor a quem servia desde a infância.

Nesse contexto, onde o senhor de engenho acumulava poderes econômicos, domésticos e até políticos, os papéis sexuais eram bem definidos: ao homem (branco e possuidor de terras) cabia a palavra final nas decisões domésticas e a tarefa de proteger e prover os membros de sua família; à mulher competia a organização da casa grande e os cuidados domésticos com a família. De acordo com Freyre (1964), esses papéis sexuais eram apoiados e oficializados por costumes e tradições da época, que reforçavam a posição inferior das mulheres, deixando claras as diferenças existentes entre os gêneros.

As relações familiares e, conseqüentemente sociais, submetidas à influência desse modelo patriarcal de família³⁴ perduram até os dias de hoje na sociedade brasileira. Entretanto, assistimos, ao longo dos séculos, mudanças expressivas nas relações entre os gêneros, sobretudo quando essas se dão no ambiente doméstico; essas modificações são o resultado direto das transformações societárias e econômicas ocorridas na própria sociedade juntamente com os movimentos feministas registrados desde a década de 1970, que, em busca da emancipação feminina, vem conseguindo romper as barreiras excludentes das relações desiguais entre os gêneros.

Contemporaneamente, as relações de gênero ainda estão fortemente presente nos debates acadêmicos sobre famílias e no próprio cotidiano dessas e são incrementados pelas discussões das relações intergeracionais, as quais entraram em pauta após o crescimento das taxas de envelhecimento populacional.

Nas famílias aqui estudadas, as relações entre os gêneros foram observadas a partir dos papéis sociais assumidos pelos idosos sujeitos da pesquisa. E, na contramão do teoricamente esperado, os papéis sociais dos idosos não possuem, como principal inspiração, as relações desiguais entre os gêneros; a dinâmica

³⁴ Em acordo com os estudos de Samara (1983) e Correa (1982), aceitamos que este não foi o único modelo de família a existir e a influenciar as formações familiares brasileiras. Entretanto, reconhecemos aqui a importância desse modelo nas configurações dos papéis sexuais de gênero, tanto na família quanto na sociedade.

familiar e as condições temporais e físicas dos idosos é que são determinantes na elaboração e na execução de suas funções sociais, independentes do seu estado civil – como analisaremos detalhadamente no próximo subtópico. Dessa forma, foi possível encontrar homens idosos assumindo papéis domésticos e mulheres idosas trabalhando fora de casa.

Assim, entendemos que o entrecruzamento entre os papéis sexuais e os papéis etários possuem, como principal agente definidor, o somatório das características da unidade doméstica e do próprio indivíduo a quem serão atribuídos os papéis. Em outras palavras, são as necessidades e as possibilidades que definem o formato e o conteúdo dos papéis sociais (independente de serem por conta da idade ou do sexo), visto que o cotidiano da vida moderna exige dos indivíduos mobilidade, agilidade e flexibilidade em detrimento do cumprimento de tradições e costumes.

Entretanto, antes de iniciar o detalhamento desse assunto e relembrando as idéias de Debert (1999) a respeito da família – quando afirma que o fato dos velhos não residirem com suas famílias não implica necessariamente numa condição de abandono ou isolamento e nem sempre morar com filhos e netos pode ser preponderante para a existência de relações satisfatórias e felizes para os velhos – traçaremos nossas percepções a respeito da situação familiar dos idosos entrevistados, bem como a maneira como o seu ativismo, dentro e fora do ambiente doméstico, é percebido por suas famílias.

Sobre a situação familiar dos idosos, não verificamos nenhum indício de maus tratos ou violência doméstica sofrida por eles; fato que pode ser explicado, em grande medida, pelas posições ocupadas por essas pessoas dentro de suas casas e o que elas representam para suas famílias. Também não registramos nenhum problema grave de relacionamento entre os membros das famílias dos idosos, entretanto, em 3 famílias, encontramos certos desentendimentos entre os idosos sujeitos desta pesquisa e seus familiares. A idosa M.L. se referiu a pequenos desentendimentos que mantém com uma de suas sobrinhas, pois essa deixa de lhe obedecer algumas vezes e isso acaba gerando certas brigas. Mas nada tão grave que chegue a causar preocupações extremas para a idosa:

Dentro de casa é tudo bem, só tem uma sobrinha que é meio espoletada, gosta de me responder e às vezes não me obedece. Mas fora ela num tem nenhum outro problema não. (M.L., 65 anos)

As outras duas idosas, fizeram referência a problemas parecidos relacionados ao uso excessivo de álcool por parte de seus filhos, o que dificulta o relacionamento com eles:

Tenho nada ruim a dizer não. Só tem um filho que às vezes gosta de beber, mas ele nunca perdeu o emprego dele, porque ele trabalha na farmácia fazendo entrega em cima da moto dele...aí eu dou conselho, 'meu filho no dia que você for trabalhar num beba não, porque você tá arriscando a sua vida'...porque ele fica de ressaca, aí é perigoso pra andar de moto, é muito perigoso. (M.C., 70 anos)

Só tem o mais velho que bebe e ele, quando tá bebendo, sabe o que é que eu faço? Eu tranco meu portão e ele num entra não, dorme na rua...ele dorme na rua, eu num abro não. Num foi beber? Eu num sei de que jeito ele vem, se ele vem com bebida, com droga, alguma coisa. Eu num posso garantir nada, tenho que me proteger. (M.A., 76 anos)

Apesar desses pequenos desentendimentos cotidianos registrados nas famílias pesquisadas, de forma geral, os próprios idosos avaliaram positivamente o relacionamento com seus parentes, principalmente aqueles que não referiram nenhum tipo de queixa como as relatadas acima, como podemos atestar nos discursos abaixo:

Eles me tratam bem, nunca me responderam nada...se eu não gosto de uma coisa, eu vou lá e reclamo, aí eles ajeitam. A gente tem uma relação muito boa, num tem muito problema não. (R.R., 66 anos)

Hoje é muito bom, principalmente depois que eu deixei as bebedeiras, porque toda vida eu fui muito danado. Nosso relacionamento é muito bom, a maioria tem nível superior, estudaram, aí num tem muito problema não. (D.S., 61 anos)

É muito bom, até meu genro me respeita demais...num tem reclamação, xingamento, é tudo muito bom. (E.L., 70 anos)

Essas afirmações levam-nos a relativizar as causas da violência doméstica cometida contra as pessoas idosas, visto que, nem sempre, o idoso será alvo de violências cometidas por seus familiares, principalmente quando este ocupa papéis importantes dentro de seus lares, sendo, portanto, possível encontrar famílias onde os idosos são queridos e o relacionamento com eles se processa de maneira sadia.

Além disso, tais dados nos levam a outro assunto que diz respeito à percepção dos familiares sobre os papéis assumidos pelos idosos. A pergunta relacionada a esse assunto foi feita tanto para os idosos quanto para seus familiares; os idosos entrevistados foram unânimes em afirmar que seus parentes percebem de bom grado todas as funções exercidas por eles, tanto que, em alguns momentos, os idosos são incentivados e requisitados por seus familiares a desempenharem tais tarefas:

Eles se admiram, porque eu não paro quieto, né?! Às vezes meus irmãos dizem que eu sou igual ao meu pai, impossível, ninguém segura quieto, quando quer fazer uma coisa, faz mesmo. (D.S., 71 anos)

Acham legal... E meus sobrinhos acham que eu sou é boa pra eles, fazem e gostam quando eu fico em casa fazendo as coisas. (M.L., 65 anos)

Eu sei que eles aceitam bem, pedem pra eu ajeitar as coisas, né?! Porque elas gostam de ver tudo arrumadinho, aí eu ajudo...apesar da casinha ser pobre, elas num querem ver nada sujo, quebrado. (R.R., 66 anos)

Meus filhos mesmo me gabam por aí. . .o véi mermo me gaba porque eu dou conta de tudo, coleciono tudo, porque minhas coisa é tudo organizada. Eles tudim sabe disso, as minhas filhas não vem fazer nada pra mim porque não precisa; elas cuidam da casa delas. (M.A., 76 anos)

Ressaltamos que a maior parte dos idosos utilizou, nos seus discursos e em momentos distintos da entrevista, a expressão “não gosto de tá parado”, indicando a proatividade presente na personalidade deles e que serve como um dos fatores influenciadores na construção dos papéis sociais contemporâneos dos mesmos, pois estão sempre (ou quase sempre) dispostos a assumir afazeres domésticos, laborativos ou de lazer; característica a qual acreditamos estar presente nos entrevistados desde sua fase adulta, como pudemos perceber em alguns discursos:

Mas é porque eu não gosto de tá parada não, você pode chegar de noite na minha casa, aparece um servicinho eu tô ali na espreguiçadeira olhando pra televisão e fazendo alguma coisa. (M.C., 70 anos)

Eu me sinto bem, é bom que eu tô me movimentando...num gosto de ficar parada não. (M.L., 65 anos)

Eu me sinto bem porque eu sou o tipo da pessoa que não gosta de tá parado, eu me sinto bem assim me movimentando. (D.S., 61 anos)

Porque eu não tô me preocupando com nada, não tô nos cantos parada e isso eu não gosto de ficar, eu procuro o que fazer. (M.A., 76 anos)

Ainda sobre a percepção dos familiares sobre as atividades dos idosos, afirmamos que não encontramos sinais de resistência ou não aceitação em relação ao envolvimento dos idosos em atividades exteriores à residência. Colhemos depoimentos expressivos do incentivo dado pelas famílias à participação dos idosos nessas atividades, como verificamos nos depoimentos abaixo:

Eu percebo assim, que, graças à Deus, ela tem uma saúde muito boa apesar de um tempo pra cá ela ter descoberto que tem diabetes, colesterol alta, essas coisas...mas vem tratando, tomando medicamento, evitando certo alimentos e num atrapalha nas coisas dela. (Sr.C., 23 anos)

Ele ajuda muito e ajuda também a nossa filha aqui vizinha se ela precisa de alguma coisa em casa ele vai lá e ajuda ela. É bom, enquanto ele puder fazer, eu tô achando é bom. (Sra.E., 65 anos)

Eu acho massa, porque eu vejo que tem muitos idosos, hoje em dia, que tão em asilos e ela não, eu acho que ela foge à regra. Porque a família toda a respeita, não que vão obedecer ela, mas todo mundo sabe qual é o papel dela. . .ninguém vai tirar a opinião dela ou a decisão que ela vai tomar; e eu também não deixo, se os outros quiserem fazer que o que ela pediu não seja cumprido, eu vou intervir. . .não só eu, mas acredito que meu pai também. (Sr.Ca., 30 anos)

Entre os discursos dos familiares e dos idosos, chamou-nos atenção o fato de que a maior exigência em cumprir satisfatoriamente as funções que são atribuídas a eles advém deles mesmos. A respeito das prioridades na execução de seus inúmeros papéis, muitos idosos revelaram que, em primeiro lugar, estão as tarefas domésticas (referentes ao cuidado com a casa e os próprios familiares), em segundo, o trabalho e, por último, estão as atividades ligadas ao lazer e aos cuidados com a saúde física e mental:

Eu primeiro faço minhas atividades aqui, que é de regra e de lei. Agora, por exemplo, já tô desocupado. Já varri casa, já fiz o almoço, tava ali descascando uns cocos... (F.J., 78 anos)

Às vezes eu deixo de vir pro grupo pra ficar costurando, é melhor ganhar um dinheirinho, né?! Porque o grupo tem toda semana mesmo...e eu gosto de costurar, fico doidinha quando não tô costurando. (M.L., 65 anos)

Se tem um serviço ali pra eu ganhar um dinheirinho, aí eu num vou pros grupos né?! E se num tem nada, aí eu vou pra reunião, porque lá a

gente se sente bem, conhece mais amigo e é melhor que tá dentro de casa engurujado. (R.R., 66 anos)

Porque eu não me esqueço de fazer nada. Agora se eu tiver numa faxina na minha casa...eu num vou não, porque o mais interessante é a minha casa primeiro. Se tiver algum problema, aí eu num vou não; se tiver como avisar eu aviso...se num tiver, fica por isso mesmo. (M.A., 76 anos)

A escala de prioridade definida pelos idosos pode ser percebida, principalmente, quando eles afirmam que já deixaram de ir ao grupo para resolver algum problema ligado à família ou mesmo para trabalhar. Mas isso não é um acontecimento recorrente, pois todos eles afirmaram que tentam conciliar seus diversos papéis, arranjando tempo para exercer todos eles. Os idosos tentam otimizar seu tempo, executando cada tarefa que possuem sob sua responsabilidade, em um momento específico, com o objetivo de que cada atividade ocupe um determinado tempo:

Eu divido. Terminei o almoço...ele almoça, eu arrumo tudim, deixo tudo arrumado, aí vou tomar banho, me arrumo e vou sair; tranco minha porta, levo minha chave e ele fica com a dele. Aí vou pra lá [grupo], lá eu brinco, lá eu converso, lá eu me distraio, lá eu faço tudo, é outra coisa diferente... (M.A., 76 anos)

Aí eu arranjo tempo pra tudo...mas eu num deixo é de ir pro Grupo, porque eu faço as coisa de casa tudo de manhã, aí de tarde eu já tô desocupado e vou pro Grupo. (F.J., 78 anos)

Fazer um monte de coisa é meio cansativo, mas a gente já tá no costume, aí tudo dá certo. Arranja tempo pra ajeitar tudo, né?! (M.C., 70 anos)

Eu tiro um tempim pra tudo. De manhã, eu vendo alguma coisa, depois vou em casa e faço outra coisa, aí me arrumo e venho pra cá...é assim, eu sempre tento arrumar tempo pra fazer tudo. (D.S., 61 anos)

Entendemos que essa tentativa de organização do tempo se dá, entre outros fatores, porque os grupos de convivência possuem dia/hora específicos para acontecerem, daí que os idosos disciplinam seu cotidiano de maneira a não atrapalhar sua participação nesses grupos.

Diante do exposto, passaremos para a análise das posições e papéis sociais assumidos pelos idosos sujeitos desta pesquisa, focando principalmente na maneira

como aqueles foram construídos e os sentimentos que os idosos possuem a respeito de seus próprios papéis e posições.

IV. 3 O lugar da velhice: reflexões sobre os papéis sociais dos idosos na contemporaneidade

*Que nome novo tens? (...)
Que ocupação é agora a tua
que tens todo o tempo livre à tua frente?*
Ruy Belo

Neste tópico final do trabalho, iremos nos deter na análise detalhada dos papéis sociais assumidos pelos idosos interlocutores desta pesquisa, procurando focar no conteúdo e na construção deles, bem como nos sentimentos que os idosos apresentam a seu respeito. Para tanto, retornaremos aos conceitos teóricos já apresentados no segundo capítulo sobre o *homo sociologicus*, suas posições e seus papéis sociais.

Ralf Dahrendorf (1969) reconheceu que o *homo sociologicus* pode aprender e desempenhar múltiplos papéis sociais, sendo que nenhum papel exclui o outro. Assim, para entender a multiplicidade dos papéis exercidos pelos idosos, diferenciamos dois campos específicos onde eles encenam seus principais papéis: a casa, entendida aqui como o ambiente privado relacionado à unidade doméstica e à família; e o espaço da rua, que engloba o local do trabalho e do lazer.

Além disso, o foco principal será dado aos papéis sociais e não às posições. Partindo do princípio que para *cada posição social pertence um papel, um conjunto de expectativas válidas para o comportamento de seu portador* (DAHRENDORF, 1969:77) e que a posição ocupada nem sempre indica a complexidade total do conteúdo do papel social relacionado a ela, como veremos nas próximas linhas, alguns idosos assumem a posição social de avós e quando participantes do segmento social avós-netos, exercem funções semelhantes a de pais. Assim, é mais interessante compreender o conteúdo dos papéis sociais assumidos pelos idosos do que somente as posições ocupadas por eles.

Nesse contexto, quando nos referimos aos papéis sociais exercidos pelos idosos entrevistados dentro de suas famílias, temos uma unanimidade no que se refere às funções que eles executam dentro de suas residências; nas falas gravadas, foi comum encontrar a associação entre 'família' e 'unidade doméstica', para a maioria dos velhos, as únicas posições ocupadas dentro de suas famílias correspondem às funções que desempenham dentro de casa:

Dentro de casa é um retalho de alguma coisa, retoque em outra, ajeita uma coisa ali...esses conserto mais geral de casa. Agora cuidar da casa, fazer comida, lavar isso, aí é minha esposa e minhas filhas...nem botar meu cumê eu boto, tudo é elas. Mas o café de manhã eu faço, porque eu acordo cedo, umas quatro da manhã eu já tô acordado, aí eu faço o café pros outros beberem quando acordarem. (R.R., 66 anos)

Eu tô ali pra servir a todo instante, toda hora nos afazeres. Como eu sou aposentado e fico em casa, eu sempre ajudo minha mulher no que precisar...pra comprar alguma coisa, pra ir no banco, pra varrer a casa, ajeito os passarinho, levo o cachorro pra passear, lavo roupa, é em tudo. (D.S., 61 anos)

Sou eu que faço tudo, tudo dentro de casa e ainda arranjo tempo pra vir pra cá. Pra fazer compra, lavar roupa, fazer comida e, de vez em quando, ele me ajuda nessas coisa de casa, num tem essas besteiras não...quando precisa a gente divide as coisa pra fazer. (E.L. 70 anos)

É cuidar de tudo, sou o homem e sou a mulher...sou o dono de tudo aqui. A casa quem construiu fui eu, porque eu sou pedreiro e também trabalho com pintura, sabe? Aqui dentro eu varro, eu lavo roupa, prato...também engomo e ainda cuido da minha esposa, porque ela precisa que eu dê comida na boca, ajude a tomar banho; ela tem um problema no joelho e num se levanta mais, aí precisa que eu faça isso por ela. (F.J., 78 anos)

De fazer as coisas. Eu ainda faço tudo dentro de casa, ainda não tô dependendo de ninguém. Eu faço tudo, eu faço comida, eu lavo, eu passo, eu costuro pra ajeitar minhas roupas. Eu gosto das minhas coisas feitas por mim; meu almoço, minha comida eu que gosto de fazer, não gosto de marmita...eu mermo que faço todo dia. Da casa quem cuida é eu. (M.A., 76 anos)

Ah, lá em casa eu sou pra tudo...esses negócio de mercantil, mercearia, fazer compra, tudo é comigo, aí, de vez em quando, eu ajudo a minha irmã a cuidar da casa. Eu varro uma casa, eu passo pano na cozinha, lavo roupa, faço comida...faço tudo e a minha irmã ajuda. Ainda faço crochê, tapete e costuro. (M.L., 65 anos)

Eu faço tudo...eu costuro, cuido da casa, lavo roupa, quando tem um monte de roupa pra engomar, eu tiro uma tarde pra engomar...aí quando aparece costura, eu vou fazer e ganhar meu dinheirinho. (M.C., 70 anos)

Essa ligação estreita revelada entre ‘família’ e ‘unidade doméstica’ se processa, sobretudo, pelo fato de que, nas relações estabelecidas com os membros da família que não coabitam com eles, estes não possuem papéis delimitados; são apenas parentes que se visitam, entre si, esporadicamente.

Retornando aos discursos acima transcritos, os quais são trechos das respostas dadas à pergunta *qual a posição que ocupa dentro de sua família?*, destacamos que a palavra “tudo” apareceu em 6 respostas – entre as 7 entrevistas

realizadas; apenas um idoso (R.R., 66 anos) não proferiu tal resposta, visto não possuir o hábito de realizar serviços domésticos, que são executados por sua esposa e duas filhas. Tanto os idosos quanto as idosas responderam que dentro de suas residências realizavam “tudo”, estando disponíveis pra executar qualquer tipo de atividade demandada dentro do espaço doméstico. Essas respostas demonstram a posição fundamental e estruturante exercida pelos idosos dentro de suas residências, ao contrário do que lhe é socialmente esperado: uma vida de sedentarismo e inatividade. Ideia reforçada quando analisamos os tipos de atividades realizadas por esses idosos, as quais estão diretamente ligadas à manutenção diária do ambiente doméstico e ao cuidado com os outros membros da família; ou seja, são tarefas essenciais para a manutenção, a produção e a reprodução dessas famílias.

Ademais, nos discursos dos idosos, foi possível perceber também que, além daqueles trabalhos domésticos, eles desempenham atividades laborativas remuneradas que são exercidas tanto dentro do espaço doméstico quanto fora dele. Nesse contexto, temos duas mulheres costureiras, dois homens pedreiros e o casal de idosos que são vendedores. Como podemos atestar nas seguintes falas:

Ainda pego costura pra fazer...além da luta de casa, eu ainda costuro. Costuro, mas é mais conserto e faço rede também, daquelas redinhas finas que a gente bota na sacolinha e fica só aquele moim bem pequeninim. (M.C., 70 anos)

Sempre fico costurando na máquina, quando tem, né?! Às vezes vem uma pessoa e pede pra cortar uma calça, ajeitar uma coisa...aí também às vezes costuro pro pessoal de casa mesmo. (M.L., 65 anos)

Faço uns bico vendendo portão de ferro, porta de madeira...qualquer coisa que aparecer eu tô vendendo. Eu tenho uma casa que não é alugada, é como se fosse um comércio, porque dentro eu guardo tudo que é pra vender, aí lá dentro tem tudo; mas eu não passo o dia lá não, fico às vezes de manhã. (D.S., 61 anos)

Eu também vendo umas roupinhas e sempre trago pra cá pra vender pra essa velharada, ele compra e me dá pra vender. (E.L., 70 anos)

Faço uns bicos, de vez em quando, de pedreiro, mas tudo assim serviço leve, nada muito grande não. (R.R., 66 anos)

Às vezes, eu pego um bico de pedreiro ou pra pintar alguma coisa, mas num é sempre que tem não. (F.J., 78 anos)

De todos os entrevistados, apenas uma idosa, que também era costureira, não exerce mais nenhuma atividade remunerada por escolha própria: *antigamente eu costurava muito era pros outros, mas chega uma idade que não dá pra gente se responsabilizar pelos outros* (M.A., 76 anos).

A manutenção da participação ativa desses idosos no mercado de trabalho é a expressão da tendência recente de relativa estabilidade das atividades laborativas dos trabalhadores acima de 60 anos na força de trabalho brasileira. Assim, *do ponto de vista das tendências demográficas mais recentes, a estrutura etária da PEA³⁵ brasileira torna-se, a cada ano, mais envelhecida, o que significa que o peso relativo da população idosa tende a crescer continuamente e ainda por muitas décadas* (WAJNMAN, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2004: 455). Enfatizamos que a execução desse tipo de atividade atende a duas necessidades específicas dos idosos entrevistados: vontade de se manter ativo e complementação da renda familiar. Esta última acontece de maneira precária, visto que as atividades remuneradas são executadas esporadicamente e não geram tanto dinheiro a ponto de se tornarem essenciais para o sustento de tais famílias. Tal conclusão é atestada quando indagamos aos idosos sobre sua principal fonte de renda e todos, sem nenhuma exceção, responderam ser o BPC (6 pessoas) ou a Aposentadoria por invalidez (1 pessoa). Entretanto, a junção dessas duas fontes de renda coloca o idoso como um dos principais membros da família a contribuir para o pagamento das despesas da casa, como mostraram através de números os autores em questão:

Examinando-se, por fim, a participação relativa dos rendimentos dos idosos na composição de sua renda familiar, é fácil verificar que a renda deles está longe de poder ser considerada desprezível para suas famílias. Ao contrário, no grupo de 60-64 anos, onde se encontra a maior proporção de idosos ativos, o rendimento dos homens corresponde a nada menos que 67% de sua renda familiar no meio urbano e 69% no rural. (...). Quanto às mulheres idosas, sua participação na renda familiar é também bastante estável, situando-se em torno dos 55% no meio urbano, para todas as idades, ao passo que, em se tratando das mulheres rurais, sua participação na renda familiar aumenta à medida que elas envelhecem, provavelmente pelo aumento da probabilidade de perda do cônjuge. (WAJNMAN, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2004: 472-475)

³⁵ PEA – População Economicamente Ativa.

E é justamente esse papel de trabalhador remunerado e a posição de beneficiário/aposentado que possibilita aos idosos desta pesquisa assumirem a posição social de “chefes de família”. Em todas as famílias aqui pesquisadas a responsabilidade de pagar as despesas domésticas era atribuição dos idosos entrevistados, com a ressalva que eles também eram os responsáveis pelas decisões de como gastar esse dinheiro e de que, esporadicamente, recebem ajuda dos outros membros da família, como verificamos no primeiro tópico deste capítulo, que descreveu as famílias aqui estudadas. Dessa maneira, percebemos que a renda dos idosos termina atendendo, também, às necessidades de sua família, principalmente daqueles membros co-residentes com estes.

Além disso, ressaltamos que o idoso, ao assumir a posição de “chefe de família”, não está isolado do restante de sua família e estabelece, com esta, relações de troca e ajuda mútua; no caso das famílias aqui pesquisadas, identificamos dois tipos de ajuda: a primeira, diz respeito às trocas entre as pessoas de uma mesma unidade doméstica e a segunda, corresponde àquelas trocas entre pessoas de unidades domésticas diferentes. Com relação à primeira, temos que, nas quatro famílias onde foi possível encontrar pessoas adultas exercendo atividades remuneradas, os idosos foram unânimes em afirmar que estes contribuíam esporadicamente no pagamento de certas despesas da casa, sem, entretanto, constituir algo relevante para o sustento da família; tanto que nenhum dos idosos conseguiu entrar em detalhes sobre a maneira como essa ajuda financeira era recebida:

Eu sou aposentada pelo benefício do governo. Eu e meu marido. Mas os meninos lá de casa ajudam na despesa. (M.C., 70 anos)

Meus filhos me tratam muito bem, tem o mais velho que Ave Maria...o que ele pode fazer por mim ele faz, às vezes ainda me ajuda aqui em casa com algum dinheirinho. (M.A., 76 anos)

Eu sempre ajudo essa minha filha que mora em cima, em tudo que ela precisar, eu tô ajudando...às vezes ela até dá um dinheirinho pra gente comprar umas coisas. (E.L., 70 anos)

Tem o Daniel, meu filho, é o que ajuda mais...lá em casa tem essa troca, né?! Às vezes, lá em casa, ele chega com dinheiro pra ajudar a gente...é uma ajuda mais financeira mesmo. (M.L., 65 anos)

Já em relação ao segundo tipo de ajuda, percebemos que a ajuda entre os membros de uma mesma família que não residem na mesma unidade doméstica é mais enfraquecida e não possui regularidade em seu acontecimento. Quando o assunto é dar ajuda/auxílio aos familiares, os idosos afirmaram, de maneira vaga, que tentam ajudar no que for preciso e, em alguns discursos não ficam claros a frequência e o tipo da ajuda:

Lá fora. . .ajudo. Os que moram lá no interior quando a gente vai, a gente leva uma cesta básica, leva roupa usada . . .e quando a gente chega com as coisas, é muito bem recebido. E eu não gosto de trazer as coisas de lá, eu já gosto é de levar, porque muita gente vai pro interior e não quer levar nada, acha que lá tem tudo, e num tem não. (M.A., 76 anos)

Ajudo, às vezes, falta uma coisinha, a gente dá, apesar de que meus dois filhos que moram fora nem precisam de ajuda não, porque eles tudo já tem o emprego deles...mesmo assim, se precisa, a gente ajuda com um chinelo, uma roupa, dinheiro, comida. (R.R., 66 anos)

Desses filho que moram fora, quando eles precisam, eu ajudo, que nem eu tinha um dinheirinho no banco, fui lá e tirei pra ajudar eles. O que eu posso fazer eu faço. (M.C., 70 anos)

Algumas vezes, eu tento ajudar minha irmã quando ela precisa de alguma coisa. (F.J. 78 anos)

É...precisando; ajudo no que precisar, é o leite, é o dinheiro, a casa pra morar...no que precisar, eu ajudo. Até uma pessoa que aparece pedindo prato de comida lá em casa eu dou. Eu gosto sempre de ajudar as pessoas, mesmo que não seja da família...só se eu não tiver, é que eu num ajudo. (M.L., 65 anos)

De todos os entrevistados, apenas o casal de idosos referiu não ajudar seus parentes por dois motivos especiais: um de seus filhos mora no estado de Goiás, o que inviabiliza qualquer tipo de ajuda; e seus outros parentes possuem uma boa e estável condição financeira, o que os faz não solicitar sua ajuda de maneira direta. Quando a relação se inverte e a questão é receber ajuda/auxílio dos familiares, encontramos, nos discursos, dois tipos recorrentes: ajuda financeira e presentes. Tal relação foi descrita por 4 idosos – ver discursos abaixo – sendo que o restante dos entrevistados afirmou não receber nenhum tipo de ajuda:

Agora meu outro filho, que é do exército, ele mora muito longe, aí num dá pra ajudar muito, aí quem me ajuda é ele...sempre manda dinheiro, dá uns presentes pra casa, como a máquina de lavar, o liquidificador. (E.L., 70 anos)

Mas assim com dinheiro é mais fácil os meus filhos que não moram comigo me ajudarem que eu ajudar eles, porque eu ganho um salário e não dá muito pra mim... (M.C., 70 anos)

Tem um sobrinho que eu gosto muito, que trabalha e assim que recebe dinheiro, já dá uma parte pra ajudar em casa. Inclusive ele me deu até um sonzinho agora, tá até dentro da caixa ainda. (M.L.65 anos)

Mas eu mais recebo, aqui, acolá, minha irmã me dá umas coisinhas de comer ou me empresta dinheiro. (F.J., 78 anos)

Assim, podemos afirmar que os idosos não estão isolados dentro de suas famílias e, além de ocuparem posições importantes dentro dessa rede social, estão inseridos ativamente nas relações familiares. Sob essa ótica, concordamos com Camarano, Kanso, Mello e Pasinato (2004:138) quando afirmam que os *apoios intergeracionais, via arranjos familiares, tem sido crescentemente importantes como estratégias de sobrevivência, embora sob formas diferenciadas*; e essas estratégias se processam tanto a nível doméstico, como resultado da coresidência, quanto entre as pessoas que não residem no mesmo domicílio. No caso das famílias aqui pesquisadas, temos que a direção do fluxo de apoio intergeracional é mais expressiva vindo das gerações mais velhas (dos próprios idosos) para as mais novas; condição que pode ser um importante elemento de valorização dos idosos na sociedade. Como parte integrante desse fluxo de apoio, encontramos um dos principais e correntes papéis sociais exercidos pelos velhos na contemporaneidade, que diz respeito ao cuidado com os netos.

Os netos são figuras presentes em cinco das seis famílias aqui estudadas, sendo que todas as idosas pertencentes ao Grupo de Convivência Aloísio Ximenes já possuem bisnetos. Entretanto, não registramos, em nenhuma das famílias, o cuidado direto de avós com seus bisnetos; e, apenas na família da idosa M.C. (70 anos), pudemos encontrar a avó prestando assistência a seus netos como se fossem seus filhos. Cuidado que se estende a uma criança de dois anos, filha de sua sobrinha, que recentemente passou a residir em sua casa, demandando seus cuidados, como verificamos no seguinte discurso:

Então eu moro com três filhos que, na realidade, é neto, mas eu digo filho porque fui eu quem criei. Mas meus filhos mesmo vivem na casa deles...agora eles eu chamo de filhos e eles me chamam de mãe. Eu criei desde novinho, porque as mãe tinha, aí elas iam trabalhar e deixavam eles comigo...aí eles se acostumaram né?! O mais velho tem 23 anos, já é pai,

mas não mora com a mulher...e o outro tem 20 anos e o mais novo tem 14. Aí a que eu levei hoje no médico é a filha da minha sobrinha, eu coloquei ela na creche...e quando tem que levar no médico, tem que ser eu, porque a mãe dela trabalha. (M.C., 70 anos)

Analisando essa situação, percebemos que os idosos, quando em condições físicas e mentais saudáveis, possuem latente a posição de “cuidadores”, de maneira que essa se revela na medida em que surgem as necessidades intrafamiliares, as quais são consequências diretas das alterações nos valores da sociedade e do modo de vida moderno, como por exemplo: a inserção da mulher no mercado de trabalho, dificultando-lhes o cuidado integral com os filhos; dificuldades econômicas das gerações mais novas, como o desemprego dos pais; gravidez precoce e despreparo para cuidar dos filhos; e incapacidade dos pais de cuidarem de seus filhos por problemas emocionais ou neurológicos (LOPES, NERI e PARK, 2005).

Lopes, Neri e Park em artigo publicado no ano de 2005, sobre o “ser avós e ser pais”, analisam as mudanças no papel social daquelas pessoas que assumem a posição de avós dentro das famílias e concluem que, antes, o cuidado dos netos pelos seus avós acontecia de maneira esporádica e casual, sem imposição de normas e com o objetivo de satisfazer as vontades dos netos. Contemporaneamente, os avós ampliaram suas funções e passaram a ser os substitutos diretos dos pais. Desse modo,

os avós envolvem-se no cuidado dos netos de modo que passam a substituir os pais. Essa substituição ultrapassa os limites práticos e instrumentais, inserindo-se no imaginário das partes envolvidas, pois não é incomum presenciarmos netos chamando carinhosamente seus avós de mãe e pai, ou ainda afirmando que têm duas mães e dois pais quando o cuidado é dividido entre as partes. (LOPES, NERI e PARK, 2005: 03)

Concordamos que a posição social de avó/avô está passando por transformações relacionadas ao conteúdo de seus papéis. Mas, devemos ressaltar que essas mudanças são parte de um todo maior relacionado às modificações dos papéis sociais dos idosos contemporâneos, foco de nosso estudo. Ressaltamos também que a posição social de pai/mãe é bastante presente nas famílias pesquisadas, visto que, em quatro delas, não encontramos o “ninho vazio”; ao contrário, nessas famílias, a continuidade no cuidado e atenção aos filhos (já em fase adulta) se processa de maneira intensa e bastante notável.

Frente a todos esses papéis sociais assumidos pelos idosos dentro do ambiente doméstico, cabe o questionamento sobre os sentimentos que eles próprios possuem a respeito de todas as funções que realizam dentro de casa. Captar esses sentimentos é de fundamental importância para compreender como os idosos se posicionam frente à multiplicidade de papéis que exercem, visto que assumir determinados papéis domésticos não passa pela livre escolha dos idosos, são papéis atribuídos e impostos pelo ambiente familiar – como entenderemos adiante. Assim, indagamos aos sujeitos desta pesquisa: *como se sente ao realizar estas atividades domésticas?* Nas respostas, obtivemos discursos convergentes, nos quais todos os entrevistados afirmaram, com convicção, que se sentem bem e felizes ao executarem suas tarefas domésticas, apesar de se sentirem cansados com a rotina diária de serviços domésticos, visto que acumulam muitas funções. Como podemos constatar nas falas abaixo:

Eu me sinto bem, agora eu não tenho muita saúde, mas a doença que eu tenho é diabetes e colesterol, mas num é coisa de viver doendo. Eu me sinto bem, mas eu penso que se eu não tivesse essas coisas, mais bem eu vivia, né?! Porque eu fico no comprimido direto. (M.C., 70 anos)

Ah eu acho feliz. . .me acho feliz! Eu me acho, sabe por quê? Porque eu não tô me preocupando com nada, não tô nos cantos parada e isso eu não gosto de ficar, eu procuro o que fazer. E me sinto bem fazendo essas coisas. . .eu não gosto de ninguém fazendo o que é meu. As minhas filhas nem vem não, porque sabe que eu não gosto. (M.A., 76 anos)

Eu me sinto bem, porque eu sou o tipo da pessoa que não gosta de tá parado, eu me sinto bem assim me movimentando, conversando com um e com outro. (D.S., 61 anos)

Eu me sinto feliz, às vezes, eu tô cansada e reclamo um pouquinho, mas eu sei que é coisa da vida e tem que ser assim mesmo...mas eu me sinto muito bem. (E.L., 70 anos)

Eu me sinto bem, sabe que horas eu acordo? Cinco horas da manhã. E enquanto eu tô acordado, eu tô trabalhando e num paro, termino uma coisa e já começo outra; é todo tempo do lado pro outro. Às vezes quando eu tô cansado, aí eu boto minha radiola pra tocar. (F.J., 78 anos)

Eu acho bom tá fazendo isso, o que eu não gosto é de tá parado...quebrou uma coisinha, eu vou lá e ajeito. E eu me sinto muito bem fazendo isso, bem útil...agora eu me sinto mal quando eu tô parado, deitado, aí eu fico ruim, num gosto não. Mas eu fazendo alguma coisa ou dançando que nem lá no grupo, eu fico novinho. (R.R., 66 anos)

Além disso, não houve referência a possíveis dificuldades físicas ou mentais para exercerem tais tarefas, sendo que as únicas doenças referidas dizem respeito ao diabetes e ao colesterol altos (1 idosa), e pressão alta (presente em apenas 3 idosos) o que demonstra o alto grau de independência dessas pessoas e de suas capacidades funcionais em executarem as atividades da vida diária (AVD's³⁶) e as instrumentais (AIVD's). Aliás, são justamente essas boas condições de saúde dos idosos aqui estudados, que lhes permitem assumir tantos papéis sociais. Sobre esse assunto, indagamos aos idosos sobre as possíveis dificuldades que encontram em realizar suas tarefas diárias e obtivemos as seguintes respostas:

Não, num sinto dor nenhuma. Pra você ver, minha irmã tem 49 anos, mas ela se torna mais velha do que eu...porque ela não anda direito. Agora eu ando pra todo canto, às vezes, passo o dia na praia e num sinto uma dor na unha. (M.L., 65 anos)

Não, eu num sinto nada. Eu já tô acostumada já com tanta coisa pra fazer e nem estranho mais. (M.C., 70 anos)

Não achei nenhuma pra dizer, não tenho dificuldade de nada. E eu gosto muito de física, eu faço hidroginástica, faço nos Bombeiros, faço caminhada, o que eu puder eu faço...nas minhas horas, eu sempre procuro uma vagazinha pra fazer. (M.A., 76 anos)

Não, num sinto nenhuma dificuldade não. Quando eu quero uma coisa enquanto eu num realizo aquilo, eu não paro, eu não sossego. (D.S., 61 anos)

Não tem nenhuma não. Só às vezes que falta dinheiro, mas aí a gente tira de letra. (F.J., 78 anos)

Não, tenho nenhuma não...tudo pra mim é fácil e eu me sinto bem fazendo isso. Você num vê eu dançando, suor pinga e eu num sinto é nada, acho é bom. Só tenho problema de pressão alta, mas tá sob controle. (R.R., 66 anos)

O bom estado físico e mental encontrados nos idosos aqui pesquisados é resultado do processo de melhoria das condições de vida do idoso brasileiro, que teve não só seus anos de vida aumentados, mas também, tornou-se o centro de

³⁶ As AVD's englobam as atividades rotineiras que uma pessoa precisa realizar para cuidar de si, como se alimentar, vestir, despir, banhar, cuidar da higiene pessoal, andar, etc. Já as AIVD's são as habilidades para administrar o ambiente em que se vive e inclui as seguintes ações: preparar refeições, fazer tarefas domésticas, lavar roupas, manusear dinheiro, usar o telefone, tomar medicações, fazer compras e utilizar os meios de transporte (COSTA, NAKATANI e BACHION, 2006).

discussões científicas e ações governamentais, como foi percebido³⁷ pelos próprios idosos ao estabelecerem as distinções entre a velhice contemporânea e a de outros tempos.

Os papéis sociais dos idosos na contemporaneidade não são limitados ao espaço privado da casa, como já sinalizamos, os velhos sujeitos desta pesquisa exercem atividades no espaço da rua. Entre essas atividades, está o trabalho remunerado (mesmo que realizado esporadicamente), analisado anteriormente, e outras que dizem respeito: a sua participação em grupos de convivência (7 idosos) e em grupos de atividades físicas ligado ao Corpo de Bombeiros (5 idosos); as ocupações referentes à religião como, por exemplo, frequentar a Igreja (2 idosas); e outras atividades físicas, como a caminhada (1 idosa) e a hidroginástica (1 idosa):

Ixe...fora de casa é lá como eu te disse, eu gosto de cantar, recitar na Igreja. Aí vou lá pro grupo, lá eu brinco, lá eu converso, lá eu me distraio, lá eu faço tudo, é outra coisa diferente...Se eu for pra hidroginástica eu tenho outras amigas, aí lá já é outro grupo. Eu vou pros Bombeiros, aí já é outra diferença...é os grupos tudo tem diferença, tudo é gente diferente. (M.A., 76 anos)

Eu venho pro Grupo dia de terça e quinta, mas às vezes eu nem venho duas vezes na semana, porque tem dia que é mei ruim vir, que nem hoje que a menina não tava na creche...mas eu vim sempre. Na Igreja eu só participo mesmo da novena dia de quarta-feira e, no domingo, eu não perco a missa da cinco horas. (M.C., 70 anos)

Tem o grupo daqui e, dia de sábado, tem uma reunião de idosos na Associação lá perto de casa. (M.L. 65 anos)

Tem o projeto dos Bombeiros, o grupo daqui e outro grupo mais perto de casa também. (D.S., 61 anos)

Eu participo daqui e dos Bombeiros. No dia que eu não vou pros Bombeiros, eu vou fazer caminhada...eu num paro não. (E.L., 70 anos)

Só participo mesmo dos Bombeiros e do Grupo dos idosos lá que você conhece. (F.J., 78 anos)

Tem os Bombeiros dia de terça-feira; quarta tem o grupo no Cápua de idosos; quinta eu vou pra Jurema, que é outro grupo que nem o de lá; aí uma sexta eu vou pra outro grupo no Parque Soledad e outra sexta lá pro Grupo que você conhece. (R.R., 66 anos)

³⁷ A análise desta percepção e os discursos dos idosos constam no tópico III.2 deste trabalho.

O que nos chama atenção nesses discursos é o fato dos idosos participarem de mais de um grupo de convivência. No total, são 5 idosos que participam de mais de um grupo; destes, 4 idosos (2 homens e 2 mulheres) frequentam apenas dois grupos e 1 idoso (R.R., 66 anos) frequenta quatro grupos, fato este que pode ser explicado pela disponibilidade de tempo que esse idoso possui, já que não se ocupa de serviços domésticos e, somente em ocasiões esporádicas, trabalha como pedreiro.

Consideramos que esses papéis sociais fazem parte do conjunto das funções escolhidas deliberadamente pelos próprios idosos, que as buscam, por livre e espontânea vontade, a fim de possuírem momentos dedicados a si próprios, seja cuidando de sua saúde ou de seu espírito. Por isso, são funções que não possuem o mesmo nível de expectativa daquelas desempenhadas dentro do espaço doméstico, visto estarem relacionadas ao bem-estar particular dos idosos e não de sua família como um todo; são papéis que, deixando de ser executados, não trazem sanções punitivas aos idosos, em compensação, geram alterações na vida social deles que veem reduzidos seus momentos de lazer e interação com amigos e outras pessoas de sua idade. E por não acarretarem nenhuma sanção punitiva aos idosos, essas atividades são postas em último plano pelos idosos, que, na tentativa de conciliar todos os seus papéis, estabelecem a seguinte ordem de prioridades: primeiro, as funções dentro de casa, segundo, o trabalho laborativo e, por último, as atividades de lazer que nos referimos acima – como vimos no tópico anterior.

Por fim, vamos nos deter na maneira como os papéis sociais foram construídos e assumidos pelos idosos desta pesquisa. Esclarecemos que essa construção diz respeito às funções domésticas e ao trabalho laborativo, visto que as atividades referidas no parágrafo anterior são o resultado da escolha deliberada dessas pessoas após sua chegada na velhice. Desse modo, indagamos aos velhos sobre a frequência e a partir de quando começaram a realizar as atividades dentro de suas residências; ao que a maioria afirmou que sempre esteve envolvida na execução dessas atividades, não sabendo explicar o momento exato no qual começaram a assumir determinados papéis, como podemos observar nas falas abaixo:

Sempre eu cuidei de tudo, desde quando meus filhos eram pequeno. . . levava pra médico, tudo! Eu era agente de saúde, eu era líder, eu fui orientadora da LBA, eu fui muita coisa, mas eu dando conta das minhas coisa aqui. Meu marido trabalhando e saindo cinco horas da manhã,

aí eu ficava em casa cuidando do resto, levava pra médico, pra colégio. (M.A., 76 anos)

Sempre eu que fiz tudo, porque minhas meninas, quando eram moças, elas trabalhavam...aí toda vida fui eu. Agora tem uma neta minha que, às vezes, vem fazer minha faxina dia de sábado. (M.C., 70 anos)

Sempre fui eu que fiz tudo, porque minha filha sempre trabalhou, né?! Aí sobrava eu pra fazer as coisas dentro de casa. (E.L., 70 anos)

Sempre fiz essas coisas, mesmo quando eu trabalhava todo dia...aí chegava o domingo que eu não trabalhava, aí eu ia ajeitar a casa, vê se tinha alguma coisa pra consertar, porque se você não cuida da casa, ela vai abaixo, né?! (R.R., 66 anos)

Tal descoberta nos fez refletir que a construção dos papéis sociais dos idosos não se dá em uma única circunstância, quando da chegada deles na velhice, ao contrário, a construção dos papéis dos idosos é o resultado de um longo processo que acompanha a vida do próprio ser envelhecendo e possui, como fator determinante, as funções que foram assumidas durante a fase adulta. Assim, temos que, para a maioria dos sujeitos desta pesquisa, a saída da vida adulta e a chegada à velhice não representou descontinuidade ou perda das suas posições sociais – como geralmente é esperado pela literatura gerontológica para caracterizar o início da velhice.

Apesar disso, esclarecemos que pequenas mudanças foram percebidas, entre os sete idosos entrevistados, em três, registramos uma pequena alteração em seus papéis sociais cotidianos: a idosa M.A. (76 anos), que optou por deixar de lado seu trabalho como costureira, afirmando que não queria mais se preocupar com as ‘coisas’ dos outros; o idoso F.J. (78 anos), que passou a exercer as tarefas domésticas e a função de cuidador de idosos (esposa) após sua esposa ter sido acometida por uma doença no joelho; e a idosa M.L. (65 anos), que começou a se envolver com as decisões e atividades domésticas após sua mãe ter ficado impossibilitada fisicamente de continuar executando tais funções. Nesse sentido, temos as seguintes falas:

Eu faço tudo, eu faço comida, eu lavo, eu passo, eu costuro pra ajeitar minhas roupas. . .antigamente era pros outros, mas chega uma idade que não dá pra gente se responsabilizar pelos outros. (M.A., 76 anos)

Mas assim, antes quem fazia as coisas era minha esposa. Ela era muito trabalhadora, mas aí ficou velha e eu tive que ficar no lugar dela pra fazer as coisas. Mas eu num achei ruim não ter que fazer as coisas, porque, desde pequeno, minha mãe ensinou a nós tudo fazer as coisas dentro de casa, tanto as mulher quanto os homem; ela ensinou nós a lavar roupa, a fazer café, fazer o almoço, lavar a casa...fazer tudo. Aí eu aprendi e ainda hoje tô fazendo essas coisas. (F.J., 78 anos)

De primeiro, quem fazia essas coisas aqui em casa era minha mãe, mas agora como ela é doente, a gente num deixa mais ela fazer nada, porque num tem condições. (M.L., 65 anos)

Analisando, de maneira detalhada, os papéis ocupados pelos idosos dentro de suas famílias, podemos inferir que parte destas posições é resultante do processo de interação entre “necessidade” e “disponibilidade”. Em termos claros, queremos dizer que o espaço para o desempenho de determinadas funções domésticas surge a partir de uma necessidade familiar real, decorrente da própria dinâmica doméstica, e para a ocupação imediata desse espaço, tem-se a figura do idoso, geralmente o único membro da família com tempo e capacidade disponíveis para se dedicar em tal empreitada, como pudemos constatar nas famílias aqui estudadas. É exatamente esse o movimento descrito por Dahrendorf (1969) para o nascimento do *homo sociologicus*, o qual só se dá a partir da combinação perfeita entre o conteúdo dos papéis sociais e a possibilidade do indivíduo em assumir os encargos contidos nesses papéis; quando isso não acontece, os papéis passam a ser meras abstrações vazias de sentido e o indivíduo não se constitui enquanto ser participante da sociedade. Exemplo disso pode ser dado pela idosa M.C. (70 anos), que passou a assumir os cuidados da filha de sua sobrinha, porque esta precisava trabalhar fora de casa e não possuía ninguém para assumir tal responsabilidade. Outro exemplo dessa situação, pode ser encontrada junto ao idoso F.J. (78 anos), que após a doença de sua esposa, viu-se obrigado a cuidar dela e das atividades domésticas, principalmente porque o casal reside sozinho e seu único filho não mantém contato com eles – e mesmo que esse contato existisse, desconfiamos que esse filho não assumisse tais responsabilidades, por não possuir tempo disponível, já que se encontra inserido no mercado de trabalho.

Esses exemplos nos levam adiante em nossos pensamentos e nos fazem entender que nem sempre a construção dos papéis sociais dos idosos contemporâneos passa pela escolha deliberada deles, principalmente quando esses se referem ao ambiente doméstico; o idoso, pelo menos nos exemplos em questão,

parece para nós, não ser um agente ativo na construção de seus papéis, que são formatados muito mais por obrigações externas do que pela sua própria vontade. Entretanto, devemos reconhecer a heterogeneidade contida nos papéis sociais dos idosos e entender que, concernente aos papéis exercidos fora do ambiente doméstico, os idosos, às vezes, assumem as rédeas de suas vidas, escolhendo e modelando seus papéis a serem encenados, exercendo a possibilidade de estabelecerem suas funções. Ressaltamos que, independente do local onde os papéis são executados e de como eles foram construídos, sempre existirá sobre eles expectativas sociais para o cumprimento de suas funções esperadas, ou seja, a constante tensão entre aquilo que é esperado e o que realmente é executado. É justamente a fim de atender às expectativas sociais de seus papéis, que os idosos sujeitos desta pesquisa lançam mão de estratégias para a conciliação de todas suas funções, com o objetivo de otimizar seu tempo e não deixar nenhuma atividade por fazer, como já analisamos anteriormente.

Disso, concluímos que os papéis sociais dos velhos não possuem como seus determinantes principais a idade cronológica, como previu Shakespeare em *As you like it*, ou as questões relacionadas ao gênero, como poderiam supor os estudiosos do assunto; além disso, esse processo de construção dos papéis dos idosos não está balizada somente nas representações sociais a respeito da velhice, sejam elas antigas ou novas. De maneira específica, compreendemos que, para esse processo, valem muito mais as particularidades do contexto familiar do que a percepção da família sobre a velhice e o envelhecimento, visto que – como dissemos anteriormente – muitos dos papéis dos idosos estão presentes em suas vidas desde que os mesmos eram adultos. Ou seja, o fator preponderante para a construção dos papéis sociais é a conformação entre o ambiente societal e a capacidade funcional/temporal dos idosos, sendo que as condições físicas dessas pessoas são de fundamental importância na definição final de seus papéis. Como pudemos analisar no contexto de duas famílias, aqui estudadas, encontramos exemplos de duas idosas que abandonaram suas funções, principalmente as domésticas, por terem adquirido patologias que lhes impediram de continuar no exercício normal de suas atividades. O primeiro exemplo pode ser encontrado na família da idosa M.L. (65 anos), onde a mãe dela deixou de lado seus papéis domésticos por problemas de saúde; e o segundo, encontramos na família do idoso F.J. (78 anos), onde sua

esposa abandonou o trabalho e as atividades domésticas em virtude de um problema no joelho.

Desse modo, vislumbramos que as posições sociais dos idosos não são fixas e assumem diferentes nuances ao longo do processo histórico, requisitando-lhes novos comportamentos e atitudes a partir da atribuição de novos papéis sociais, seja no ambiente privado de suas casas, seja nos espaços públicos que frequentam.

IV – Considerações Finais

*Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam
[...]
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.
Carlos Drummond de Andrade*

Podemos afirmar que, hoje em dia, a linha imaginária que separava os papéis sociais dos adultos e dos velhos perdeu nitidez. Não há mais mecanismos suficientes para delimitar o espaço que é ocupado estritamente pelas pessoas adultas ou por aquelas categorizadas como idosas; os idosos aqui estudados trouxeram exemplos significativos de que a transição da vida adulta para a velhice nem sempre é acompanhada pela perda de certos papéis sociais atribuídos aos adultos, como o cuidado com os filhos, a casa e o trabalho remunerado.

Em consequência, temos a cadeira de balanço³⁸ vazia e os idosos cheios de funções. O esvaziamento desse lugar deve-se à circulação funcional e necessária dos idosos por dentro de suas residências e pelas ruas circunvizinhas, como pudemos aferir nos discursos registrados por nossos gravadores ao longo desta pesquisa, que nos revelaram as inúmeras atividades executadas pelos idosos, as quais deixam seus cotidianos atribulados e geram a exigência de organização de seu tempo. Ora, quem podia desconfiar que aqueles velhinhos outrora a balouçar em suas cadeiras tivessem capacidade para assumir alguma tarefa doméstica, cuidar de seus netos/bisnetos e ainda ter ânimo para praticar esportes?

O que seria impensável, até mesmo para a maioria das pessoas idosas – que introjetando o imaginário social corrente a seu respeito, passaram acreditar na sua completa insignificância e incapacidades física e mental –, na contemporaneidade, tornou-se característica marcante do dia a dia de idosos. E para essa mudança comportamental, devemos reconhecer a valorosa contribuição dada pelos Grupos de

³⁸ A cadeira de balanço é utilizada aqui como um elemento simbólico para se referir ao espaço tradicionalmente ocupado pelos idosos, que denota sua inatividade e seu recolhimento às dependências de suas casas.

Convivência, que, ao criarem novos espaços de sociabilidade para os idosos, proporcionaram-lhes, também, manter seus corpos em movimento e, ao realizar tal movimento, os idosos emitiram um sinal de alerta para a sociedade: ainda estamos vivos! E acreditando em sua vivacidade, os idosos continuaram a encenar seus papéis dentro de suas famílias e, em marcha, deslocaram-se para o mundo da rua em busca de novos horizontes.

Mulheres e homens velhos saíram de seus antigos lugares e tempos próprios para se ocuparem em novos papéis, até então reservados aos adultos. Dessa maneira, a mulher idosa ampliou suas antigas funções relacionadas ao ambiente doméstico – cuidadora da casa e dos membros da família – destinadas a elas por sua condição de gênero, para o trabalho fora de casa e o cuidado consigo mesma. Entre papéis atribuídos e escolhidos, tornou-se mais livre para preencher seu cotidiano, para fazer suas próprias escolhas e modelar suas funções; é certo que, como as outras pessoas de seu gênero e de idades diferentes da sua, não conseguiu se desvincular totalmente dos papéis sociais que lhe foram historicamente atribuídos. Entretanto, é aqui que reside a novidade das idosas contemporâneas: elas possuem diversas funções e as principais são exercidas dentro de suas casas; elas não são mais velhinhas desocupadas, a contar historinhas para seus netos como aquelas de épocas passadas, as idosas de nosso presente estão em constante movimento dentro e fora de suas casas. Elas conquistaram espaço não só dentro de sua residência, constituindo-se em peças basilares para a dinâmica da reprodução familiar, mas também fora desta, sendo protagonistas em atividades religiosas e dentro dos grupos de convivência.

Sabemos do risco em receber críticas do movimento pela emancipação das mulheres, ao tecer as linhas acima, visto que tal movimento pode não considerar a ocupação do espaço privado como uma conquista para este segmento de gênero, mas, como pesquisadores em gerontologia, temos a obrigação de reconhecer a importância do preenchimento desses (e de outros) locais por pessoas com mais de 60 anos.

Os homens idosos, apesar de suas trajetórias de vidas dissonantes das mulheres idosas, caminharam junto com elas na marcha para a rua e também provocaram mudanças em seus padrões comportamentais, principalmente aqueles atribuídos por seu gênero e sua idade. Quebrando as expectativas sociais

direcionadas a eles, os idosos permaneceram em suas ocupações remuneradas fora de casa e, além disso, puderam experimentar duas novas posições relacionadas aos trabalhos domésticos e às atividades em grupos de convivência. A novidade nos papéis sociais dos velhos homens está na ocupação destes dois últimos espaços, que até então eram de propriedade exclusiva do sexo feminino; por razões históricas já expostas aqui, sabemos que a casa era o local reservado às mulheres para exercerem suas funções domésticas e familiares, entretanto os homens – incluindo os velhos – aos poucos, mostraram que são capazes de preencher tais espaços, desde que a dona do espaço autorize. Nas famílias aqui estudadas, constatamos que os homens exercem, sem problemas e pudor, tarefas domésticas e inclusive tornam-se cuidadores da família quando necessário, quando há espaço para isso, episódio que acontece sempre que as próprias mulheres aceitam essa participação dos homens e lhes concedem “carta branca” dentro de casa. Aqui temos uma dupla criação de papéis relacionada à idade e ao gênero: homens velhos dentro de seus lares, sendo cuidadores destes. Já os grupos de convivência, juntamente com as universidades abertas para o público idoso, desde sua criação, serviram de palco para a encenação majoritária das mulheres; estas, com o passar dos anos, não deixaram de ser majoritárias naqueles grupos e universidades, mas tiveram que aprender a dividir tais locais com os homens.

E assim, ambos os gêneros, unidos pela mesma idade cronológica, inventaram-reinventaram uma nova tradição na maneira de viver a velhice na contemporaneidade e, enquanto redigimos este texto, prosseguem na dinâmica desse movimento.

Nas entrelinhas de todo este trabalho, temos a possibilidade de encontrar uma espécie de velhice quase nunca debatida nos meios acadêmicos: aquela livre de patologias que causam dependência física e serve de motivo para vergonha pessoal. Para os sujeitos desta pesquisa, estar na velhice não significa limitação física/psicológica/social ou mesmo degradação moral que precise ser abafada ou disfarçada; ao contrário, os idosos aqui demonstraram entender que o envelhecimento é um processo natural na vida dos seres humanos, não precisando ser silenciado pela tinta no cabelo ou pelo uso de roupas juvenis. Suas velhices podem sim ter acarretado limitações, mas o importante foram as possibilidades que elas trouxeram. A possibilidade de experimentar novas sensações, novos gostos e

novos sabores nas atividades dos grupos de convivência e nas outras atividades dentro e fora de casa; de cuidar dos cônjuges, filhos, netos e bisnetos, assistindo e protagonizando a produção e a reprodução de suas famílias; de experimentar a sensação de liberdade tão almejada na juventude; enfim, de continuar a viver e, com isso, delatar aos olhos desconfiados da sociedade que a velhice é apenas mais uma fase de continuação – e não estagnação – da vida. E também que o passar dos anos já não afeta tanto os idosos como antigamente, visto que as evoluções técnico-científicas e sociais (políticas públicas) começaram a permitir uma chegada saudável à velhice ampliando as maneiras de experienciá-las, como nos casos aqui estudados. Em consequência, a bengala, símbolo comumente associado à fragilidade física das pessoas velhas, está agora desacompanhada.

Assim, o envelhecimento e a velhice não necessitam mais ser privatizados ao âmbito doméstico e tampouco circunscritos aos guetos modernos dos idosos. Ela circula pelas casas, pelas ruas e, segundo os discursos coletados, é respeitada em ambos os espaços com suas limitações, potencialidades e contradições.

Esses novos padrões comportamentais dos idosos tem, ainda, ocasionado modificações pontuais na própria ideologia reproduzida a respeito dessa fase da vida. Foi possível identificar, nas falas dos nossos sujeitos (idosos e familiares), percepções mais animadoras sobre a velhice, talvez por se basearem nos fatos reais, tais falas trouxeram o retrato de uma velhice situada no meio termo daquela apregoada pela “terceira idade” e por aquela da velhice decrépita e sem função. Uma nova concepção de que a velhice acarreta alterações físicas e biológicas, mas que estas não são capazes de gerar o comodismo do idoso ou de levá-lo a uma vida libertária, plenamente dedicada aos prazeres da vida, apenas conduzem os idosos na superação de novos desafios consigo mesmo e com o mundo em sua volta, fazendo com que prossigam em seus antigos papéis sociais e tenham a opção de escolher novos.

Desvelados os papéis sociais de alguns velhos contemporâneos, percebemos o quanto a velhice não cabe nos grilhões homogeneizadores dos conceitos gerontológicos e, como assinala Debert (2003:51), *a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda fator explicativo dos comportamentos humanos*. Portanto, o jogo da cronologização da vida, no qual papéis e posições são atribuídos aos indivíduos em consonância

com sua idade, não pode mais funcionar dentro de sua lógica harmônica, como na época de Shakespeare³⁹, onde era possível prever as funções sociais de alguém, tomando, como referência, apenas, sua idade cronológica. E, se tomarmos como exemplo os idosos aqui entrevistados, veremos que nem mesmo a binarização entre os gêneros serve de elemento indispensável para a descoberta dos papéis sociais, já que tais pessoas comprovaram ser plenamente possível a mistura deles onde homens encenam papéis destinados às mulheres e vice-versa.

Desse modo, concluímos que os papéis sociais estão balizados pelas características que compõem a rede social na qual determinado indivíduo está inserido; e que tais papéis, sejam quais forem eles, são passíveis de flexibilização em sua encenação cotidiana, onde podem ser transgredidos, inventados e conjugados entre novos e velhos papéis. Assim, as identidades do *homo sociologicus* – incluindo os que já são idosos – não são fixas e se movem entre as possibilidades e as necessidades do dia a dia.

³⁹ Nos referimos aqui ao poema *As you lake it* escrito pelo referido autor e analisado por nós no Capítulo 2.

VI. Bibliografia

AGUIAR, Joana Ercilia. **A experiência da co-residência para idosas em família intergeracional**. Dissertação de Mestrado. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2007.

ALVES, Andréa Moraes. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. **Caderno CRH**, Salvador, v.17, n.42, p.357-364, dez. 2004.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

ÂNGELO, Margareth. O contexto familiar. In: DÉLB, Maria José e DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. **Atendimento Domiciliar: Um Enfoque Gerontológico**. São Paulo: Atheneu, 1997.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, nº52, p. 109-132, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 4ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva & MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes & SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Orgs.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A QUEIROZ EDITOR, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.

BRASIL. **Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS**. Brasília: Ministério da Assistência Social, 1993.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005.

BOARETTO, Roberta Cristina & GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Políticas públicas e velhice: reflexões sobre velos que vivem nas ruas. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes & SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Orgs.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas: Alínea, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

_____. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

_____; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão & PASINATO, Maria Tereza. Famílias: Espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.) **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60.** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CORREA, Mariza. Repensando a Família Patriarcal Brasileira. In: ALMEIDA, Maria Suely. **Colcha de Retalhos: Estudos Sobre a Família no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Efraim Carlos; NAKATANI, Adélia Yaeko Kyosen & BACHION, Maria Márcia. Capacidade de idosos da comunidade para desenvolver Atividades de Vida Diária e Atividades Instrumentais de Vida Diária. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.19, nº1, 2006.

DAHRENDORF, Ralf. **Homo Sociologicus.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Fapesp, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 2ªed. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** 11ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

FRAIMAN, Ana. **Coisas da Idade.** São Paulo: Gente, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GOLDMAN, Sara Nigri. Velhice e direitos sociais. In: PAZ, Serafim Fortes *et al.* (Orgs.). **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBISS/ANG, 2000.

GOMES, Leonor Maria da Silva. A mídia no processo de construção do imaginário social do idoso. In: PAZ, Serafim Fortes *et al* (Orgs.). **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBISS, 2000.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2000.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. Síntese de Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2007.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1984.

MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARX, Karl. **A miséria da Filosofia**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MONTEIRO, Evaldo Cavalcante. **Se o idoso não é prioridade também não é esquecido**: a complexidade de envelhecer no Ceará. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica - PUC, 2002.

NAPIV, Núcleo de Atendimento à Pessoa Idosa Vitimizada. **Relatório Quantitativo de Denúncias**. Fortaleza: Secretaria Municipal de Assistência Social, 2007.

NETTO, Matheus Pappaleo. O Estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V. *et al*. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, Pobreza e Gênero**: o lugar da dominação masculina. Fortaleza: EDUECE, 2001.

PAZ, Serafim Fortes. Espelho...espelho meu! Ou das imagens que povoam o imaginário social sobre a velhice e o idoso. In: PAZ, Serafim Fortes *et al* (Orgs.). **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBISS, 2000.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios velho, velhote, idoso, terceira idade.... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

PONTES, Nádia. **Em exemplo a ser seguido as lâmpadas incandescentes começam a deixar o mercado europeu.** Set. 2009. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2009/09/01/em-exemplo-a-ser-seguido-as-lampadas-incandescentes-comecam-a-deixar-mercado-europeu/>> . Acesso em: 07 set 2009.

SAAD, Paulo Murad. Transferência de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. IN: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60.** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SALES, Clara Maria. **Cidadania do idoso: Retórica ou Realidade?** Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A Família Brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Roberta Mercadante. **Saídas, invenções e poderes: estudo sobre velhices de mulheres.** Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, nº 2, jul./dez. 1990.

SOARES, Elydiana de Souza. **Refletindo os idosos atendidos na Unidade de Abrigo do Estado do Ceará: imagens acerca do processo de envelhecimento e da velhice.** Trabalho de Conclusão de Curso. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará , 2006. CORRIGIR DATA NO TEXTO

SZYMANSKI, Heloísa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, Ano XXIII, nº 71, 2002.

VII. Anexos

ANEXO I: ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM AS EDUCADORAS SOCIAIS QUE ACOMPANHAM OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

01. Qual o tempo de funcionamento do grupo?
02. Quantos idosos estão inscritos no grupo? Destes a maioria é de que sexo? E qual a média de idade?
03. Quantas vezes por semana ocorrem os encontros do grupo? E qual a média de frequência dos idosos nas reuniões?
04. Há um cadastro atualizado com todas as informações dos idosos participantes?
05. Os idosos, que participam atualmente do grupo, estão em média há quanto tempo no grupo?
06. Como se dá a rotatividade dos idosos no grupo? Há muita saída e entrada de novos membros?
07. Como se dá as reuniões, qual sua sistemática?
08. De maneira geral, quais são as atividades desenvolvidas com os idosos?
09. Em quais dessas atividades ocorre a participação da família dos idosos? Como esta se dá?
10. A maioria dos idosos reside com quem?
11. Qual a principal fonte de renda dos mesmos? (pensão, aposentadoria, BPC ou trabalho formal/informal)
12. Há relatos, por parte dos idosos, sobre dificuldades no relacionamento com seus familiares?
13. Como você avalia essa relação?

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa intitulada **Velhice, família e grupo de convivência: os papéis sociais dos idosos na contemporaneidade**, desenvolvida por Elydiana de Souza Soares, estudante do curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade – MAPPS da Universidade Estadual do Ceará – UECE e orientada pelo professor Dr. Hermano Machado Ferreira Lima. Apresenta como principal objetivo verificar e analisar os “novos” papéis sociais assumidos pelos idosos dentro e fora do contexto familiar. E possui como seus interlocutores os idosos participantes dos Grupos de Convivência pertencentes à Prefeitura Municipal de Fortaleza situados na Secretaria Executiva Regional III.

Assim, como um dos requisitos para sua execução, faz-se necessário a aplicação de entrevistas semi-estruturadas com os(as) Educadores(as) Sociais que acompanham tais Grupos. Os dados serão coletados através da utilização de gravador durante a realização das entrevistas. Ressaltamos que todas as informações obtidas serão estritamente confidenciais e utilizadas apenas para fins de pesquisa, sendo resguardada a identidade dos entrevistados(as).

Sua participação e colaboração são de extrema importância para a realização do estudo acima referido, que possibilitará uma compreensão aprofundada da condição atual do idoso dentro e fora do ambiente familiar. O(a) senhor(a) tem a liberdade de se recusar a participar desta pesquisa e pode ainda se recusar a continuar participando no decorrer da entrevista.

Dessa forma, solicito a sua colaboração através deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Tendo em vista o que foi apresentado eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Assinatura do(a) entrevistado (a)

Local e data da entrevista

ANEXO III: ROTEIRO DA ENTREVISTA A SER REALIZADA COM OS IDOSOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

01. Com quem você reside?
02. Para você, o que é família?
03. Qual a posição que você ocupa dentro de sua família? Quais as atividades que você faz dentro de casa? Como se sente ao realizar estas atividades domésticas?
04. Com qual frequência e a partir de quando começou a realizar estas atividades?
05. Encontra alguma dificuldade em realizar estas atividades? Se sim, que dificuldades são essas?
06. Além das atividades domésticas, de que outra maneira auxilia sua família?
07. Presta ou recebe algum tipo de auxílio aos/dos seus parentes que não residem com você? Qual o tipo de auxílio?
08. Como é o tratamento recebido por sua família? Como você avalia a sua relação com os seus familiares? Por quê?
09. De que maneira a sua participação dentro de casa é percebida por seus familiares?
10. Qual sua fonte de renda? Exerce alguma atividade remunerada?
11. E fora de casa, quais suas principais atividades?
12. Como você concilia as atividades executadas dentro de casa com as atividades fora de casa? Existe alguma dificuldade?
13. Qual sua definição a respeito da velhice? O que é ser velho/idoso para você?
14. Como você se sente possuindo mais de 60 anos?
15. Percebe alguma diferença entre os velhos/idosos de hoje e os velhos/idosos de outros tempos?

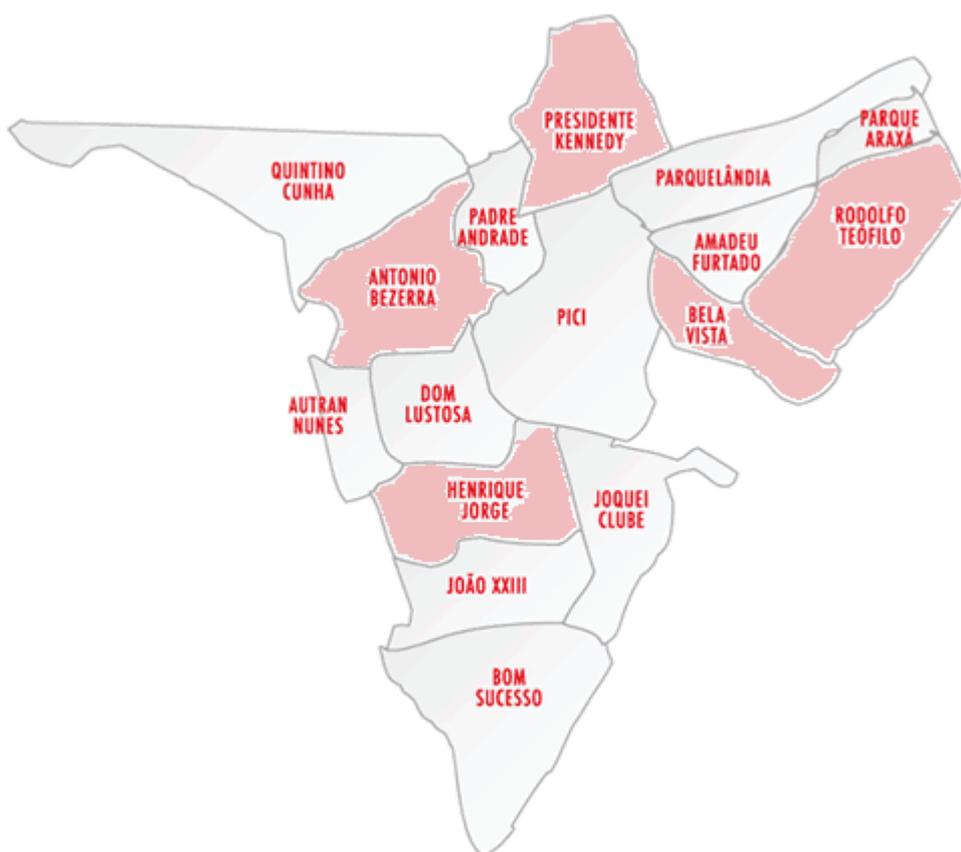
ANEXO IV: ROTEIRO DA ENTREVISTA A SER REALIZADA COM OS FAMILIARES DOS IDOSOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

01. Qual sua idade? Qual sua principal fonte de renda? E qual seu vínculo com o(a) senhor(a) _____⁴⁰?
02. Com quem você reside? Desde quando reside com o(a) senhor(a) _____?
03. Qual a posição que o(a) senhor(a) _____ ocupa dentro de sua família? Quais as atividades que o(a) senhor(a) _____ faz dentro de casa? Como você percebe esse fato?
04. Além dessas atividades domésticas, de que outra maneira o(a) senhor(a) _____ auxilia sua família?
05. Para você, o que é família?
06. Como é o tratamento dispensado ao(à) senhor(a) _____ dentro de sua residência? Como você avalia a sua relação com o(a) senhor(a) referido(a)? Por quê?
07. E fora de casa, quais as principais atividades exercidas pelo(a) senhor(a) _____? Qual sua opinião a respeito disso?
08. Qual sua definição a respeito da velhice? O que é ser velho/idoso para você?

⁴⁰ Nesse espaço será colocado o nome do idoso entrevistado que possui relação com o familiar entrevistado.

VIII. Apêndice

MAPA DA SECRETARIA EXECUTIVA REGIONAL III⁴¹ (Fortaleza – CE)



⁴¹ Mapa retirado do site da Prefeitura Municipal de Fortaleza, disponível em <<http://www.fortaleza.ce.gov.br>>. Data da pesquisa: 11.02.2009.